



A INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS  
CABO-VERDIANOS EM PORTUGAL: O CASO DO INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE LEIRIA.

Dissertação de Mestrado

Bernardino Cardoso Furtado

Trabalho realizado sob a orientação do Professor  
Doutor José Carlos Marques, ESECS

Leiria, abril de 2022

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS, INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE LEIRIA

A INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS  
CABOVERDIANOS EM PORTUGAL: O CASO DO INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE LEIRIA.

Dissertação de Mestrado

Bernardino Cardoso Furtado

Trabalho realizado sob a orientação do Professor  
Doutor José Carlos Marques, ESECS

Leiria, abril de 2022

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS, INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE LEIRIA.

## AGRADECIMENTOS:

A realização deste trabalho foi uma verdadeira luta pelo sonho e foco em nunca desistir, foi um desafio com significado enorme para mim e para o futuro que planejo, devo realçar que esta parte já é uma das etapas do meu futuro.

O presente trabalho não conseguia ser uma realidade sem a honrosa contribuição de pessoas que me acompanharam durante o percurso em momentos bons e menos bons. Profundamente agradecido.

Ao Professor Doutor José Carlos Marques, pela sua orientação e pela sua forma ímpar de sugerir opiniões, tanto pela correção como pelas críticas construtivas, mas também sobre tudo pela sua paciência sem limite.

A minha querida mãe, pela sua atenção inesgotável e pelas palavras de encorajamento cheio de carinho e sabedoria, mesmo estando distante.

Aos meus queridos irmãos e queridas irmãs, que não faltaram apoio em vários domínios, que serviram de suporte para ganhar mais coragem e seguir em frente, mas também pelo apoio financeiro.

Pelos colegas de turma que sempre foram solidários desde momento inicial até ao final. E para a coordenação do curso, respetivamente ao Professor Doutor Ricardo Vieira pela forma em que me acolheu e sua capacidade de me colocar por dentro do assunto.

Muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo abordar e compreender melhor a integração dos estudantes universitários cabo-verdianos em Portugal, concretamente o caso do Instituto Politécnico de Leiria.

Irá ser estudado com mais pormenor o dia-a-dia dos estudantes cabo-verdianos na comunidade académica, assim como na comunidade onde residem através de questionamentos acerca de aspetos básicos e importante do seu processo de integração.

Nomeadamente, será dada atenção fundamentalmente ao processo de pedido de visto no país de origem, à viagem para Portugal, o acolhimento, interação com outras pessoas e outros estudantes através de convivências, participações nas atividades extracurriculares.

Por outro lado, junto da própria escola e através dos responsáveis de cooperações internacionais procura-se ver e compreender ação do Instituto Politécnico de Leiria no acolhimento dos estudantes internacionais, e, também, o papel da mediação e da mediação intercultural neste processo, especificamente na integração dos estudantes.

**Palavras-chaves:** acolhimento, convivência, integração, imigração, mediação, mediação intercultural.

## ABSTRACT

This work aims to better address and understand the integration of Cape Verdean university students in Portugal, specifically the case of the Polytechnic Institute of Leiria.

The day-to-day life of Cape Verdean students in the academic community, as well as in the community where they live, will be studied in more detail through questions about basic and important aspects of their integration process.

In particular, attention will be given fundamentally to the visa application process in the country of origin, travel to Portugal, reception, interaction with other people and other students through coexistence, participation in extracurricular activities.

On the other hand, with the school itself through the leaders of international cooperation, it is sought to see and understand the action of the Polytechnic Institute of Leiria in the reception of international students, and also the role of mediation and intercultural mediation in this process, specifically in the integration of students.

**Keywords:** reception, coexistence integration, immigration, mediation, intercultural mediation.

# ÍNDICE DE CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS:.....	3
RESUMO .....	4
ABSTRACT.....	5
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	7
INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1 - A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E SUA IMPORTÂNCIA NA INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES.....	10
CAPÍTULO 2 - A EVOLUÇÃO DA IMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA E O CONTEXTO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS .....	22
2.1 - A EVOLUÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS CABOVERDIANOS EM PORTUGAL.....	29
2.2 - OS DESAFIOS DE ACOLHIMENTO E A INTEGRAÇÃO. ....	35
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA .....	41
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....	43
4.1- ANÁLISE DAS ENTREVISTAS. ....	45
4.2 - ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS REALIZADOS A ESTUDANTES CABO-VERDIANOS NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA. ....	59
CONCLUSÃO .....	69
BIBLIOGRAFIA.....	73
ANEXOS:.....	78
Anexo 1 - Questionário à estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria. ....	78
Anexo 2 - Transcrição da entrevista à responsável pela cooperação internacional da escola superior da educação e ciências sociais (ESECS). ....	87
Anexo 3- Transcrição da entrevista ao chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do Instituto Politécnico de Leiria. ....	91
Anexo 4 – Transcrição da entrevista do estudante 1 .....	97
Anexo 5 – Transcrição da entrevista do estudante 2 .....	101
Anexo 6 – Transcrição da entrevista do estudante 3 .....	104
Anexo 7 – Transcrição da entrevista do estudante 4 .....	107
Anexo 8 – Transcrição da entrevista do estudante 5 .....	111
Anexo 9 – Transcrição da entrevista do estudante 6.....	115

# ÍNDICE DE GRÁFICOS

**Gráfico I.** Faixa etária dos inquiridos.

**Gráfico II.** Motivação na escolha do Instituto Politécnico de Leiria para estudar.

**Gráfico III.** Meios utilizados para realização de inscrições e matrículas no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico IV.** Tempo em que demorou a obtenção de visto dos inquiridos.

**Gráfico V.** Meios utilizados para sustentar os custos dos estudos.

**Gráfico VI.** Tempo de residência dos inquiridos em Portugal (Leiria).

**Gráfico VII.** Avaliação dos inquiridos ao acolhimento no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico VIII.** Grau de satisfação do aspeto geral no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico IX.** Convivência dos inquiridos no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico X.** Com quem os inquiridos mais convivem no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico XI.** As circunstâncias em que os inquiridos mais convivem.

**Gráfico XII.** Integração dos inquiridos em diferentes aspetos no Instituto Politécnico de Leiria.

**Gráfico XIII.** Grau de satisfação dos inquiridos em diferentes situações referente ao processo de integração no Instituto Politécnico de Leiria.

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura compreender a integração dos estudantes universitários cabo-verdianos em Portugal, particularmente no Instituto Politécnico de Leiria. Busca entender os desafios sobre o processo de viagem, e sua interação no dia-a-dia na comunidade de acolhimento. O estudante cabo-verdiano passa, por vezes, por dificuldades invisíveis para quem não vivencia a sua realidade, entre o tempo de obtenção de visto, saída de Cabo Verde, chegada e acolhimento em Portugal, até à sua efetiva integração.

São multiplicados esforços e sinergias em intervenções muitas vezes compartilhadas entre o estudante, entidades do ensino superior, entidades cabo-verdianas que têm protocolos com Portugal no sentido de facilitar o processo de acesso ao ensino superior no exterior.

Este trabalho tem como principal objetivo perceber até que ponto os estudantes universitários Cabo-verdianos em Portugal, no caso dos do Instituto Politécnico de Leiria, se encontram integrados. A integração constitui um mecanismo fundamental para o progresso pessoal e social do indivíduo no contexto migratório. Ela torna-se um desafio para o estudante a múltiplos níveis como o processo de viagem, a chegada ao destino bem como o seu acolhimento, seguindo-se outros desafios não menos importantes, como a procura do emprego, alojamento, direito à saúde, a educação e formação.

O tratamento de imigrantes deve ser diferenciado, por vezes com enfoque na discriminação positiva das partes, com intervenções baseadas nas relações interpessoais para poder facilitar uma troca de saberes entre os sujeitos envolvidos. A integração dos estudantes universitários não deixa de ser desafiante, uma vez que as exigências relacionadas com a cultura, a língua e a própria convivência num novo panorama social facilitam ou limita a adaptação e o sucesso dos estudantes no percurso académico. Por isso, promover uma maior mobilização em vários domínios que consubstanciam o desenvolvimento da capacidade do outro na aceitação da diferença, numa lógica de conhecimento e partilha mútua, deve ser um dos caminhos para promover a integração.

A integração constitui, por vezes, um termo de diversificadas análises e perspectivas, nem sempre consensuais, devido à sua própria especificidade e abrangência, envolvendo diferentes áreas, e que depende de circunstâncias, pois, face a existência de diferentes

fluxos de imigrantes no mundo, para a Europa e, particularmente, para Portugal, é preciso reconhecer a especificidade da imigração de estudantes para o ensino superior e que para compreensão da sua integração é necessária uma análise concisa da realidade da sua viagem e do desenrolar da sua vida no país de acolhimento.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos fundamentais. No primeiro capítulo encontra-se explanado a importância de mediação intercultural na integração dos imigrantes, no segundo capítulo, à evolução da imigração cabo-verdiana e o contexto dos estudantes universitários. O terceiro capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para a concretização do estudo e, no quarto e último capítulo, realiza-se a apresentação e discussão de resultados que engloba a análise das entrevistas e dos questionários efetuados.

## CAPÍTULO 1 - A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E SUA IMPORTÂNCIA NA INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES.

A mediação tornou-se uma prática constante, por vezes voluntária e espontânea entre pessoas e grupos de pessoas, em que as partes multiplicam saberes e responsabilidades, respeitando as diferenças com o objetivo de protagonizar a solução pretendida. Na afirmação de Vieira e Vieira (2015) “A mediação é hoje um conceito que atravessa vários discursos em várias áreas disciplinares. Facilmente se ouve falar de mediação familiar, sociocultural, de mediação de conflitos, de mediação de seguros, mediação laboral, mediação intercultural, entre outras” (p. 108).

A mediação exige uma capacidade de empatia e diálogo por partes dos integrantes. A mediação não deixa de ser uma arte baseada em técnicas de comunicação, sendo, segundo Cunha e Leitão (2011), um meio de solução de conflitos pelo qual um terceiro apresenta ferramentas e técnicas de comunicação para as partes chegarem ao consenso.

O consenso que caracteriza a mediação é um consenso que possibilita a todos poder estar na base, atuando como iguais enquanto pessoas. Como referem Cunha e Leitão (2011), “Na mediação todos somos iguais enquanto humanos, respeitando as características de cada indivíduo, não sendo possível qualquer espécie de julgamento, as partes não são nominadas como autor – réu - vítima – agressor, são denominados como “mediandos””. (p. 85). No dizer dos autores, a mediação possui uma atribuição de natureza profundamente humana e que possibilita o equilíbrio entre diferentes, mantendo a paz e a harmonia social.

Importa perceber cada vez mais, o significado e a importância da mediação; em partes, ela resolve os conflitos e promove o diálogo entre pessoas e grupos de pessoas sendo o papel do mediador o de “(...) intermediário em situações que existem conflitos, mas sobretudo quando houver dificuldade de comunicação” (Anderson, et al., 2008, p. 99). O que se defende, é que a mediação requer uma ampla capacidade de diálogo, de empatia por parte do mediador a fim de amparar as pessoas em diferentes situações. Por outro lado, também, os autores apontam a mediação como, “intervención desinada a poner de acuerdo, conciliar o reconciliar a personas, o partes” (Anderson, et al., 2008, p. 99). No que se refere ao poder de acordo e o reconciliar, depende muito das partes envolvidas, mas também do papel determinante que o mediador tem no processo.

A mediação constitui um mecanismo fundamental e alternativo no contexto da integração dos imigrantes que, pela sua natureza, deve possuir uma vertente comunicativa recíproca e constante, assim como o respeito pela diversidade. É importante destacar que existem diferentes abordagens e discussões em torno da mediação, sendo assim, muitos sublinham a mediação como a própria integração, devido ao seu papel facilitador entre as partes envolvidas (Oliveira, Galego e Godinho, 2005).

A lógica da mediação encontra-se ancorada na partilha de opinião e diálogo constante entre as partes, o que não exclui a criatividade, pois no processo de mediação ela constitui um mecanismo pertinente e pode tornar-se um intermediário para a convivência entre os envolvidos. Conforme afirma Torremorrell (2008), “a lógica da mediação é ternária e, conseqüentemente, aberta, motivo pelo qual permite a circulação de verdades múltiplas” (p. 70). Conforme mencionou a mesma autora, “um bom processo de mediação é aquele que incita os protagonistas a ouvirem-se atentamente, tentando compreender os pontos de vista da outra pessoa e reconhecendo interesses e necessidades mútuas” (p. 70).

A autora descreve a mediação como sendo, “(...) um processo transformativo que ordena o fluir através dos conflitos, colocando as pessoas no centro” (Torremorrell, 2008, p. 80). Esta observação coloca a tónica na sabedoria do mediador que deve ser a pessoa que equilibra as partes, permitindo vez e voz a todos. O mediador deve ter a capacidade de transformar a situação de mediação em oportunidades de aproximação, participação e de partilha entre os envolvidos.

A mediação possui uma ação presente em qualquer área de intervenção, quer seja a nível escolar, laboral, familiar ou institucional. Neste âmbito pressupõe entendimento, contribui para a consciencialização de tomadas de decisões, numa visão de diferentes opiniões, defende a pluralidade, contribuindo para atitudes democráticas na construção de pontes numa busca da verdadeira integração das partes no todo, atestando um caminho de coesão social (Rebelo, 2019). O que representa a mediação e a mediação intercultural é a comunicação através de aproximação entre as partes. Para Rebelo (2019), “a mediação intercultural passa a ser uma técnica e um método essencial para que a nova realidade intercultural se torne praticável, adotando um método

comunicacional de transformação do social, reformulando as relações sociais e criando novos caminhos onde é possível entender o outro como diferente” (p. 8).

O entendimento do outro é também o propósito da mediação, especificamente da mediação intercultural. A mediação serve de mecanismo na integração dos imigrantes e pode auxiliar nas mais diversas áreas de intervenções com imigrantes e com a comunidade de acolhimento. A mediação é “(...) uma estratégia de construção de pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais” (Vieira e Vieira, 2017, p. 45).

No que concerne a mediação intercultural, Vieira e Vieira (2017), afirmaram que:

A mediação intercultural pressupõe um avanço na desejada coesão social. Inclui os diferentes participantes no conflito, promove a capacidade de compreensão, aceitando as diferentes versões da realidade, defende a pluralidade e contribui para a participação democrática, visto que fomenta a livre tomada de decisões e compromissos. Mas este processo não é automático. (...) Na realidade, na mediação combina-se uma atitude cultural com um manejo de técnicas. É esta ligação a chave da mediação (p. 46).

A mediação intercultural tem muita importância no processo migratório, principalmente para a integração dos imigrantes e pode facilitar na organização das suas vidas, tanto pessoal como social. Seguindo a afirmação de que “a mediação, enquanto categoria do real, não possui o poder “mágico” de transformar teoria em prática” (Pontes, 1997), percebe-se que a mediação no contexto de imigração torna-se uma constante aprendizagem, uma combinação de técnicas, de aproximação, criatividade e dinâmica de intervenção permanente.

Nas intervenções na área da imigração, a mediação intercultural permite uma abordagem relativamente flexível consoante a situação, com ênfase na participação das partes que se envolvem em torno do mesmo. Portanto, entre os vários significados de mediação intercultural aproveita-se o que enaltece uma comunicação perseverante durante o seu processo.

A mediação intercultural é um mecanismo que facilita as pessoas e grupos de pessoas perante a situação de aproximação e contacto de culturas e vivências distintas, ela é tão útil para fazer caminhos e diretrizes de intervenção, mas também para auxiliar na

integração pessoal. Conforme defende Rebelo “A mediação intercultural terá que ter sempre um olhar mais interventivo, delineando estratégias de contacto para uma interação visada em pressupostos equacionados, mas muitas vezes depara-se com algo que terá que reescrever, reorganizar, conforme o perfil da pessoa ou grupo” (p. 5).

“A mediação intercultural surge como uma forma de intervenção que atua em situações sociais de interculturalidade” (Giménez, 1997, citado em Zarro, 2017, p. 25). Conforme esta ideia, a mediação intercultural não deve ser uma prática estática, mas sim dinâmica que consegue adaptar-se face aos distintos contextos. Conforme o mesmo autor (1997, citado em Zarro, 2017),

a mediação intercultural tem por missão ajudar autóctones e imigrantes a descobrir-se e a respeitarem-se nas diferenças próprias e a saber aceitar as diferenças dos outros. Nas comunidades, territórios e países com grande diversidade étnico-racial, religiosa e linguística, a aplicação da mediação intercultural tem a vantagem de promover a aproximação, o encontro e discussão. Facilita a negociação, e, sobretudo, a educação para a convivência (p. 26).

Como afirmou Vieira e Vieira,

Falar da mediação intercultural é admitir que terá de haver transformações das partes envolvidas, em termos de atitudes, comportamentos, representações e ações, por forma a se encontrarem plataformas de entendimento que não são pontos aritméticos fixos, mas, antes, terceiros lugares móveis, consoante as temáticas e acordos em discussão. Mas este processo não é linear e nem sempre tem finais de história felizes, tal como nos filmes românticos (p. 50).

Anderson e colaboradores (2008) esclarecem e mostram as particularidades importantes da mediação entre culturas, ao mencionar “Concebimos, pues, la mediación intercultural como un recurso al alcance de personas de culturas diversas, que actúa como puente, com el fin de facilitar las relaciones, fomentar la comunicación y promover la integración entre personas o grupos, pertenecientes a una o varias culturas” (p. 101). Decorre desta afirmação que a comunicação sempre aparece na base de mediação, e neste caso com o objetivo de aproximar pessoas ou grupos de pessoas de diferentes culturas promovendo a integração.

A mediação intercultural é fundamental no processo de imigração, visto que ela consiste numa técnica de facilitação de conversação e aproximação de pessoas de diferentes traços culturais, permitindo a partilha das dificuldades, mas também de oportunidades e novos conhecimentos.

Falar da mediação, requer também falar do mediador, ou seja, quem coloca na prática procedimentos e intervenções, culminando-as com uma comunicação construtiva para equilibrar as partes e chegar ao consenso desejado. Conforme defende Rebelo (2019) “o mediador intercultural poderá ser mais do que o elo facilitador de comunicação, poderá ser mais um elemento da equipa que atuará em conformidade, promovendo a desburocratização na eliminação das barreiras linguísticas e culturais existentes” (p. 37).

No entendimento de Anderson, et al. (2008, cit. por Zarro 2017, p. 29) o mediador intercultural esforça-se por colocar a comunicação como fundamento das relações entre pessoas de culturas diferentes, evitar situações de violência, gerando a possibilidade de negociação e mediação criadora de um espaço comum, onde se possam encontrar vias para prevenir e resolver tensões e conflitos, assim como mecanismos e estratégias para uma intervenção social competente, no âmbito da imigração e da interculturalidade.

Uma vez mais, o texto produzido por Andersen e colaboradores (2008) descreve as atribuições do mediador no contexto de mediação intercultural,

Ya sea en contextos individuales, interpersonales o grupales, el mediador y mediadora intercultural deben estar preparados para intervenir por igual en situaciones propias de los ámbitos de la salud; la familia; el barrio o la sociedad; la justicia; la dinamización comunitaria, como un ámbito transversal a todos los anteriores (p. 105).

A ideia mencionada demonstra as áreas de intervenção em que o mediador pode atuar, são áreas que também se encontram ligadas à imigração de forma direta ou indireta. No entanto, a mediação traz benefícios profissionais e sociais, mas também algumas complexidades, porque as áreas de intervenção são diversificadas, interligadas, sendo que no contexto de imigração nenhuma delas é indispensável.

Para que a mediação tenha a sua influência no contexto migratório ela deve também privilegiar o acompanhamento das políticas definidas para facilitar a integração dos imigrantes. Como defende Viegas e Dias (2000), “políticas gerais facilitadoras da

integração, são políticas que assegurem a proteção social, o acesso a elevados padrões de prestações de cuidados de saúde e o acesso a uma educação de qualidade e capaz de acompanhar as pessoas ao longo da vida, integrando esses grupos nas estruturas correntes em que tais políticas se baseiam” (p. 198).

Para explorar e perceber melhor a importância da mediação intercultural, deve compreender-se a função do mediador. Casa-Nova (2009), mostrou o trabalho de descodificar, analisar e interpretar o outro e seus valores como um trabalho que deve ser do mediador, ou seja, que

o conhecer deve aprimorar o compreender, o compreender para mediar, mediar para tornar possível a construção de diálogos ou de uma vivência não conflitual na perspectiva dos sujeitos-actores, é o tipo de trabalho inseparável e indispensáveis na intervenção do mediador intercultural (p. 67).

Na imigração são diversas as situações de mediação que podem acontecer entre diferentes pessoas ou entidades. Na mesma linha, a mesma autora frisou que “As situações de mediação são múltiplas, remetendo para realidades sociais diversificadas, tendo lugar nos mais diversos contextos de interação e ocorrem interculturalmente mas também intraculturalmente” (Casa-Nova, 2009, p. 67).

Ainda segundo Casa-Nova, “o mediador é um actor que também foi socializado para um determinado entendimento do mundo social e para que essa estruturação mental não funcione como um impeditivo do conhecimento e compreensão de outros sistemas culturais, mas antes como uma mais-valia” (p. 68). Repara-se, que o mediador que conjuga o seu esforço pessoal e o saber técnico facilita a integração no contexto migratório, primando pela compreensão da diferença e procura do caminho de auxílio a quem precisa.

Sobre o papel do mediador, conforme Andersen e colaboradores (2008), nota-se que, “a flexibilidade, o respeito, a cooperação, a honestidade, sinceridade, serenidade, tolerância, comprometimento, solidariedade, criatividade, imaginação e coragem se destacam como características do mediador” (Anderson, et.al., 2008, p. 112). Mas só torna viável a ação do mediador intercultural para facilitar a integração dos imigrantes com essas características de uma forma serena e em articulações com outros serviços que atuam na imigração, inclusive as que tem o poder de decisão.

Ainda à luz dos mesmos autores, “la mediación intercultural apunta a tres objetivos fundamentales: contribuir a una mejor comunicación, una mejor relación y una mejor integración entre personas os grupos presentes en un territorio, y pertenientes a una a várias culturas” (p. 115). A importância da mediação intercultural para a imigração, afigura-se na possibilidade de contribuir para uma maior e melhor comunicação entre pessoas e constitui uma razão da intervenção. Ainda no mesmo texto demonstra-se que da mediação intercultural resultam as três funções essenciais, (...), “facilitar la comunicación, fomentar la cohesión social y promover la autonomía y la inserción social de las minorias, sobre las que vamos a detenernos a continuación” (Anderson, et al., 2008, p. 115).

A vertente dialógica ou comunicativa que a mediação possui é a parte relevante no contexto migratório. Por isso, refletir a importância da mediação intercultural no processo da integração dos imigrantes leva-nos a pensar na comunicação em si, ou melhor dizendo, numa boa comunicação. Conforme ressaltou Vieira (2016), “pensar em comunicação obriga a pensar em compreensão, interpretação”. No contexto migratório, bem como da integração dos imigrantes, como realça a autora, a interpretação é fundamental e indispensável uma vez que há sempre cenários que exigem o esforço de reflexão para a melhoria do entendimento sobre o que caracteriza as diferentes partes, nomeadamente nas expressões linguísticas, na fala, nos traços culturais entre outros.

A integração dos imigrantes caracteriza-se no âmbito de diversidades e diferenças. Nesta esfera, a mediação destaca-se como uma alternativa facilitadora e de inclusão, pois na comunicação pretendida neste processo, o consenso é a base que deve conduzir as relações. Segundo Aguado (2000), o consenso é especialmente significativo em relação à integração, sobre as culturas distintas, sobretudo as culturas com menor representatividade. O consenso, a que tantos se referem em volta do conceito de mediação, leva a uma reflexão sobre a educação e o papel do educador no processo da mediação. Para Lemay (2003), “o educador é sempre este personagem que tenta estabelecer uma ponte entre um ser atual e em devir e uma envolvente que deve dar a sua contribuição a “um processo de evolução”” (p. 112).

Em qualquer parte do mundo há hoje a necessidade de uma educação de convergência e coesão sem discriminação, pois o contexto intercultural requer também o educador de qualidade. Seguindo esta mesma ideia, Dalcin (2011) afirma que “a Educação

Intercultural requer muito mais o desenvolvimento das capacidades do saber respeitar, acolher e aprender com o outro e, não apenas despertar no coletivo o saber tolerar para o poder conviver” (p. 7).

No processo de imigração e integração do imigrante, a mediação intercultural assume características educativas próprias devido à sua necessidade de comunicação entre as partes envolvidas que permite criação de novas relações pessoais e sociais. Rosário e Santos (2008), destacam a integração como um processo de aproximação entre os recém-chegados e a comunidade local ou de acolhimento. Na realidade da imigração, e dos que emigram, a mediação deve servir de ponte para a integração social, económica e até política. Portanto a referida “ponte” que se tenta estabelecer é, muitas vezes, uma das atribuições inerente a mediação intercultural e indispensável para o processo de integração dos imigrantes.

Consoante Mirotshnik (2008),

A relação entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento situa-se sempre num contexto histórico e institucional e inscreve-se na articulação entre dois tipos de poderes desiguais – o da sociedade e o da minoria – que, em contexto sociopolítico, pode resultar num clima de indiferença, de solidariedade ou de conflito entre os interesses dos imigrantes e os interesses da sociedade de destino (p. 21).

A indiferença ora referida deve ser evitada no processo de integração, ou pelo menos amenizada com práticas de mediação consistentes, comunicativas e construtivas.

Na mesma linha de pensamento, o autor repôs uma definição com um significado abrangente de integração do imigrante que requer uma junção de duas realidades do ser humano, (parte social e cultural). Ou seja,

a integração define-se como um processo de construção das condutas comuns à sociedade recetora, que integra dois aspetos complementares: O aspeto cultural, que representa a assimilação dos valores e padrões culturais da sociedade de acolhimento; o aspeto social, que representa a assimilação, pelo indivíduo, da estrutura das condutas sociais dominantes, através da interiorização de regras e de normas que lhe servem de base (Mirotshnik, 2008, p. 23).

Segundo o autor,

A integração é um processo que significa que esta não pode ser adquirida de uma só vez, mas passa pela interação permanente no seio da sociedade, significando que a integração não está comprometida com um resultado final específico nem na esfera cultural, nem social. Na lógica da integração, os imigrantes não só se definem pelas suas pertenças de origem, como também a sociedade de acolhimento deve as reconhecer como autónomas e ambos visam a sua preservação (p. 37).

A mediação intercultural para a integração dos imigrantes, privilegia uma abordagem centrada nas pessoas, respeitando seus anseios, principalmente as suas crenças culturais com propósito de melhor compreender as circunstâncias advenientes do processo de imigração. Por isso, a ação do mediador intercultural é de grande utilidade e determinante para o equilíbrio social quando verdadeiramente valoriza a pessoa humana na sua integridade.

A mediação intercultural, ou o mediar entre diferentes culturas, exige uma determinada competência, disposição, autonomia de pensamento, humildade, e, sobretudo, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Como refere Robertis (2011), “para o trabalhador social as intervenções no meio da pessoa implicam o exercício de um papel de mediador, de porta-voz dos interesses da pessoa e é assim levado o interceder em seu favor junto dos outros” (p.198).

A mediação intercultural, é um conjunto de procedimentos desafiantes junto dos sujeitos com necessidades de uma interligação dialógica para uma melhor integração. No contexto da imigração esta realidade não passa despercebido na Europa e em Portugal devido ao aparecimento de vários e fortes fluxos de imigrantes, a realidade é de interação de diferentes culturas, (Oliveira, Galego, e Godinho 2005). Na opinião dos autores,

o grande desafio cultural para a Europa é a escolha entre uma sociedade multicultural ou intercultural”. Ainda acrescentaram que “atualmente não se deve resumir apenas em falar de cultura, mas sim de culturas, porque tornou-se urgente um diálogo em que cada cultura reconheça o outro como diferente de si, e não como inferior ou superior (p. 53 - 54).

Nos diferentes tipos de mediação existente é evidente a variedade de soluções perante às circunstâncias que a mesma se expressa; “a mediação é uma técnica e um método fundamental para que a realidade intercultural se torne possível, assumindo-se como um processo comunicacional de transformação do social, requalificando as relações sociais e concebendo novos percursos onde é possível entender o outro como diferente” (Oliveira, Galego, e Godinho, 2005, p. 56).

A mediação intercultural também compreende a intervenção entre culturas, pessoas ou grupos de pessoas com distintas diferenças e valores culturais perante uma determinada realidade, bem como entre determinados objetivos pessoais e sociais, em que a capacidade do mediador deve primar por uma intervenção facilitadora do diálogo.

Consoante afirma Jares (2007), “As pessoas crescem e humanizam-se graças à linguagem e ao diálogo” (p. 34). A troca de diálogo motiva uma aproximação e interação para influenciar o saber viver e conviver. Por isso, a importância da mediação intercultural para a integração dos imigrantes figura também na capacidade do interventor/mediador e por conseguinte, nas suas funções enquanto terceiro (Cunha e Leitão, 2011, Torremorell, 2008).

A capacidade do mediador é uma constante construção, o mesmo quando procura estabelecer o compromisso entre as características pessoais e profissionais, entre o saber fazer, o saber ser e o saber estar. São indispensáveis para a prática e amadurecimento profissional, as seguintes atitudes e competências: conhecimento básico da cultura do outro, conhecimento das regras dos sujeitos, mecanismo da defesa dos direitos fundamentais humanos, bem como idoneidade, responsabilidade na tomada de decisão e capacidade comunicativa (Anderson, et al., 2008, p.109).

No dizer de Jares,

o mediador ou mediadora facilita o diálogo entre as partes opostas e permite que encontrem soluções para as suas necessidades, pois a ideia de intervenção de terceira pessoa no contexto de mediação não deve ser o de decisor nem de impositor, mas sim, do ouvinte, dialogante, porta-voz que atua com empatia e com a noção de que o todo envolvido é que deve projetar soluções que as partes pretendem (p. 246).

No contexto de imigração, o empoderamento das partes é essencial e mostra o lado da liberdade e flexibilidade, facilitando vez e voz em igualdade de circunstâncias, pois estes são práticas que a mediação possui em relação às outras formas de intervenções. Para Vieira (2016), “a finalidade do processo de mediação é buscar a autonomia desses grupos de pessoas [empowerment].” (p. 104).

A mediação intercultural desempenha um papel facilitadora no cotidiano do imigrante junto da população acolhedora, mas também pode ser em cooperação com diferentes entidades que desempenham funções ligadas à imigração, concretamente as de integração do imigrante. Conforme várias citações feitas no presente trabalho, a mediação não funciona como magia, e nem tão pouco, como um instrumento que procura a solução dos problemas isoladamente, mas sim, um mecanismo pelo qual as decisões serão mais equitativas, inclusivas e democráticas.

No que se refere à categoria de imigrantes que constituem objeto do presente estudo, deve referir-se que os estudantes imigrantes, tanto quanto outros imigrantes, possuem aparentemente suas motivações que os levam a imigrar. No país de acolhimento adquirem novas experiências, novas aprendizagens, valores que podem ser determinantes para a sua integração, ou que podem constituir um obstáculo consoante a socialização e qualidade de vida que os mesmos adquirem. Como refere Lino (2018),

Muito antes da tomada de decisão – no sentido de realizar a sua mobilidade ou estudos no estrangeiro – qualquer estudante é afetado direta e indiretamente de diversas maneiras pelo meio onde se insere: país de origem, o meio académico, meio familiar, círculo de amigos e até mesmo os próprios gostos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida (p. 28).

A Mediação Intercultural é um instrumento facilitador de integração dos imigrantes. O estudante internacional, enquanto imigrante, deve posicionar-se positivamente face aos desafios no processo da adaptação na comunidade de acolhimento. Por tanto, o estudante não se deve limitar aos constrangimentos do quotidiano, mas sim facilitar o processo de integração tomando parte do mesmo, com a sua participação, envolvimento e empatia. Desta forma, qualquer intervenção em forma de mediação ajuda uma integração ativa. A mediação intercultural desempenha uma função importante no processo de integração, é uma prática que une a necessidade do imigrante com as condições necessárias para uma vida mais empoderada, cooperativa e sustentável, é o

processo que reabilita, transforma a situação de dificuldades em oportunidades de soluções duradouras e inclusivas.

## CAPÍTULO 2 - A EVOLUÇÃO DA IMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA E O CONTEXTO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

A imigração tornou-se um tema de atualidade e tem sido sujeita a várias abordagens no decorrer da história da humanidade, influenciando direta ou indiretamente a vida do ser humano. As consultas e análises realizadas demonstram que a razão mais comum para as migrações é a procura de melhores condições de vida, devido as desigualdades e assimetrias entre as regiões e países, a pobreza, e o próprio desejo de conhecer outros países, bem como a necessidade de estudar fora do país de origem.

Abordar a imigração cabo-verdiana requer um olhar abrangente da sua história, suas condições sociais e económicas, bem como as suas condições naturais, localização geográfica enquanto país insular frágil em termos económicos. A história da imigração de Cabo Verde para o mundo, particularmente para Europa e Portugal, ganhou maior atenção dos analistas e teóricos nacionais e internacionais e vem ganhando espaço devido ao seu fluxo numa dinâmica ascendente e, por vezes, acompanhando as possibilidades e constrangimentos da evolução das migrações no Mundo.

Situadas a 455 Km da costa africana, as ilhas de Cabo Verde estendem-se por cerca de 4033 Km<sup>2</sup> e foram formadas pela acumulação de rochas, resultantes de erupções sobre as plataformas submarinas. À exceção das ilhas da Boavista, do Sal e do Maio, o relevo do arquipélago é acidentado, com altitudes que ultrapassam os mil metros em algumas ilhas atingindo os 2.882 metros na ilha do Fogo, o ponto mais alto de todo o país. As ilhas são divididas em dois grupos, assim, de Barlavento fazem parte Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Sal e Boa Vista enquanto Maio, Santiago, Fogo e Brava integram o grupo das de Sotavento (Fonte: <https://www.governo.cv>).

O arquipélago de Cabo Verde terá sido descoberto no ano de 1460 por navegadores italianos e portugueses. Santiago foi a ilha mais favorável para a ocupação e assim o povoamento começa ali em 1462. A demarcação cultural em relação a Portugal e a divulgação de ideias nacionalistas conduziram à independência do arquipélago em julho de 1975. Em 1991, na sequência das primeiras eleições multipartidárias realizadas no país, foi instituída uma democracia parlamentar com todas as instituições de uma democracia moderna. Hoje Cabo Verde é um país com estabilidade e paz social, pelo

que goza de crédito junto de governos, empresas e instituições financeiras internacionais. (Fonte: <https://www.governo.cv>).

A Capital da República de Cabo Verde é a cidade da Praia, na ilha de Santiago, que goza de estatuto administrativo especial, nos termos da lei. O perfil do País pode resumir no seguinte: Área: 4,033 km<sup>2</sup> / 10 ilhas, população: 525,000 estimada, clima tropical seco, com temperatura média de 25° e do mar 22°, com duas estações do ano, a mais longa a estação seca que dura a maior parte do ano, e a húmida que vai de agosto a outubro. Diversidade étnica: crioulos (mulato) 71%, Africanos 28%, Europeus (1%), religiões principais: cristã (católico romano e Protestantes), moeda: escudos cabo-verdiano (CVE); 1 EURO (€) =110,265 Escudos (CVE), sistema político: multipartidário. Cabo Verde tem hoje um regime parlamentar estável (Fonte: <https://presidencia.cv/>).

Apesar dos ganhos testemunhados ao nível do desenvolvimento nas últimas décadas, o arquipélago continua a registar uma elevada saída de pessoas para o exterior, principalmente dos mais jovens, cujo objetivo principal é a procura de melhores condições de vida, nomeadamente trabalhar, estudar e reencontrar os familiares. O país tem uma grande diáspora, sobretudo na América e na Europa, tendo Portugal sido o maior destino nas últimas décadas. O imigrante da primeira fase do fluxo de imigração para Portugal vinha, sobretudo, preencher os défices da mão-de-obra existente no momento, principalmente no sector da construção civil (Góis, 2008; Teixeira, 2014).

Cabo Verde foi uma das colónias portuguesas que não tinha condições para oferecer a todos os seus descendentes, surgindo Portugal como uma alternativa mais viável e próxima. No olhar de Alves (2012), “As condições de trabalho dadas pelo país constituem um fator de atração para os imigrantes, que vêm na maior parte das vezes, em busca de uma melhor qualidade de vida, principalmente, ao nível profissional, económico, social e educacional” (p. 11). A procura de melhores condições de vida através da emigração tornou-se o objetivo de maioria dos que saíram do seu país de origem para o exterior.

A história de emigração cabo-verdiana afirma-se como uma mobilização determinante da sua população e caracteriza de forma marcante o progresso das ilhas. Foi afirmada por vários autores que a imigração cabo-verdiana teve início há mais de quatro séculos, pois a história mostra que pouco tempo após o seu povoamento, já havia muita

mobilização de pessoas para exterior com diferentes objetivos, tanto individual como em grupos. Na afirmação de Teixeira:

Cabo Verde tem um fenómeno migratório que é uma das componentes mais antigas e mais estáveis da história do país. Esse fenómeno começou a manifestar-se cedo, desde o século XV, a partir do momento em que a coroa portuguesa tentou controlar as atividades comerciais das ilhas e as ações consideradas negativas dos mercados, Santiago e Fogo (p. 21).

É de referir que as duas ilhas mencionadas na citação (Santiago e Fogo), eram as que apresentavam algumas condições para abastecer o país com as suas limitadas atividades económicas. Deste modo, havia homens e mulheres inconformados com a situação vivida, começando a sair para outros países do continente africano à procura do que não era possível encontrar em Cabo Verde (Teixeira, 2014, p. 21).

No dizer de Carita e Rosendo (1993), “Cabo Verde possui uma história migratória desde os finais de século XVII, inícios de século XVIII, até aos dias de hoje” (p. 142). Assim, podem identificar-se vários fluxos com destino à Europa e ao resto de mundo. Contudo existem fluxos característicos de cada época. A partir do século XV e XVI, o fenómeno migratório cabo-verdiano marca a sua história, e por vezes a sua afirmação. Devido as necessidades económicas e sociais que o país atravessava, desenvolveram-se novos cenários que permitiram a reconfiguração da realidade de Cabo Verde e da sua relação com o Mundo, dando início a uma diáspora que aos poucos se vem consolidando.

Conforme afirma Góis, (2008):

Os cabo-verdianos têm uma tradição e uma história que os liga a Portugal. A imigração cabo-verdiana para Portugal terá certamente começado ainda no século XVI ou XVII. Ao longo de séculos a imigração persistiu, oculta aos olhos da maioria, escondida pelo breu da escravatura que toldava a razão, no século XX, porém, consolidada a liberdade individual e o direito de movimento, Portugal foi escolhido por muitos cabo-verdianos para aqui viverem, estudarem ou trabalharem (Góis, 2008, p. 12).

Na ideia de Marques e Góis (2007) “As origens da imigração cabo-verdiana em Portugal podem ser encontradas nos anos 60, altura em que migram para a (então) metrópole um número significativo de trabalhadores cabo-verdianos para laborarem no sector mineiro,

na construção civil e obras públicas” (p. 5). Portugal pouco a pouco consolidou-se como país de acolhimento de imigrantes de várias nacionalidades, tendo registado uma procura considerável por parte dos oriundos de países africanos, com uma grande preferência por parte dos cabo-verdianos.

Conforme afirma Mendonça (2014),

Desde a década de 60, Portugal tem acolhido as comunidades africanas, mais concretamente cabo-verdianos, visto que, têm uma forte presença cultural (...). Entre vários motivos de escolha de Portugal como destino, estão a cultura e a língua, mas também os laços estabelecidos desde época colonial, o que fez com que muitos cabo-verdianos preferissem Portugal como destino para melhorar as suas condições de vidas (p. 23-24).

Os residentes cabo-verdianos em Portugal são o resultado de sucessivos tipos e fases da imigração cabo-verdiana. Como afirma Teixeira (2014) “A comunidade cabo-verdiana atualmente residente em Portugal é o resultado de um somatório de sucessivos fluxos, com diferentes histórias de inserção sócio-económica” (p. 40). A comunidade dos cabo-verdianos em Portugal tem ultrapassado alguns obstáculos enquanto imigrante, mas tem também registados muitas histórias de sucessos na comunidade de acolhimento nos diferentes setores, servindo muitas vezes de incentivos para os imigrantes mais jovens.

No observar de Teixeira, as causas da imigração cabo-verdiana são, sobretudo, de natureza económica. A autora frisa, em particular a incipiente capacidade produtiva do arquipélago para fazer face às necessidades que acompanharam o desenvolvimento de Cabo Verde. “As poucas atividades produtivas de tipo semi-industrial viram ao longo dos tempos diminuir cada vez mais o volume das produções” (Teixeira, 2014, p. 27).

A capacidade de dar resposta às várias demandas sociais, económicas que o arquipélago tinha, colocava em causa o desenvolvimento equilibrado e equitativo, e, por vezes, sem uma solução à vista para as famílias. Face a este contexto, sair do país constitui uma oportunidade para levar uma vida diferente perspetivando sempre a melhoria em relação a terra natal. Ainda no que se refere a saída de pessoas de Cabo Verde para o exterior, Lopes (2013) afirmou que “vários fatores têm contribuído para a continuada emigração cabo-verdiana, sendo de destacar: problemas económicos que resultam da irregularidade e escassez das chuvas, problemas relacionados com a fome e a miséria, problemas de

carência dos serviços da primeira necessidade e sobretudo da falta dos recursos naturais” (p. 34).

O fluxo de imigrantes de Cabo Verde para a Europa vem aumentando gradualmente com o tempo, principalmente a partir de 1975, momento marcante devido a sua independência enquanto nação. Com diversas transformações sociais, económicas e políticas, o aumento dos imigrantes era sobretudo para abastecer o mercado de construção civil em Portugal. Cabo Verde manteve um fluxo migratório constante e diversificado, pois os cabo-verdianos tinham os olhos postos nas oportunidades disponíveis em Portugal enquanto um destino situado na Europa e com ligação para o resto do mundo.

De acordo com Lopes (2013), “Efetivamente, Cabo Verde tem uma forte tradição de emigração e este fenómeno está enraizado na sociedade como meio de sobrevivência para a maioria dos crioulos” (p. 35). Ainda sobre o mesmo assunto, Lopes acrescenta que também as questões psicológicas têm um grande peso na tomada das decisões de emigrar em Cabo Verde. O autor mostrou uma evolução da emigração cabo-verdiana no presente, salientando que “a emigração contemporânea cabo-verdiana também está profundamente ligada ao fator psicológico e ao desejo de conhecer outros destinos e de realizar sonhos” (Lopes, 2013, p. 35). A realização de sonhos, mencionada pelo autor, acompanhou a história dos cabo-verdianos, fazendo a emigração uma realidade quotidiana passando de geração em geração.

Cada abordagem teórica acerca de emigração cabo-verdiana vem sendo um contributo essencial para compreensão da sua história enquanto país pequeno, de um povo que procura solução para uma vida nova. As saídas de pessoas marcaram Cabo Verde e continuam a deixar marcas. Conforme defende Lopes, “A emigração de cabo-verdianos para Portugal é um fenómeno antigo que sempre acompanhou o desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana, cuja evolução ficou mais forte a partir da década de 60 do passado século XX e atingiu o seu pico na década de oitenta e noventa do mesmo século” (p. 38). O mesmo autor vem mostrar que “a comunidade cabo-verdiana continua a deixar a sua marca na sociedade portuguesa, não apenas como resultado da sua participação no mercado de trabalho, mas também do ponto de vista cultural, em domínios como a música, a gastronomia e também, de uma forma muito particular, a própria língua” (p. 40).

No decorrer da imigração dos cabo-verdianos para Portugal, houve diferentes aspetos que marcaram a cada época. Conforme sublinhou Lopes (2013):

No atual contexto da globalização que aparece ligado à crescente dinâmica das migrações dos anos 80 e 90, é nessa altura que os fluxos migratórios de cabo-verdianos para Portugal sofreram um crescimento assinalado, tendo atingido o seu pico neste período. Trata-se do período de entrada de Portugal na CEE e de expansão e modernização da economia portuguesa, ocorrendo faltas de mão-de obra em diferentes sectores de atividade e uma corrida desenfreada por parte dos cabo-verdianos a integrarem-se nas profissões que exigem baixo nível de qualificações (p. 43).

Sobre Portugal como país de acolhimento de imigrantes, Malheiros e colaboradores (2011) referem o seguinte:

Portugal, país de imigração é uma ideia recente, que traduz uma realidade surgida do processo de transição entre emigração e imigração que, após dois momentos específicos relacionados com chegadas das ex-colónias (a imigração cabo-verdiana da 2ª metade dos anos 60 e a imigração de todos os PALOP efetuada no quadro dos processos de descolonização e da transição política subsequente), se operou de forma sistemática e progressiva entre os anos 80 do século passado e o início do presente decénio (p. 4).

Como se pode observar, no que toca a entrada de pessoas em Portugal, sempre se verificou uma forte ligação com a comunidade africana de uma forma geral, especialmente com os países de língua oficial portuguesa, devido à sua ligação histórica e às relações económicas e culturais.

O imigrante cabo-verdiano, tem uma ligação considerável com o seu país de origem. Radicado em vários países do mundo, o imigrante cabo-verdiano tem estado a suportar os equilíbrios financeiros e materiais de várias famílias. Ou seja, o imigrante cabo-verdiano, tem estado a contribuir significativamente para o desenvolvimento de Cabo Verde, tornando um parceiro indispensável do governo e das famílias. “As remessas dos emigrantes têm constituído um fator muito importante para o equilíbrio da economia de muitas famílias em Cabo Verde e tem diminuído o défice da balança de transações correntes do arquipélago” (Marques e Góis, 2007, p. 13). O imigrante cabo-verdiano tem feito a ligação com sua terra natal em diferentes áreas. “A manutenção dos laços

com o país de origem faz-se sobretudo a nível simbólico, através da utilização da língua de origem, da gastronomia, do consumo ou receção de música, dos média ou literatura do país de origem, que se valorizam tanto ou mais do que a do país de acolhimento” (Marques e Góis, 2007, p. 16). A ligação do imigrante cabo-verdiano com a sua terra natal é uma prática antiga e que encontra mais acentuado na parte cultural.

Marques e Góis (2007), explicaram as práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal da seguinte forma:

No que concerne as práticas transnacionais dos cabo-verdianos em Portugal, a dinâmica da produção e/ou dos consumos é bem visível a nível cultural, sendo este talvez o aspecto mais notável do transnacionalismo cabo-verdiano enquanto partilha vivencial entre sociedades. Este transnacionalismo centra-se, sobretudo, em quatro domínios da esfera cultural cabo-verdiana: a música, a língua, a dança e a gastronomia, com importância e influência diferenciada (p. 16).

O imigrante cabo-verdiano em Portugal, traz consigo um conjunto de valores e aspetos que marcam uma identidade de geração em geração, manifestando os seus sentimentos por onde passam e por onde permanecem radicados.

Seja trabalhador, estudante, ou aqueles que deslocam por outros motivos, ser imigrante na Europa e em qualquer parte do Mundo tem os seus custos e desafios. Segundo António (2011), “ser imigrante em Portugal não acarreta o mesmo tipo de experiências para uma pessoa originária de um país da União Europeia, de um dos Países Africanos de língua oficial Portuguesa (PALOP), do Brasil, da Ucrânia ou do Paquistão” (p. 40). Ou seja, cada imigrante consoante a sua origem, cultura e princípios, tem também a sua forma de socialização e integração na comunidade de acolhimento.

A imigração cabo-verdiana mostrou ser de diferentes características ao longo do tempo, tendo Portugal como seu importante e principal destino, os imigrantes cabo-verdianos carregam sua identidade de origem, mas também interiorizam outros traços culturais. A saída de pessoas de Cabo Verde teve diferentes motivos, as condições económicas predominam e há muitas pessoas em procura de melhores alternativas.

## 2.1 - A EVOLUÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS CABOVERDIANOS EM PORTUGAL.

O contexto de estudantes universitários cabo-verdianos no estrangeiro tem as suas especificidades, à semelhança de outros imigrantes. Consoante afirmação de vários autores, o seu percurso foi progressivo, modificando-se a sua dinâmica consoante os planos pessoais e a ação de vários fatores, inclusive das políticas migratórias, tanto do país de origem como de acolhimento. A compreensão da imigração na atualidade, concretamente dos estudantes universitários, requer o entendimento da internacionalização do ensino superior como um processo (Veiga, 2011).

Importa também aspetos importantes no que diz respeito ao próprio investimento na educação que Cabo Verde tem feito ao longo dos tempos. Conforme apreciação de Mourão, desde o período colonial havia o movimento intelectual cabo-verdiano, formado principalmente pelos estudantes que foram sensibilizados pelas ideias nacionalistas, construídas dentro e fora de Cabo-Verde, (Mourão, 2013, p. 53). Foi mesmo nos momentos mais conturbados na história de Cabo Verde que os jovens começaram a ter ações preponderante na sua formação, com o objetivo de adquirir habilidades a fim de tomar posições e ajudar na construção do país que se pretendia.

Os estudantes de Cabo Verde deram as suas contribuições muito cedo para o desenvolvimento da sua terra natal. Mourão demonstrou a contribuição de estudantes no tocante à cidadania e à participação ativa nas diversas oportunidades de aprendizagens ao longo da vida, através da criação de várias organizações de estudantes dos países colonizados e apresentou a essência de criação da casa do império (CEI), concretamente em Portugal que era uma associação de jovens “ultramarinos”, que era na sua maioria os angolanos e cabo-verdianos estudantes da metrópole (Mourão, 2013, p. 46). Conforme afirma o autor, “os agrupamentos de estudantes em associações e escolas dava início a uma nova forma de ver e trabalhar a estratégia de luta de libertação nacional dos países colonizados, desempenhando, assim, um papel influente dos estudantes nessa luta” (Mourão, 2013, pp. 46-47).

Conforme sublinhou Varela (2010) “A sociedade cabo-verdiana era uma sociedade dotada de infra-estruturas em moldes “educacionais” e “informativos” que lhe permitia, de uma certa forma, ombrear com as demais possessões ultramarinas portuguesas, estando até na vanguarda do desenvolvimento social e “cultural” comparativamente com

aquelas sociedades” (Varela, 2010, p. 37) Desde início de afirmação de Cabo Verde enquanto estado, houve iniciativas louváveis para alavancar a formação da sua população em diferentes e desafiantes setores sociais, económicos e culturais. Cabo Verde tem feito investimentos na área de educação e formação, devido à necessidade de ter uma sociedade instruída. O autor enaltece que:

Cabo Verde, assumiu logo a sua responsabilidade no que se refere a necessidade que o país tinha no âmbito da educação e formação da sua população bem como a de infra-estrutura para poder resolver o problema do momento, (...), pois em primeiro lugar, o arquipélago de Cabo Verde dispunha já no início do século XIX de escolas públicas, construídas em lugares importantes como na capital da província (Varela, 2010, p. 37).

Repara-se que ao nível da educação Cabo Verde enfrentava algumas limitações, que se podem resumir em dois grandes grupos: investimentos nas infra-estruturas de ensino – construções de escolas com todas as exigências que se requer para pôr a funcionar para o benefício dos alunos e professores – e, por outro lado, investimentos na classe docente quer na formação de quadros e melhoramento do programa escolar, quer ainda a nível salarial. Por outras palavras pode-se dizer que a educação e formação acompanhou o progresso das ilhas. Conforme a evolução do país, também a estrutura da educação evoluiu. Faces às carências internas a sociedade reconheceu a necessidade, e a importância da escola na formação dos jovens, sendo que esta tarefa seria igualmente dividida entre o Estado (governo) e a família. “Assim, seria preciso uma articulação entre os dois “agentes”, assumindo, particularmente o governo, a responsabilidade de garantir e assegurar a educação e formação da população” (Varela, 2010, p. 57).

Ainda que Cabo Verde tenha realizado investimentos na formação da sua população, não parou a procura de formação no estrangeiro e particularmente em Portugal. Com a criação da primeira universidade pública do país (Universidade de Cabo Verde), em 2006, os estudantes universitários cabo-verdianos passaram a ter mais oportunidades e preferências para fazer o ensino superior em comparação com anos anteriores. O estudante pode escolher sua terra natal ou procurar vagas para fazer a sua formação superior no estrangeiro.

Para melhor entendimento da imigração dos estudantes universitários, não se deve limitar a análise apenas às questões de formação académica em si, mas também

averiguar a questão da escolha do destino para a sua formação académica, bem como a sua integração no país de acolhimento. Como já referido, no caso de estudantes universitários cabo-verdianos, existe uma ligação permanente com Portugal devido a vários fatores. Na afirmação de Lopes, “(...) a imigração cabo-verdiana para Portugal não é exclusivamente laboral, pois o país acolhe uma grande comunidade estudantil de Cabo Verde, devido aos Acordos no domínio da Educação e Formação, quer a nível técnico-profissional, quer a nível superior” (Lopes, 2013, p. 44).

Por várias razões os estudantes universitários cabo-verdianos têm múltiplas características, ou seja, trazem consigo realidades multifacetadas consoante o contexto individual, social ou coletivo. Para Batalha (2008, citado em Mourão, 2013), os estudantes cabo-verdianos de ensino superior nem podem ser caracterizados como parte da comunidade de imigrante trabalhadora nem como parte da elite colonial cabo-verdiana, ou seja, na ideia do autor, o estudante universitário de Cabo Verde nem sempre apresenta características semelhantes a outros imigrantes da mesma origem. Alguns estudantes cabo-verdianos fazem parte de elites financeiras e/ou intelectuais em Cabo-Verde, outros não, alguns têm familiares em Portugal, outros não; alguns trabalham para pagar os estudos, outros não. “Mas o principal fator distintivo é o projeto de ascensão social a ser realizado no retorno a Cabo-Verde, que os distingue dos outros estudantes que ficaram no país e dos que estão na diáspora (como os jovens de “segunda geração”), em especial aqueles que os próprios estudantes chamam de “imigrantes”” (Batalha, 2008, citado em Mourão, 2013, p. 78).

Ao falar do ensino superior e de estudantes internacionais, trata-se de situar o contexto deste ensino numa esfera além-fronteiras. É fundamental conhecer o fenómeno de internacionalização do ensino superior. Na conceção de Alves (2015), “a internacionalização do ensino superior consiste num processo que permite, entre outras situações, aquela troca e/ou transferência de conhecimento, quer através da mobilidade de estudantes, professores e investigadores, quer através de projetos conjuntos entre (...) instituição de ensino superior de diferentes países ou continentes” (p. 24). Esta referência vem reforçar a ideia de que este formato de ensino superior tem as suas especificidades e características próprias, ou seja, inclui formações de curta duração, como estágios e intercâmbios, e formação mais prolongadas, nomeadamente cursos de vários níveis (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento).

A internacionalização do ensino superior abarca as questões de natureza política, económica, social e cultural. Guerreiro (2014), na sua dissertação de mestrado, trouxe informações pertinentes para a compreensão do fenómeno de internacionalização, mas não as limitou apenas à questão referente ao ensino e às instituições de ensino superior. O autor desenvolveu várias outras questões que ajudam a melhor entender a situação da internacionalização, suas causas, bem como suas vantagens e propósitos como a ação desta internacionalização. Segundo Guerreiro (2014) “A internacionalização do ensino superior não é um fenómeno recente” (p. 5). Para Boa-Ventura (2012), “existem fronteiras temporais que servem para demarcar diferentes períodos na evolução da universidade, sendo importante verificar que a internacionalização e a mobilidade não são conceitos novos e o que se tem vindo a modificar é a forma como estas realidades são encaradas”.

Conforme sublinha o autor, “a internacionalização existiu há muitos anos, mas não com a força e o impacto que adquiriu a partir dos anos 80. A influência de uma sociedade cada vez mais globalizada, a pressão supranacional e nacional, serviram de grupos de pressão para uma mudança que tinha que ser iniciada a nível subnacional, nas Instituições de ensino superior em que o verdadeiro processo de internacionalização tinha lugar” (Boa-Ventura, 2012, p. 42).

Para Guerreiro, um dos fatores mais evidenciados pela literatura, como estratégia de internacionalização, é a diversidade de difusão dos conteúdos, enaltecendo o potencial da era digital. A internacionalização do ensino superior no seu todo, suscita várias exigências na prática do ensino e aprendizagem suportada tanto pelas Universidades, politécnicos, entre outras instituições vocacionada para ensino de nível superior e, por vezes, também sobrando a responsabilidade aos governos.

O autor analisou a internacionalização do ensino superior do ponto de vista dos docentes e do ponto de vista dos estudantes. O estudante figura-se no centro da atenção pois são suporte da maioria do desenrolar do próprio ensino superior. Ele é um dos principais atores com participação ativa no processo de internacionalização das instituições do ensino superior, até porque é considerado a seu principal parte interessada (Guerreiro, 2014, p. 19).

Sobre internacionalização do ensino superior, Palma (2010), demonstrou informações pertinentes para uma reflexão e análise mais consistente do ensino superior em si. Entre

outras questões ligada direta ou indiretamente ao ensino superior, dedicou particular atenção à gestão estratégica da internacionalização no ensino superior através do contributo dos gabinetes de relações internacionais, que desempenham um papel preponderante na aproximação dos estudantes estrangeiros com as instituições do ensino superior que pretendem frequentar para prosseguirem os estudos superiores, ou desenvolver outras atividades como estágios e intercâmbios.

O que pode influenciar de forma positiva ou negativa o processo da internacionalização do ensino superior são as estratégias e objetivos da instituição do ensino superior que dependem de fatores internos das instituições, mas também dos fatores externos, uma vez que as instituições nesta área não trabalham isoladamente. Conforme sublinhou Palma, “numa internacionalização bem-sucedida as instituições de Ensino Superior (IES) deverão agilizar os meios necessários para garantir que os objetivos e estratégias para o seu processo são apreendidos e partilhados por todas as forças vivas da instituição” (Palma, 2010, p. 23).

O percurso da internacionalização é evidente em todo mundo, mas certamente com mais reflexo na Europa, evidentemente, como afirma Barata (2019), “a Europa é, hoje, modelo de internacionalização para o resto do mundo, sendo a região com mais mobilidade de estudantes e a mais atractiva para as actividades de internacionalização das instituições universitárias de outras partes do mundo”. A internacionalização é um processo que leva o seu tempo e investimento. Rudzki (1995, citado em Costa, 2015) defende que a internacionalização das instituições de ensino superior envolve uma vasta gama de atividades internacionais que devem ser agrupadas em dimensões, consoante a sua natureza. Porém ele divide-as em 4 grupos: mudança organizacional, inovação do curriculum, desenvolvimento do staff e mobilidade de alunos.

Face a internacionalização do ensino superior existem várias razões que são fundamentais para a mobilidade dos estudantes. O caso da língua do ensino de cada país de destino pode ser determinante para o sucesso do mesmo. Uma ou outra língua estrangeira quase sempre se encontra no objetivo de quem pensa fazer uma mobilidade fora do seu país de origem. No caso de Portugal, como afirma Barata (2019),

a língua portuguesa, associada à nossa integração europeia, é decisiva na atração de estudantes dos países da CPLP, mas também de estudantes proveniente de países em que o português não é língua oficial, mas que procuram essa

competência linguística para trabalhar e investir no mundo lusófono, um mercado já a ultrapassar os 250 milhões de falantes (Barata, 2019, p. 224).

O estudante universitário cabo-verdiano no contexto de internacionalização do ensino superior, e concretamente em Portugal, vive a sua identidade de uma forma específica e distinta no contexto de imigração, pois o caminho percorrido tem-se apresentado com uma dinâmica decorrente da situação pessoal, social e cultural, mas também devido à dinâmica do próprio país. Uma das formas de compreender a evolução dos estudantes cabo-verdianos perante a internacionalização do ensino superior e concretamente para Portugal é analisar as observações históricas de imigração cabo-verdiana, particularmente na sua divisão e espaço enquanto imigrante e estudante universitário.

Conforme demonstra as análises feitas, há uma posição dos estudantes universitários face aos demais imigrantes. Góis afirma que no quarto tipo depara um grupo simbolicamente importante, constituído por indivíduos que vieram para Portugal frequentar estabelecimentos de ensino, particularmente no ensino superior, logo era denominada de estudantes e quadros cabo-verdianos. (Góis, 2008, p. 19). O cenário de cooperação entre Portugal e Cabo Verde vem-se consolidando ao longo dos tempos, criando pontes que facilita os cabo-verdianos na escolha de Portugal para estudos universitários. Por laços históricos, ou por influência da imigração dos pais, encarregados de educação, e outros membros da família, Cabo Verde teve sempre estudantes a escolher Portugal para fazer a sua formação superior, especialização ou até mesmo trabalhar em vários setores. Os estudantes cabo-verdianos têm fatores favoráveis para a desejada integração, nomeadamente a língua oficial portuguesa. “Portugal apresenta características próprias que levam (...) fluxos de estudantes a procurarem este país para concluírem os seus estudos superiores” (Alves, 2012, p. 17).

A internacionalização do ensino superior faz aumentar o desenvolvimento do capital humano na comunidade dos imigrantes. Consoante a ideia de Alves (2012) “Capital humano é um elemento constante nas comunidades imigrantes; é a principal fonte de desenvolvimento de laços de solidariedade e confiança necessários à integração dos imigrantes.” (p. 25). O capital humano dos imigrantes figura-se como mecanismo fundamental para ajudar na integração de estudantes, principalmente para os alunos estrangeiros.

Conforme argumentou Mourato (2011, citado em Alves, 2012), em Portugal a maior representação de alunos oriundos dos PALOP inscritos no Ensino Universitário Público pertence aos angolanos, seguida imediatamente pelos cabo-verdianos. Ao nível dos Politécnicos a situação é oposta, pertencendo o primeiro lugar a Cabo Verde, seguido por Angola. O terceiro lugar em ambos casos compete a Moçambique e depois seguem-se S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

Os dados relativos aos estudantes cabo-verdianos em Portugal devem ser contextualizados pelo facto de o desenvolvimento do ensino superior em Cabo Verde ter sido mais tardio. De acordo com a informação da DGES concernente ao ano letivo de 2019/2020, os países da comunidade da CPLP apresentam uma forte liderança, com o Brasil a frente e Cabo Verde na segunda posição, consoante tabela 1, que representa origem geográfica de novos estudantes internacionais no mesmo ano letivo. O quadro demonstra as inscrições de estudante dos países da Língua oficial Portuguesa (CPLP) no contexto de estatuto de estudantes internacionais no ano letivo 2019/2020. A realidade cabo-verdiana é bastante expressiva ocupando a segunda posição.

**Tabela 1.** Principais nacionalidades dos novos estudantes matriculados ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional, 2019/20.

Brasil	2 838
Cabo Verde	926
Guiné-Bissau	708
Angola	521
São Tomé e Príncipe	111
Outras	373
<b>TOTAL</b>	<b>5 477</b>

**Fonte:** sítio da internet da DGES, consultado em 20 de setembro de 2022: (<https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/nota-comunicacao-social-estatuto-de-estudante-internacional>).

## 2.2 - OS DESAFIOS DE ACOLHIMENTO E A INTEGRAÇÃO.

Deixar a sua origem para viver noutra destina, tornar-se imigrante, representa uma grande mudança na vida e identidade dos indivíduos que optam por este caminho. Neste processo, profundas mudanças acompanham as pessoas ao fazerem este percurso de

mobilidade. São “(...) profundas mudanças na vida prática do imigrante e também na das suas famílias, por isso, no que toca a forma ou modo de inserir na comunidade de acolhimento, existem distintas atitudes face ao mesmo processo, dependendo das circunstâncias e meios em cada destino” (Marques, 2015, p. 40-42).

A integração do imigrante ocorre muitas vezes de uma forma espontânea face aos demais desafios do país de destino. Como defende Marques, “(...) a integração pressupõe a existência de respeito e valorização mútua entre sociedade de acolhimento e imigrantes” (Marques, 2015, p. 44). Ainda conforme a ideia de Marques (2015), o respeito no contexto de imigração requer um esforço das partes envolvidas no processo de acolhimento e no desenrolar do dia-a-dia do imigrante, na própria comunidade no país que o acolhe.

Para uma boa integração, a ligação entre pessoas é fundamental e indispensável para a evolução do imigrante na comunidade de acolhimento. Conforme afirma Marques (2015):

Na integração, os indivíduos procuram relacionar-se uns com os outros, pois na sociedade de acolhimento deve permanecer aceitação, respeito e tratamento com igualdade para os indivíduos de origens e culturas diferentes. (...) Integração envolve convivência entre os indivíduos e as suas culturas, sem que nenhuma seja considerada superior ou se tente impor a outra (s). Integração pressupõe que não exista discriminação, nem conflitos de ordem cultural, religiosa ou outra relacionada com as origens dos indivíduos, mas sim uma convivência entre todos com respeito pelas diferenças (Marques, 2015, p. 44).

A integração é um desafio na realidade do imigrante, pois ela é uma fase dependente de diversos fatores, tanto pessoal como social e cultural. Na opinião de Machado (2002, citado em Zarro, 2017), a integração depende do grau de envolvimento e participação nas dinâmicas económicas, sociais, culturais e políticas das sociedades de acolhimento.

Evidentemente,

a integração no contexto de imigração depende e está relacionada com a forma de acolhimento que os imigrantes possam ter. Conforme afirmação do autor, não resta dúvidas que a realidade do país de acolhimento, ou modo de acolher e de ajudar a interação entre os imigrantes determina o sucesso de integração,

simplificando o envolvimento na comunidade acolhedora. (Machado, 2002, cit. In Zarro, 2017, p. 18).

O processo de acolhimento e integração em qualquer país, requer uma atenção fortalecida ao contacto entre as partes, mas ainda maior deve ser a atenção e as diligencias caso se pretenda uma integração bem-sucedida, capaz de fazer da comunidade acolhedora um encontro de convivência entre pessoas com origens culturais diferentes, com capacidade de abertura e empatia na conjugação de esforços para o bem de todos.

Ferreira, Borges e Willecke (2019), numa abordagem sobre imigração e integração de estudantes imigrantes, mencionam alguns fatores de extrema importância que devem ser bem analisados no contexto de viagem. Um destes fatores consiste nas deficiências da preparação para a imigração, sendo que um dos elementos que contribui para a maior dificuldade de adaptação e para uma intensificação do impacto migratório em estudantes internacionais é a ausência de informações reais sobre onde pretendiam estudar e viver. Estes aspetos foram, também, averiguados durante o inquérito aos estudantes cabo-verdianos realizado no âmbito deste trabalho, pois, vários imigrantes e estudantes em particular, muitas vezes possui informações limitadas, por vezes insuficientes, sobre o país de acolhimento.

O estudante universitário enfrenta desafios de adaptação no processo do ensino superior ligado ao acolhimento na comunidade de destino e concretamente no ambiente da instituição do ensino superior onde se encontra. A adaptação constitui uma das etapas que requer mudanças, tal como defendido por Soares e Prette (2010):

A adaptação ao ambiente universitário implica várias mudanças, algumas requerendo acomodação de novos hábitos, outras demandando a incorporação de novos comportamentos e conhecimentos. Como exemplo, novos métodos de estudo são exigidos para atender às demandas curriculares, novos conhecimentos devem ser adquiridos e mais maturidade no relacionamento com os colegas e com os professores é esperada (Soares e Prette, 2010, p. 139).

Uma boa relação entre os elementos que compõe as instituições de ensino superior e o próprio meio académico pode ajudar positivamente a integração dos estudantes universitários, nomeadamente os internacionais ou estrangeiros, mas, a integração não

deixa de ter as suas limitações em vários domínios, uma vez que corresponde a uma nova realidade para o estudante imigrante. “O meio académico é um ambiente complexo que requer a integração e harmonização de processos cognitivos, sociais e afetivos, com demandas para pensar, relacionar-se com os outros e gostar do que faz” (p. 142).

Para ultrapassar as necessidades existentes no meio académico são precisas determinadas atitudes por parte dos estudantes. Na ideia de Soares e Prette (2010), “uma atitude positiva quanto ao futuro, associada a uma perceção de autoeficácia e atribuição de importância a projetos futuros, pode contribuir para os jovens adultos vivenciarem de forma construtiva os desafios do Ensino Superior” (Soares e Prette, 2010, p. 142).

A relação entre os integrantes do ensino superior deve influenciar positivamente o acolhimento e todo processo de integração dos estudantes nacionais e internacionais. Ela deve prevalecer o acompanhar, o incluir, sem se deixar nenhuma parte de fora. Incluir já é um processo indispensável para instituição do ensino superior e é uma ação que deve estar presente nas intervenções desde o acolhimento, seguindo outras etapas da integração. Para Vieira (2020), “incluir é, desde logo, romper com todos os processos de homogeneização das culturas e seus humanos, uma vez que os mesmos geram a exclusão social”. Incluir é um processo que requer ações e a aceitação das partes diferentes. Exige convergência e entendimento, pois, ela é um ato de aceitação, mas também de acompanhar e lidar com diferente. Neste sentido ainda a autora acrescenta que, “incluir é, acima de tudo, participar e fazer participar, mas também, por outro lado é fomentar a convivência” (Vieira, 2020, p. 598). Qualquer acolhimento e a própria integração requer o encontro de pessoas e, neste caso, concretamente de estudantes internacionais, existe ainda necessidades específicas que depende da empatia das partes. Conforme realça Marques (2015):

Em Portugal, do ponto de vista da integração, as medidas políticas que têm sido adotadas, em geral, são consideradas satisfatórias. Os imigrantes são recebidos, dispõem de serviços de apoio e o processo de acolhimento faz-se no sentido de inserir cidadãos na sociedade que, cumprindo os seus deveres, como todos os outros, terão direito a um tratamento justo e de igualdade de direitos (com algumas exceções) em relação aos cidadãos nacionais (Marques, 2015, p. 56).

Especificamente, no caso de estudantes universitários, os desafios surgem até antes da chegada ao destino e acolhimento, na maioria das vezes relacionados com a questão de

obtenção de vistos no país de origem, sua viagem, contacto com as instituições do ensino superior, ou seja, o desafio de integração por parte de estudantes depende de vários fatores que estão interligados.

Ainda como afirma Marques (2015), “Acolher é quase tratar como sendo parte de si é reconhecer valor e igualdade e vivê-los na prática no dia-a-dia. Mais do que conviver e proporcionar as condições necessárias a essa convivência, acolher é receber, implica hospitalidade, vontade de integrar.” (p. 57). No entender do Autor, “acolher deve ser encarado como uma oportunidade de tornar o outro mais próximo, dar-lhe a oportunidade de sentir mais firmeza na aproximação de uma comunidade e realidade diferente e cultivar a capacidade de partilhar conhecimentos, tomando parte da vida e vivência do outro com intuito de facilitar a integração”.

O mundo em que vivemos, “desafia a todos no sentido de ter uma capacidade de enfrentar, viver e conviver com a diversidade no sentido mais amplo e ultrapassar as barreiras, principalmente as culturais. Evidentemente a diversidade vem dando a oportunidade de uma reflexão mais inclusiva das diferenças culturais existente”. Conforme Marques:

Atualmente, a diversidade cultural está presente um pouco por todo o mundo e a tendência é para o seu aumento, bem como para o seu crescimento. (...) Existe, portanto, uma necessidade, primeiro de conhecer e depois de se adaptar a estas novas realidades. (...) e embora esta questão da diversidade cultural não seja um assunto novo, nem sempre essa adaptação é rápida e o suficiente bem conseguida e tão pouco feita da mesma forma (Marques, 2015, p. 43).

Na opinião de Lima (2013):

É comum, hoje em dia manifestar-se comportamentos e atitudes características de diferentes sociedades e comunidades para além da nossa. O que somos não é apenas um reflexo da nossa sociedade, país ou o que uma comunidade nos oferece e representa, mas também um conjunto de outras características que viemos a compreender e a aceitar através do conhecimento e integração que estabelecemos com outros povos (Lima, 2013, p. 17).

Conforme a supracitada ideia, o cenário de encontro e desencontro de culturas marca a vida na sociedade contemporânea, principalmente no contexto da imigração, pois é uma

dinâmica e uma mobilização que se encontra interligada entre outros setores de vida na sociedade, e é, por isso, que a integração também depende do acolhimento que os imigrantes podem encontrar no país de chegada.

O que fica marcado no acolhimento acompanha o indivíduo durante a sua integração e seu percurso. Na ideia de Lima (2013), “a integração depende em partes do acolhimento, mas, também é um processo que depende da ligação que o imigrante consegue criar na comunidade onde se encontra inserido”. Conforme Lima (2013), “o meio envolvente do estudante é muito importante e facilita o sentimento de pertença.” (...) “a ligação que o indivíduo estabelece com o meio que o rodeia reforça um sentimento de pertença e estimula-o a um comportamento social, à partida comum, entre todos os indivíduos da sociedade, podendo, no entanto, este comportamento divergir em certos aspetos tendo em conta a conjuntura que rodeia o indivíduo, (Lima 2013, p. 13).

Marques (2015), sintetizou que, “no que concerne ao acolhimento e integração de estudantes em Portugal, a relação entre dificuldades do mesmo e a diversidade é constante uma vez que o país tem estado a receber diferentes tipos de imigrantes advenientes de praticamente todos os continentes” (p. 43). Se formos analisar as nacionalidades referentes ao próprio estudante internacionais em Portugal, observa-se que há uma diversidade enorme, o que requer uma abordagem facilitadora para o equilíbrio entre distintas realidades.

Nas últimas décadas, Portugal vivenciou um verdadeiro encontro das diferentes culturas, o que naturalmente traz uma maior aproximação e contacto entre as mesmas. É nestas circunstâncias que se coloca o foco na perceção do acolhimento e da integração, não só em termos das diretrizes do controlo da imigração, mas, também, das respostas fundamentais a imigrantes que dão a garantia de direito enquanto pessoa em si e, em particular, enquanto deslocado da sua realidade e da sua origem.

Em geral, a forma de receber os imigrantes depende da realidade de cada país, concretamente em Portugal, Lino (2018), debruçou-se “sobre as ocorrências no processo de receção dos estudantes internacionais, sublinhando que devido a fatos históricos, Portugal tem tradição de receber estudantes internacionais principalmente de países de língua oficial Portuguesa (...)” (p. 10). O autor coloca a tónica na adaptação do estudante internacional, a integração socio-académica, bem como, a integração social, dos estudantes no Politécnico de Leira.

## CAPÍTULO 3- METODOLOGIA

Com esta investigação pretende compreender-se o processo de integração dos estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria. Permanecer fora do País de origem traz alguns desafios e circunstâncias de diversidades e interações na diferença. De entre várias etapas e circunstâncias da imigração e integração dos estudantes, o foco deste trabalho é averiguar os pormenores relativo ao pedido de visto, à viagem, ao acolhimento, bem como a convivência, o envolvimento no ambiente educativo, e na comunidade onde residem os estudantes. Por outro lado, procura conhecer os elementos menos visíveis, ou, por vezes, ocultos do processo de integração dos estudantes cabo-verdianos, como, por exemplo, a estadia, o alojamento, o processo de matrícula, o relacionamento com pessoas de outras nacionalidades e de Portugal, priorizando principalmente os contatos com outros estudantes estrangeiros, assim como, os detalhes do seu dia-a-dia durante o percurso da sua formação superior no Instituto Politécnico de Leiria.

Para responder a estas questões e alcançar os objetivos pretendidos, o trabalho recorreu a um conjunto de abordagens metodológicas. Partiu-se para pesquisa através da análise documental e de revisões bibliográficas, com o objetivo de fundamentar os dados a apresentar, mas também para analisar e explicar termos e fenómenos que abrangem o estudo, tais como mediação, mediação intercultural, integração dos estudantes universitários, internacionalização do ensino superior, acolhimento, convivência, interação, imigração.

A investigação seguiu uma abordagem mista, recorrendo pesquisas qualitativa como a quantitativa, a fim de permitir ter mais e melhor informação da população em estudo. O método utilizado nesta investigação é o estudo de caso, uma vez que o foco é análise de um grupo específico, que são os estudantes universitários cabo-verdianos em Portugal num contexto local específico: o Instituto Politécnico de Leiria, na escola superior de educação e ciências sociais (ESECS) e na escola superior de tecnologia e gestão (ESTG).

Em termos de instrumentos de recolha de dados, utilizou-se a entrevista, nomeadamente a entrevista semiestruturada, por se pretende ter uma aproximação do público-alvo a fim de melhor conhecer o desenrolar da sua integração. Recorreu-se também ao inquérito por questionário. A aproximação ao público-alvo foi um dos elementos relevantes para a

concretização deste trabalho, uma vez que facilitou a abordagem, na primeira pessoa ao seu percurso em diferentes pontos da vida académica e social.

O público-alvo foi composto por vinte estudantes cabo-verdianos a estudar no Instituto Politécnico de Leiria. Todos responderam aos questionários. Os vinte inquiridos são estudantes com idade entre os dezoito e os trinta e cinco anos, com períodos de residência em Portugal que variam entre os quatro meses e mais de cinco anos. Entre os inquiridos, oito estudantes são do sexo feminino e doze do sexo masculino.

As entrevistas vieram acrescentar outros dados aos obtidos por meio dos questionários. Dado o reduzido número de questionários obtidos, considerou-se pertinente realizar um número de entrevistas que permitisse fornecer informação relevante para o trabalho, tendo-se realizado um total de seis entrevistas aos estudantes. Foi, ainda, entrevistado elemento fundamental no processo de integração dos estudantes internacionais no ensino superior, na pessoa do técnico de gabinete de cooperação internacional, diretamente ligado aos estudantes internacionais, tanto do ESECS, como do ESTG.

De notar que dado o contexto pandémico em que ocorreu grande parte desta pesquisa, apenas duas entrevistas foram presencialmente, tendo os restantes sido feitos a distância. Assim, a partir da realização da segunda entrevista, houve uma grande pausa no trabalho devido aos efeitos do COV-19, causando vários atrasos na conclusão do trabalho, que impossibilitou a entrega do mesmo no seu devido tempo.

Apesar destes constrangimentos, conseguiu-se entrar em contatos com outros estudantes, tendo sido concluídas as entrevistas. Todos os entrevistados foram informados que seria à distância. Este procedimento foi aceite sem nenhum sobressalto para além da demora em agendar o melhor momento para sua efetivação. Apenas uma foi por chamada telefónica, três últimos foram via chamada por “Messenger”.

As entrevistas aos técnicos dos gabinetes de relações internacionais foram realizadas através do aplicativo zoom. Todos os entrevistados concordaram e aceitaram a gravação das entrevistas e todos mostraram abertos em colaborar da melhor forma possível com o presente estudo.

## CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A componente empírica do presente trabalho consiste em caracterizar os inquiridos (estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria - IPL), a fim de conhecer a sua integração desde sua entrada no IPL, o seu percurso até ao término do curso superior. Foram inquiridos os estudantes que estão a frequentar o ensino superior e alguns recém-formados e por outro lado, tentou perceber-se a opinião do IPL a respeito da integração dos estudantes cabo-verdianos, através da entrevista aos técnicos responsáveis pela cooperação internacional das duas escolas (ESECS e ESTG).

Os primeiros contatos com estudantes cabo-verdianos ocorreram no âmbito de pequenos encontros, algumas convivências e mesmo nas atividades realizadas no IPL, com objetivo de poder sentir de perto a forma como estes estudantes percecionam a nova realidade. Foi nestas circunstâncias que surgiram alguns questionamentos e possíveis contatos com outros estudantes desconhecidos. A partir de um grupo de seis estudantes foi-se alargando a rede de contatos para efeitos de satisfação do objetivo do estudo. Todos os seis estudantes moravam nas instalações das residências do IPL localizado nos serviços centrais. Na sua maioria salientavam a dificuldade de conseguir um lugar nas residências entre outros constrangimentos encontrado no início devido ao atraso de visto e conseqüentemente, atraso na chegada à Portugal e início das aulas. A antecipação dos contatos e conversas com os estudantes foi muito importante uma vez que possibilitou a realização de um diagnóstico mais completo da realidade e, assim, partir para outras fases do trabalho.

A maior dificuldade sentida no decorrer do presente trabalho foi a de localizar o número suficiente de estudantes cabo-verdianos no IPL. Foram poucos os que responderam aos questionários, ou seja, um bom número de estudantes nem sequer responderam às mensagens e alguns continuam sem comunicar com a própria escola. E esta circunstância fez com que o trabalho se prolongasse no tempo, mas teve como efeito positivo a obtenção de dados pertinentes para estudar com mais profundidade esta realidade.

Face aos inquiridos (estudantes), constata-se que a maioria se encontra otimistas em relação ao curso que frequenta, mas mostram alguma reserva no que concerne à convivência no seu dia-a-dia, principalmente com estudantes de outras nacionalidades,

nomeadamente os portugueses, ressaltando que os portugueses são um pouco mais fechados. Por outro lado, mesmo tratando-se da língua portuguesa que, é língua oficial cabo-verdiana, vários estudantes mencionaram limitações na comunicação. Esta mesma limitação foi salientada pelos técnicos entrevistados do IPL.

No que concerne à questão de integração, os inquiridos mostraram que se sentem parcialmente integrado, uma vez que enfrentam alguns desafios no dia-a-dia, no decorrer das aulas e nas convivências. Os entrevistados aludiram à necessidade de realizarem esforços no sentido de fazerem caminhos para sua integração, uma vez que as realidades sociais e culturais são diferentes. A mesma informação também foi apontada pelos responsáveis dos gabinetes das cooperações internacionais.

A outra questão pertinente e muito positiva salientada pelos inquiridos, foi o contacto com os técnicos no momento inicial, mas também, durante o percurso da adaptação. Na maioria foram muito bem recebidos pelos técnicos por onde passaram e foram encorajados. Estes momentos de contato são centrais, em particular durante os primeiros dias e principalmente no processo de matrícula, no acesso às plataformas e às aulas, uma vez que trata de momentos de muita pressão em socializar com a forma de ensino e em recuperar as matérias das aulas já lecionadas.

Os estudantes entrevistados afirmaram, ainda, que a realidade vivida no início da sua socialização na comunidade de acolhimento, traz experiências e uma certa motivação para alertar os próximos alunos, familiares e amigos que pretendam estudar em Portugal. Torna-se, segundo os próprios, necessário assentar os *pês no chão* afim de conhecer melhor a realidade, visto que nem tudo é como aparenta ser, uma vez que quando a viagem é de Cabo Verde para a Europa, a maioria dos jovens cria uma expectativa de melhoria mesmo sabendo que não conhecem o destino.

#### 4.1- ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.

Nesta parte do trabalho procede-se à análise das entrevistas realizadas aos estudantes sobre a ideia de estudar em Portugal e concretamente no IPL. Também se apresentam os resultados das entrevistas feitas aos técnicos funcionários deste Instituto Politécnico que desempenham funções diretamente no gabinete de cooperação internacional, com responsabilidade em termos de estudantes internacionais, no ESECS e ESTG.

Dos estudantes entrevistados, todos se encontravam a frequentar os estudos, no grau de licenciatura. O primeiro entrevistado do IPL é do sexo Masculino, e é chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do Politécnico de Leiria, trabalha no ESTG. O segundo entrevistado do Politécnico de Leiria, trabalha no ESECS, e é responsável pela cooperação internacional da mesma escola.

O primeiro entrevistado estudante, corresponde ao sexo masculino e tem 21 anos e encontra-se em Portugal há 2 anos e 5 meses, estuda no ESECS e, assim como a maioria dos entrevistados, trata-se da sua primeira viagem para fora de Cabo Verde.

O segundo entrevistado é do sexo feminino, estuda no ESTG, tem 22 anos de idade, reside em Leiria desde 2018 e o único motivo da sua viagem também foi a prossecução dos seus estudos, sendo esta a sua primeira viagem para fora de Cabo Verde.

Uma vez que a viagem exige sacrifício e algum investimento, sendo os entrevistados ainda todos jovens, por vezes essa mesma viagem torna-se um investimento, por parte da família e entre outros parentes ou entes queridos para auxílio e suporte financeiro.

O terceiro entrevistado, é um estudante do sexo masculino de 19 anos, frequenta o curso na ESECS, chegou a Portugal em 2020, e também foi a sua primeira viagem para fora do país de origem.

O próximo estudante, o entrevistado número quatro, também é do sexo masculino de 20 anos e chegou a Portugal no final do ano 2020, e é estudante na ESTG, e como os outros também, foi a sua primeira viagem para o exterior.

O sexto entrevistado, é do sexo feminino, tem 20 anos, frequenta o seu curso na ESTG, e chegou em Portugal em fevereiro de 2022, ou seja, com muito atraso relativamente ao início das aulas. Dos estudantes entrevistados, é a que chegou com mais atraso.

Por último, entrevistado número cinco, foi a única estudante que já tinha experiência de viagem para outros destinos, é do sexo feminino, tem 19 anos, chegou a Portugal em 2021, e frequenta o primeiro ano do curso na ESTG.

Depois de uma breve apresentação do grupo em estudo (estudantes cabo-verdianos no IPL), mas também dos funcionários entrevistados (responsável do gabinete internacional da ESECS e da ESTG), é pertinente olhar a perceção que têm em relação a situação de integração dos estudantes. Nomeadamente, procurou-se entender os procedimentos para se ingressar no IPL, os mecanismos de acolhimento e a forma como o Politécnico lidam com os estudantes internacionais, entre outros assuntos pertinentes que dão suporte às questões dirigidas aos responsáveis dos gabinetes internacionais do Politécnico.

Antes de mostrar as principais questões referente a integração dos estudantes cabo-verdianos no IPL e suas respostas, priorizou-se uma questão fundamental no contexto do ensino que é a mediação. A mediação é uma intervenção pertinente quando se trata de imigração e do contacto com pessoas cujas realidades são diferentes, que neste caso são estudantes internacionais, em que podem passar despercebidos muitos fenómenos e acontecimentos.

No contexto de estudantes internacionais, são notórias as circunstâncias que permitem uma mediação, concretamente a mediação intercultural. A mediação é hoje uma prática de equilíbrio em vários domínios em diferentes setores, consistindo o objetivo da mediação em levar as partes a colaborarem na resolução do problema.

No IPL, enquanto escola com vários estudantes internacionais, faz sentido uma posição que permita uma intervenção congregadora de valores interculturais, de valorização da pessoa humana. Conforme afirmam os entrevistados, existe uma prática que traz consigo as características da mediação em si, mas também da mediação intercultural no seu dia-a-dia. Na afirmação de Simões (2016), “(...) a mediação existe, justamente, para que as periferias se diluam, para que os muros se desmoronem, para que as barreiras se ultrapassem” (p. 24).

Uma das questões colocada aos responsáveis dos gabinetes das relações internacionais foi seguinte:

**Considera que o IPL desenvolve práticas de mediação no processo de integração dos estudantes internacionais?**

A resposta na pessoa do responsável da divisão de comunicação e relações internacionais do IPL foi de imediato:

*“(...) O que procuramos fazer, tem haver precisamente, se tem identificado uma situação em que há uma dificuldade de estudante, seja do ponto de vista de relação com o colega, seja na relação com o professor, com alguma situação que possa ocorrer no âmbito do local onde está instalado, portanto; o que nós fazemos é identificar e depois procurar encaminhar, seja para a coordenação do curso, que podem aí ter um papel fundamental, seja também no serviço de apoio ao estudantes, (...) há todo um processo já que dá respostas às necessidades, ou seja, há intervenções já que vem com esta prática e procedimentos que conseguem garantir a mediação no processo de integração dos estudantes. Todo este processo que possa ser necessário mediação pode ocorrer do colega, que está no gabinete internacional, nas escolas, daí pode decorrer algum apoio, havendo uma identificação de uma situação em concreto, seja através do encaminhamento aos serviços de apoio ao estudante que muitas vezes pelo facto de aí poder ter uma garantia de anonimato, naquela situação nós temos gabinetes de atendimento de fato que procuram proteger os estudantes e dar-lhe o apoio necessário, até fazer articulações com escola, com coordenação de curso, com a direção das escolas, com os professores de acordo com a situação”.*

A responsável pela cooperação internacional da ESECS foi mais sucinta na resposta e defendeu a seguinte ideia, *“(...) Há todo um processo já que dá respostas às necessidades, ou seja, há intervenções já que vem com esta prática e procedimentos que conseguem garantir a mediação no processo de integração dos estudantes”.*

As respostas dos entrevistados do IPL, levando em conta a importância da mediação, mostraram que a instituição se encontra aberta para atuar quando houver necessidades, principalmente no que concerne à integração dos estudantes e dos estudantes internacionais em particular. Neste âmbito importa saber se essa capacidade de resposta e abertura do Instituto Politécnico de Leiria acontece naturalmente e espontaneamente, ou se existe uma estrutura que responde às situações que necessitam de mediação, pois, *“a mediação funciona como um meio de ajuda, proporcionando a cada indivíduo a possibilidade deste se responsabilizar cada vez mais por si, ajudando-o também a descobrir as suas capacidades individuais”* (Oliveira, Galego, Godinho, 2005, p. 22-23).

Na ideia de Costa (2017) “(...) a mediação é uma forma de intervenção que poderá ser realizada em diversas áreas, desde a vida pessoal dos sujeitos, à vida profissional, com intuito de proporcionar oportunidades para a tomada de decisões pelas partes em questão, utilizando técnicas que auxiliam a comunicação no tratamento das situações concretas entre os envolvidos de forma construtiva e interativa” (p. 38). Na tentativa de conhecer melhor a percepção do IPL sobre a mediação, a próxima questão foi mais consistente e alicerçada na mediação intercultural. Conforme afirma Vieira (1999),

o conceito de intercultural (...), implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem na comunicação e nas relações humanas. É evidente que o intercultural não está liberto dos discursos ideológicos, inspirados fundamentalmente numa ética humanista, que deseja um ideal diálogo, de respeito pelas diferenças, de compreensão mútua (p. 28).

A questão colocada foi:

**“Considerando que a mediação intercultural assume uma função importante na construção de pontes entre pessoas e realidades socioculturais diferentes”, em que âmbitos é que poderia exercer-se a função de um mediador intercultural no processo de acolhimento e de integração dos estudantes internacionais no IPL?**

Conforme o entrevistado, o chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do IPL:

*(...) Quer nos gabinetes de estudantes internacionais, quer no gabinete internacional tem, obviamente um papel importante nesta mediação, portanto esta mediação pode surgir no ponto de vista de integração, portanto que é necessário, sobre tudo naquela fase mais inicial, nos primeiros tempos, em que o estudante sente a barreira cultural, que existe, ou se haver uma questão cultural que é diferente, numa fase de adaptação, caso surja, uma situação de conflito intercultural, que possa surgir com estudante cabo-verdiano, com estudantes portugueses, ou com estudantes de outras nacionalidades, obviamente cabe nós identificar essa situação e procurar resolve-la, aí, todos temos um papel importante, aqui não só os colaboradores, colegas de gabinetes, mas os professores neste caso também tem um papel fundamental como mediadores, claro que depende de caso para caso. No fundo nós ouvimos e estamos*

*disponíveis, para receber os estudantes, para falar com os estudantes, para ouvir os estudantes e fazer o encaminhamento necessário até resolução.*

O responsável pela cooperação internacional do ESECS, afirmou,

*(...) Aquele que existe são suficientes, se houver a cooperação do próprio estudante neste processo. Nesta circunstância há que haver uma vontade dos estudantes (...) em termos de envolvimento dos estudantes não há qualquer vontade, há pouco interesse. Mas as colaborações dos estudantes são fundamentais, ou seja, os estudantes devem se interessar mais para poder ter uma boa integração.*

Os responsáveis dos gabinetes das relações internacionais do IPL foram evidentes ao afirmar que as práticas existentes em relação à mediação e à mediação intercultural no que se refere à integração dos estudantes internacionais estão a responder as necessidades do dia-a-dia. A abertura para ouvir e falar com estudantes mostra uma característica pertinente da mediação e do mediador que é o diálogo, “a figura do mediador está, assim, ligada a uma pessoa razoável e amante da justiça com capacidade para dialogar e utilizadora de um senso comum relacional, que lhe dá capacidade para participar em conflitos alheios sobre os quais exerce uma ação reestruturante” (Vieira, 2016, p. 105).

Pode-se notar na ideia de chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do IPL que as práticas que existem acontecem naturalmente, espontaneamente, ou que estas já integram o papel da própria instituição. Ao referir que cada técnico, incluindo os professores, tem ou deve ter esse papel de mediador deixa, contudo, uma responsabilidade acrescida aos funcionários que possuem atribuições e funções diferentes a desempenhar. Conforme afirma Simões (2016) “o mediador intercultural assume, assim, também, um papel de intérprete, de tradutor, não apenas linguístico, mas, sobretudo, cultural” (Simões, 2016, p. 29).

Conhecidos os primeiros constrangimentos, experiências e percursos de estudantes cabo-verdianos inquiridos neste estudo face ao processo de viagem para Portugal, foram feitas algumas questões a ambos grupos de entrevistados (estudantes e técnicos) de forma a poder realizar uma comparação entre os dois conjuntos de afirmações.

A próxima questão colocada aos técnicos responsáveis dos gabinetes de relações internacionais foi:

**Como decorre o processo da matrícula dos estudantes cabo-verdianos? O mesmo é possível de ser realizado à distância?**

Conforme o chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do Politécnico de Leiria:

*(...) Sim, portanto, o nosso processo, normalmente privilegia quer a candidatura, quer a matrícula através do nosso portal é feito sempre online, por que por efeito, existem informações disponíveis na nossa plataforma, por essa via que o estudante envia suas candidaturas e sendo admitidos, pode efetuar sua matrícula. O estudante tendo feito a sua deslocação para Portugal presencialmente possa obter informações, seja por via deste gabinete do estudante internacional, onde temos pessoas habilitadas a esclarecer os estudantes, quer de matrícula, seja também por via nós, e dos serviços académicos, quer nos serviços centrais quer nas escolas, onde o estudante possa dirigir para obter informações e apresentar ou submeter algum documento que possa estar em falta; efetivamente privilegiámos sempre o método online através da nossa plataforma e aí que os estudantes devem submeter o seu processo de candidatura e de matrícula.*

Conforme a responsável de cooperação internacional do ESECS,

*(...) Para o processo de matrícula, deve se entregar um determinado documento que vai ser analisado pela comissão científica e uma equipa do ESECS destinado à seleção dos candidatos. Sim, o mesmo processo pode ser feito à distância, ou seja, todo o processo de candidatura e matrícula também se faz online, encontram todas informações nas páginas do Politécnico. O aluno para poder efetuar a sua matrícula é basta ter acesso a página da escola que se encontra todos os passos de como o fazer.*

Ouvindo na primeira voz os responsáveis dos gabinetes das relações internacionais, resta conhecer também a opinião dos estudantes, tentando saber quais as suas perceções e como ocorreu o processo de matrícula, sendo assim foi colocado a seguinte pergunta:

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

Conforme os entrevistados,

**(A1)** - Sim, por acaso houve um bocadinho, cheguei atrasado, eu tinha que colocar as propinas em dia, também a cena do curso, já que o regime do curso que tinha escolhido era presencial e o que chegou aqui na carta de “viradero” da inscrição, chegou ensino à distância, e não queria isso, isso acabou por alongar (...) e houve muitas etapas. Comecei a assistir aulas no dia 25 de novembro e praticamente só concluí a minha matrícula no dia 13 a 14 de dezembro.

**(A2)** - Por acaso não, porque a minha matrícula foi feita (...) pela Sandrinha, uma Senhora que trabalha na Escola, (...) não teve problemas.

**(A3)** - No início (...) eu não sabia assuntos de matrícula, eu vim e foi explicado aqui, eu já tinha matrícula atrasado, porque, também eu cheguei atrasado, já eu tive aquele constrangimento, mas família que me ajudou neste aspeto.

**(A4)** – (...) Não, eu estava em Lisboa, cheguei fiquei ainda porquê (...) não tinha encontrado casa, fiquei uma semana em Lisboa, depois voltei para Leiria para matricular, matriculei e voltei, mais, não tive ninguém assim para me dizer olha tens que fazer isso, eu fui atrás a perguntar.

**(A5)** – (...) Tive constrangimento, era pela mensagem que eles mandavam código de acesso as aulas, eu não vi a mensagem que eles mandaram, mas depois eles me mandaram de novo, depois eu fiz tudo aqueles passos para acesso a turma, em relação a matrícula não tive problemas (...).

As respostas dos funcionários que representam gabinetes das relações internacionais do IPL e dos estudantes, espelham, de um grosso modo, a forma como decorreu ou pode decorrer a matrícula no IPL. Neste caso constata-se que as dificuldades são mínimas, e que a maioria se relaciona com atrasos no acesso ao módulo para acompanhamento das aulas.

Neste trabalho é inerente entender a questão de acolhimento como um mecanismo fundamental no processo de integração. As questões abarcam diferentes áreas que o estudante percorre no contexto de vida académica e social. Para os estudantes internacionais os primeiros dias são de desafios, “os primeiros dias, semanas ou até mesmo meses são de facto o período mais difícil de todo o processo de migração

estudantil, a fase de adaptação, que mais uma vez irá depender de cada estudante” (Lino, 2018, p. 35). Concernente ao acolhimento foi colocado aos entrevistados do IPL a seguinte questão:

**No IPL é realizado o acolhimento aos estudantes, nomeadamente aos estudantes internacionais?**

Como o chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do IPL defendeu, normalmente *fazemos um evento de acolhimento que é sobretudo dirigida a todos os estudantes internacionais que chegam pela primeira vez ao Politécnico de Leiria, é um encontro que fazemos com todos, no fundo criar ali uma empatia quer com a instituição quer com outros colegas de outras nacionalidades, seja internacional, seja os portugueses, procuramos que todos os estudantes possam estar.*

Na ideia da responsável pela cooperação internacional da ESECS,

*Sim, mas as atividades não são obrigatórias, (...) os estudantes vão participar se pretendem, ou se acharem importante. Fazemos atividades de convívio entre os estudantes de diferentes pontos, e fazemos apresentação da escola, dos nossos serviços. Realizamos atividades para os estudantes poderem conhecer uns aos outros, mas também para conhecer os Portugueses.*

Sobre o mesmo assunto foi colocado aos estudantes entrevistados a seguinte questão:

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

Sobre esta questão os estudantes referiram:

(A1) - A receção está mais ou menos, o tratamento está num nível normal, em termos de tratamento não há muito que queixar da escola.

(A4) - Sim, quando cheguei em Lisboa disse a minha coordenadora do curso, ela entrou em contato comigo tentou me encaminhar, e tentar me encaminhar e fazer com que os colegas me ajudem também, mas, alguns colegas aqui no início não ajudam, mas, não sei se é a minha impressão ou o que é, mas no início assim, ficam afastados, tens que tentar entrar em contacto.

(A5) – (...) Foi meus colegas, eles me deram orientação, ajudaram-me a ver horários, ver blocos, salas, entre outros.

Através das respostas dos entrevistados é perceptível que o IPL possui uma agenda referente ao acolhimento dos estudantes internacionais, o que faz com que haja interação e facilita o processo de integração no meio académico. Dada a variedade nas respostas dos estudantes entrevistados, procurou-se compreender ainda melhor o processo de integração a partir dos primeiros momentos, no acolhimento, no contacto com novas pessoas e realidades diferentes, mas também na própria turma e sua forma de adaptar ao curso a que frequenta, tendo-se prosseguido as entrevistas com a seguinte questão:

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

(A1) - Na turma foi um processo fácil. Os colegas da turma foram simpáticos, logo de cara nos apresentaram lugares, nos falaram acerca do curso como que era, começamos a interagir e fizemos alguns amigos, acerca do curso, houve uma etapa que nos dava para entender já que era muito semelhante a o que tinha estudado em Cabo verde, só a língua que é muito mais aplicado, e a nossa base principalmente na disciplina de inglês quando chegamos aqui parece não ser nada.

(A2) - O acolhimento por parte da turma foi péssimo, ninguém me acolheu, na turma e, pior, a minha coordenadora, eu perguntei em que turma assistir, ela disse, tanto faz, ela não me deu nenhuma indicação, os alunos da minha turma, são os alunos (...) que se acha mais de que as pessoas, mas eu acho que isso é uma coisa deles por natureza talvez.

(A3) - Sim, no início, como eu cheguei um bocadinho tímido, eu queria ficar afastado, mas, os colegas, tipo, o representante de turma começou a aproximar de mim, conversavam, tentou me informar, perguntou sobre minha cultura, assim eles começaram a colocar nos seus grupos, (...) eles começaram a dizer tudo como funciona, já comecei a adaptar.

(A4) – (...) Isso foi também um pouquinho engraçado porque, enquanto cheguei aqui, no primeiro dia de aula cheguei na sala de aula assim, tínhamos uma aula prática cheguei na sala de aula e estavam grupos com falta de aluno e o professor disse, que sou africano, que já cheguei, se alguns alunos querem que eu entre no grupo, ninguém disse nada (...), depois fiquei assim um pouquinho desorientado.

(A5) - Em relação a turma, não tive muito ajuda assim, só uma menina brasileira nós encontramos e não sabíamos de nada, foi mesmo com aquela brasileira, tenho alguns amigos cabo-verdianos que me ajudaram.

(A6) – (...) De turma não, aqueles primeiros dias não foi fácil, porque eu também não tenho muita interação com pessoas.

Os estudantes cabo-verdianos entrevistados aludiram que chegaram com atrasos consideráveis a Portugal e, conseqüentemente, atrasaram o início das aulas, o que não foi muito positivo na sua adaptação nos instantes iniciais. Os estudantes estão conscientes das necessidades que tiveram no início, mas também, conscientes de que não é fácil ter ajuda ao nível que desejavam por parte da escola e especificamente por parte dos colegas do curso, já que tudo se encontra num ritmo normal para os que iniciaram no momento certo.

A amizade desenvolvida pelo aluno e a sua participação torna a integração mais simplificada na comunidade de acolhimento. “A participação converte-se no requisito da cidadania e do exercício da convivência democrática” (Jares, 2007, p. 140). A convivência, por sua vez, apresenta-se interligada à própria comunicação, ou seja, a comunicação é um alicerce na convivência e facilita a integração. Conforme a ideia de Marques (2015), “É pela comunicação e convivência que os indivíduos partilham vivências, hábitos e crenças” (p. 23). Tentou-se saber, como está a ser o dia-a-dia e a convivências dos estudantes cabo-verdianos com pessoas na comunidade de Leiria, através da seguinte questão:

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

(A1) - Sim, eu convivo, como eu te disse tenho amigos, tipo, combinamos sair, para ver algumas “cenas” e participar nas atividades, mais, tipo, desta parte consegui isso; fui simpático com os meus amigos, “essas cenas” através do meu amigo, começou a apresentar seus amigos e assim começou a interação.

(A2) – (...) Tenho lidado com aquelas que estão a residir nas residências, somente as pessoas que trabalhamos juntos, há pessoas que simpatizamos nas ruas, mas, não é aquela amizade assim, quando olhamos conversamos.

(A3) - Sim, agora já consegui (...) já convivo com pessoas que nem são estudantes, tipo, como gosto de praticar desporto também, assim já consegui fazer amigos que não são da escola.

(A4) – (...) Não, dificilmente convivo com pessoas, mas eu estou em contatos com os estudantes, (...).

(A5) – (...) Com pessoas de Leiria é raramente (...), porque me encontro mais em escola - casa, casa - escola, convivo mais é com cabo-verdianos assim que moram por aqui.

(A6) – (...) Não tenho (...), eu convivo só com os estudantes aqui mesmo de residência, sim, alguns colegas de quarto, (...).

Nota-se que alguns dos entrevistados ainda não têm convivido com pessoas na comunidade de Leiria que não sejam estudantes na própria escola. Uns apontaram reserva, outros disseram que ainda não encontraram oportunidades, pois estão focados nos seus estudos e preocupados em recuperar o tempo que já perderam e a evitar mais atrasos no acompanhamento das disciplinas. No entanto, todos aqueles que convivem com pessoas na comunidade de Leiria mostraram que é uma boa experiência e que ajuda muito na interação. É evidente que os que já estão a conviver com outras pessoas estão mais otimistas e sentem-se mais à vontade em aproximar-se dos outros por iniciativa própria, e isso facilita o processo de integração. Como refere Marques (2015) “O estudante internacional ao interagir e compreender a realidade que o rodeia, ajuda a ter acesso a informações e serviços relacionados com as suas necessidades” (p. 80).

Há uma ligação forte com a comunidade de origem através de vários gestos, como a ligação constante aos familiares, mas mesmo assim os entrevistados deixaram claro, que sentem saudades da vida que levavam na sua terra natal. É de frisar que a maioria já tem consciência da necessidade de sair fora do país e ganhar mais experiências para conseguir da melhor forma orientar as suas vidas, tanto profissional como pessoal. Após a conclusão do curso, os estudantes cabo-verdianos apresentam projetos diferenciados: enquanto uns pensam continuar os estudos, outros têm a intenção de voltar para dar o seu contributo ao desenvolvimento de Cabo Verde e outros pretendem tentar trabalhar em Portugal.

Entre sonhos e desejos dos estudantes entrevistados após conclusão da sua formação, estão vários fatores direta e indiretamente associado às circunstâncias do mercado de trabalho, da família entre outros que pode influenciar sua decisão. Para projetar o futuro é bom ter um olhar acerca das oportunidades que podem surgir no final do ensino superior, neste sentido interrogou da seguinte forma:

**Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

Sobre este assunto, os estudantes referiram:

(A1) - A minha meta a princípio não é trabalhar aqui, quero voltar e dar contributo para o meu país, porque gosto de entrar na política no meu país, ou num trabalho semelhante.

(A2) - Depende, se eu sei que vou conseguir um trabalho lá no meu país, mesmo que estou a ganhar o dobro aqui, prefiro ficar juntamente com os meus pais com minha família.

(A3) - (...) Depende, vou pensar duas vezes, sim (...) porque também não vou querer ficar longe de família, se temos bom trabalho, viver perto de família já é outra coisa.

(A4) – (...) Sim, é bom, comparando para voltar para Cabo Verde (...), eu preferia ficar aqui em Portugal, se for um bom emprego assim para mim, que me ajuda, acho que dá para ficar aqui (...).

(A5) – (...) Eu ia aceitar porque trabalho e tanto estágio há diferença entre aqui e Cabo Verde. Acho que aqui é remunerado melhor.

Como referido antes, entre o desejo, o sonho e a realidade, há quase sempre circunstâncias que influenciam a decisão final dos estudantes internacionais após a conclusão do curso. No caso em análise, nota-se que a relevância do desejo de estar próximo da família, e a apresentação de respostas não definitivas, o que quer dizer que hoje há esta resposta e futuramente pode ser outra, ou modificada consoante as oportunidades.

Ao terminar a análise das principais questões, percebe-se que há entrevistados que manifestam uma visão mais positiva de que outros em relação a sua integração, embora esta seja um processo condicionada pelo tempo e pelas condições necessárias para que

aconteça e pela ação do próprio estudante perante a situação de migração e das dificuldades que experimenta em cada momento. Na ideia de Santos, Polyodoro, Scortegagna e Linden (2013), “(...) a integração ao ensino superior é vista como um processo complexo e multifacetado que o estudante constrói no seu cotidiano, com base nas expectativas no seu potencial cognitivo com a estrutura e com os demais elementos organizacionais que compõem a instituição” (p. 782). Por outro lado, como refere (Viegas e Dias, 2000), “integração é uma necessidade de maioria dos que saíram do seu país de origem para o estrangeiro” (Viegas e Dias, 2000, p. 10). Já para Alves (2015), “a integração dos estudantes internacionais no país de chegada e nas IES é bastante importante, senão determinante, para a restante socialização e para o sucesso académico do mesmo” (Alves, 2015, p. 49).

A maior esperança e expectativa do estudante do ensino superior pode surgir depois de integração ou depois de estarem mais adaptados, por isso, a última questão analisada não deixa de ser pertinente e foi dirigida aos estudantes da seguinte forma:

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes-te em casa?**

A referida pergunta teve as seguintes afirmações:

**(A1)** - (...) Sinto-me integrado, mas em casa não, (...) sinto-me já integrado.

**(A2)** - (...) Por acaso agora eu sinto, eu gosto de Leiria, eu acho que é uma cidade que combina comigo.

**(A3)** - Agora sinto-me em casa, sim, eu sinto-me em casa, já gostei do ensino, por isso que vou dizer que estou em casa agora.

**(A5)** - Em casa! não posso dizer que estou a sentir, posso adaptar, mas, nunca é a mesma coisa assim, nós adaptamos, mas adaptar não é a mesma coisa. Já estou a adaptar, sim agora posso dizer que me encontro mais integrado.

As respostas foram frutíferas para compreensão do processo de integração dos estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria. As vozes na primeira pessoa de estudantes entrevistados debruçaram-se sobre o seu progresso académico e social. Também os técnicos responsáveis pela cooperação internacional destacaram informações pertinentes sobre os estudantes internacionais, especificamente dos cabo-

verdianos, desde o momento em que entraram em Portugal até ao momento atual. Para ter uma integração de qualidade, o próprio estudante tem de estar aberto às novas exigências e experiências e disponível para estabelecer contacto com a comunidade de acolhimento e por encetar um diálogo intercultural, “a disponibilidade para entrar em diálogo, o ter ou não empatia e uma aptidão para uma comunicação intercultural podem, efetivamente, facilitar o processo de integração na sociedade de acolhimento.” (Vieira, Margarido, Trindade, Silva, 2013, p. 40).

É com a contribuição das partes, que a integração pode acontecer de uma forma mais coesa e inclusiva. Estar integrado implica estar inserido na comunidade de acolhimento partilhada com outros membros. Conforme adianta Marques (2015), “Estar inserido numa comunidade implica necessariamente o contacto, a troca de ideias, a comunicação e, grosso modo, a intercompreensão entre os seus intervenientes.” (p. 86). Não haverá integração estando o estudante isolado do meio em que se encontra, “(...) para que a integração do estudante internacional seja possível, não é suficiente haver uma iniciativa por parte da população local e instituição de acolhimento. O próprio estudante tem de ter a vontade de interagir em primeiro lugar, com o espírito e mente aberta a acolher uma nova cultura” (Lino 2018, p. 37). Conforme adianta o autor, “a integração dos estudantes internacional, requer uma junção de intervenção e a ação do próprio estudante na comunidade de acolhimento” (p. 37). Durante o percurso de entrevistas esta mesma posição foi defendida por dois elementos entrevistados, os estudantes cabo-verdianos, e também os técnicos responsáveis pela cooperação internacional do Instituto Politécnico de Leiria.

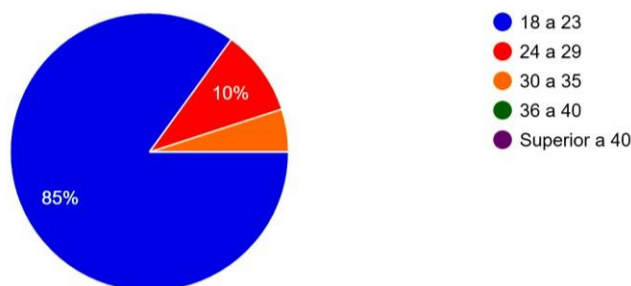
## 4.2 - ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS REALIZADOS A ESTUDANTES CABO-VERDIANOS NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA.

O processo de inquirição dos estudantes cabo-verdianos, no IPL decorreu no período de novembro de 2021 ao março de 2022. Foram inquiridos vinte estudantes, um número inferior ao inicialmente planeado, uma vez que o objetivo era inquirir todos os estudantes cabo-verdianos inscritos no IPL, nas escolas ESECS e ESTG até fevereiro de 2021. Nesse momento encontravam-se inscritos seis estudantes na ESECS e trinta estudantes na ESTG.

Os inquiridos para este estudo foram selecionados aleatoriamente, através de vários meios de comunicação. Alguns já residiam há mais tempo em Portugal, e concretamente em Leiria, e, por isso, conheciam melhor esta realidade, pelo que se constituíram como um elemento importante para divulgar o inquérito junto de outros estudantes. Sendo 8 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, todos os inquiridos são jovens com idade compreendido entre 18 e 35 anos, consoante apresenta o gráfico I.

**Gráfico I** – Faixa etária dos inquiridos.

20 respostas

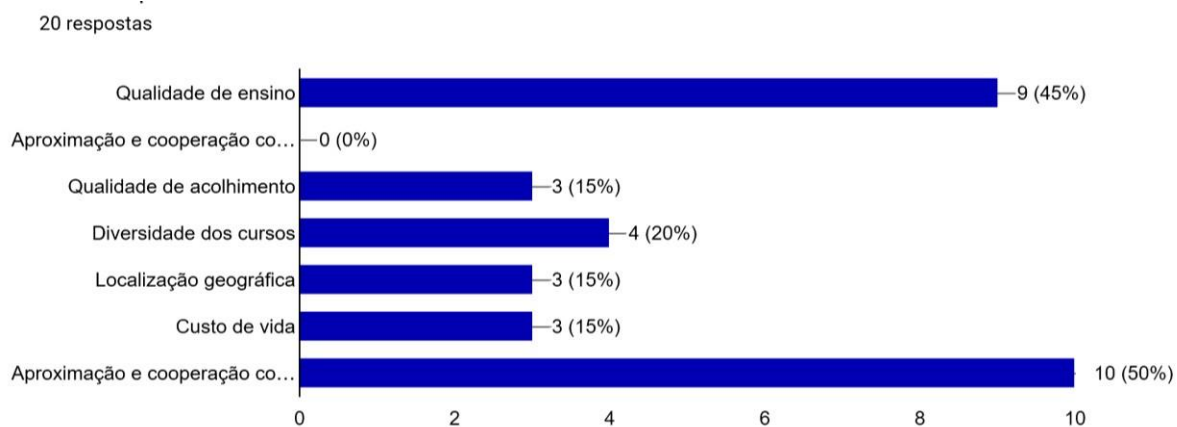


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

Os estudantes têm quase sempre duas ou mais opções no momento da escolha de instituições para realizar a sua formação superior. Para os estudantes cabo-verdianos já existia um conhecimento prévio das condições do ensino do IPL e das suas características essenciais. Entre os inquiridos, 10 sublinharam a aproximação e cooperação com instituições cabo-verdianas como motivo da sua escolha e referiram que a qualidade de ensino foi determinante para a sua escolha. A diversidade dos cursos, a qualidade de acolhimento, a localização geográfica e o custo de vida são algumas das

razões que também motivaram a escolha do IPL por parte dos estudantes cabo-verdianos.

**Gráfico II** – Motivação dos inquiridos na escolha do IPL para estudar.



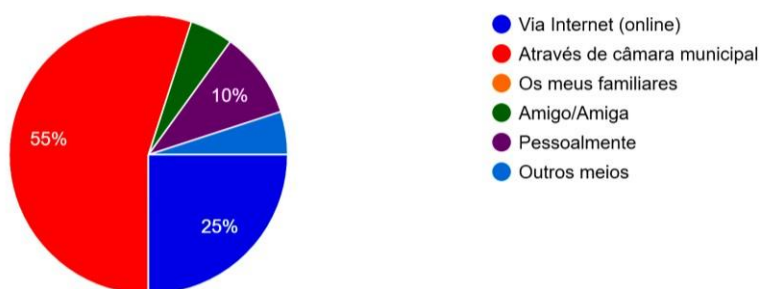
**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

Os estudantes cabo-verdianos no IPL usaram diversificados meios para efetuarem a sua inscrição e matrícula. Na sua maioria procuraram as Câmaras Municipais nas suas regiões de origem para obterem mais informações sobre o ensino superior no estrangeiro, concretamente em Portugal. O mesmo aconteceu na maioria das vezes devido à cooperação que existe entre entidades do ensino superior portuguesas e as entidades cabo-verdianas. Neste caso metade dos inquiridos (10), realizaram as suas inscrições a partir das câmaras municipais, o que vem espelhar de alguma forma a cooperação com as entidades cabo-verdianas.

O outro meio que também foi utilizado pelos estudantes inquiridos e que se encontra interligada à outra informação constatada nas entrevistas ficou na segunda posição na escolha dos inquiridos, ou seja, 25% dos inquiridos utilizaram a internet, para a realização da sua inscrição e matrícula, (gráfico III).

**Gráfico III**– Meios utilizados pelos inquiridos para realização de inscrições e matrículas no IPL.

20 respostas

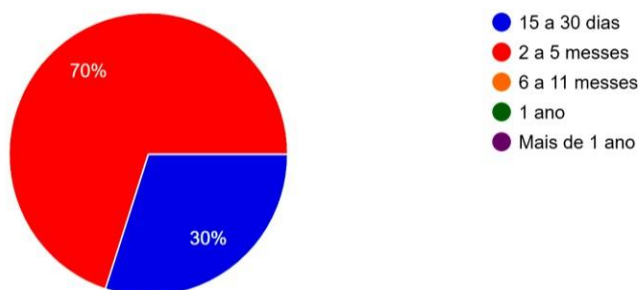


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

O tempo que os estudantes cabo-verdianos levam para conseguir visto na embaixada dificulta o processo de integração no momento em que eles chegam Portugal. Para o estudante cabo-verdiano, o visto é uma condição indispensável para estudar no exterior e concretamente em Portugal. A morosidade da sua aquisição dificulta o acolhimento, o envolvimento na turma e o próprio desempenho académico. Dos inquiridos, 70% referiram uma demora de 2 a 5 meses na resposta ao pedido de visto, que é uma percentagem elevada se comparamos com intervalo de tempo entre início e término do ano letivo. Um tempo de espera de 15 a 30 dias foi mencionado por 30% dos inquiridos, conforme o gráfico IV. Isto significa que a maioria dos estudantes partem de Cabo Verde já com atrasos significativos para frequentar os cursos em Portugal.

**Gráfico IV**– Tempo em que demorou a obtenção de visto dos inquiridos.

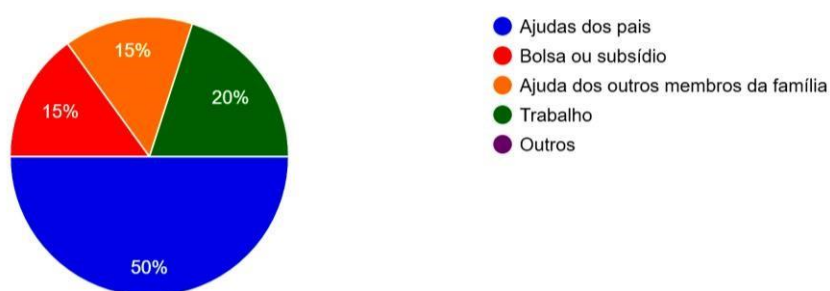
20 respostas



**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

No que concerne a meios utilizados pelos estudantes para suportar os custos dos estudos, 50% recorre à ajuda dos pais, 20% trabalha para poder arcar com as despesas dos estudos e 15% dos inquiridos possui bolsa ou subsídios como garantia do sustento do estudo. Os estudantes cabo-verdianos no IPL também dependem de ajudas de outros membros da família para suportar os custos dos estudos e representam 15%, conforme o gráfico V.

**Gráfico V** – Meios utilizados por inquiridos para suportar os custos dos estudos.

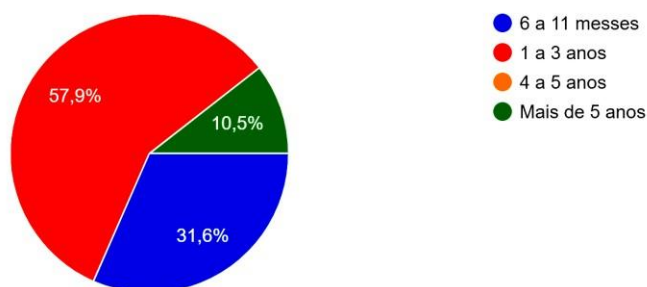


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

A integração numa nova realidade exige um tempo de estadia ou permanência suficiente a fim de melhor conhecer as normas do contexto em que se vai viver. O tempo de permanência ou de residência dos estudantes cabo-verdianos em Portugal, concretamente em Leiria, encontra-se ilustrado no gráfico VI. A maioria dos inquiridos (57,9 %), já se encontra a residir em Portugal entre 1 e 3 anos, enquanto 31,6% dos inquiridos apenas reside no país entre 6 e 11 meses, e os que residem há mais tempo em Portugal (mais de 5 anos) são em menor quantidade, ou seja, são 10,5%.

**Gráfico VI**– Tempo de residência dos inquiridos em Portugal.

19 respostas

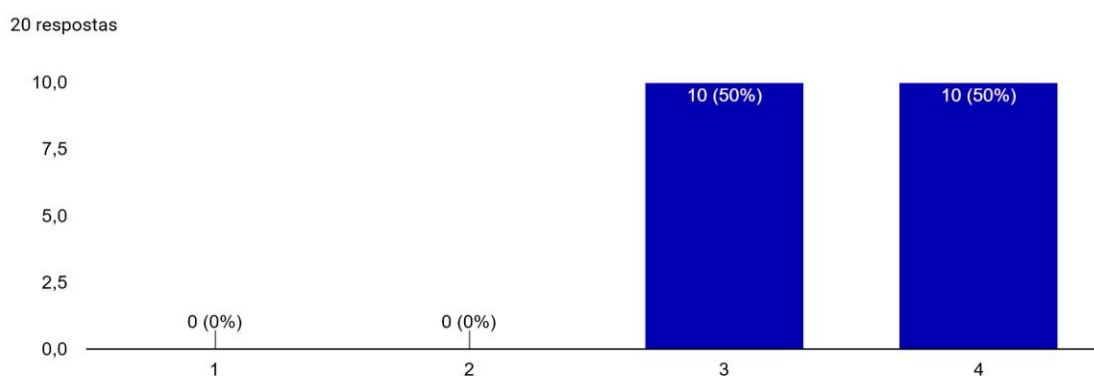


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

Quanto ao município de residência dos inquiridos em Portugal, a maioria dos inquiridos residem em Leiria e arredores (90% dos inquiridos), ficando, assim, mais próximos da escola. Entre estes, encontram-se alguns estudantes que habitam nas residências do IPL. Os restantes inquiridos residem no município de Marinha Grande bem como noutros municípios não mencionados no inquérito.

Quanto à avaliação do acolhimento que os estudantes tiveram por parte do IPL (Gráfico VII), metade dos inquiridos consideraram o acolhimento bom e a outra metade considerou-o mesmo muito bom. Esta informação reforça a ideia de que a instituição tem uma ação de receção que facilita o acolhimento dos estudantes internacionais nos seus primeiros dias.

**Gráfico VII** – Avaliação dos inquiridos ao acolhimento no IPL.

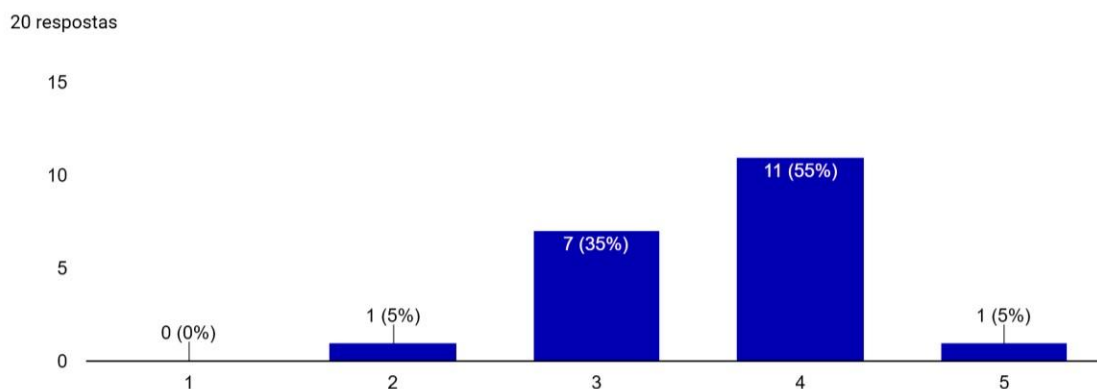


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

**Nota:** Usou-se uma escala em que o 1 corresponde ao muito mau e o 4 ao muito bom.

A satisfação geral com o IPL é comum à maioria dos inquiridos, com apenas 5% dos estudantes a manifestarem estarem pouco satisfeitos. Por outro lado, 35% dos inquiridos afirmaram estar satisfeitos e 55% afirmaram estar muito satisfeitos. A satisfação com o IPL é um elemento relevante porque significa o reconhecimento do papel da instituição na procura de alternativas para o progresso académico dos estudantes e para a sua integração na comunidade de acolhimento.

**Gráfico VIII** - Grau de satisfação do aspeto geral no IPL.

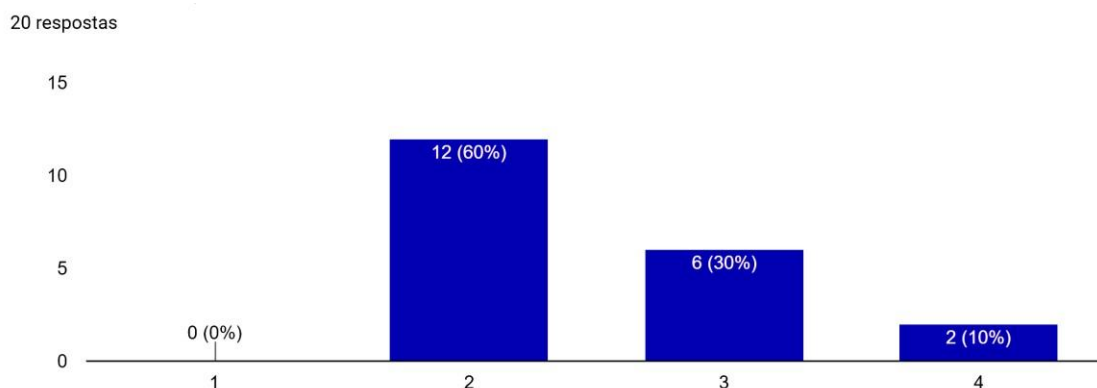


**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

**Nota:** Usou-se uma escala em que o 1 corresponde ao insatisfeito e o 5 ao totalmente satisfeito.

A convivência é uma questão central analisada no presente trabalho. No entanto, como já referido aquando da análise das entrevistas, os inquiridos do IPL apresentam, de uma forma geral, uma convivência limitada enquanto estudante internacional. As respostas ao inquérito confirmam a reduzida convivência dos estudantes particularmente com pessoas na comunidade de Leiria, mas também com alguns estudantes na escola, nomeadamente os portugueses: dos estudantes inquiridos 60% refere ter pouca convivência no IPL, 30% que possui muita convivência e apenas 10% afirma ter excelente convivência no IPL.

**Gráfico IX** – Convivência dos inquiridos no IPL.



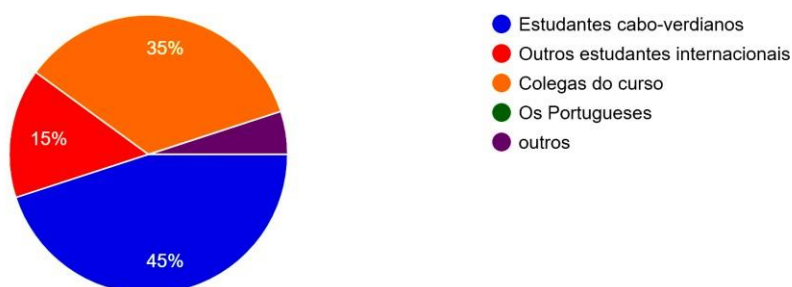
**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

**Nota:** Usou-se uma escala em que o 1 corresponde sem qualquer convivência e o 4 a excelente convivência.

No contexto da convivência dos estudantes cabo-verdianos no IPL é, ainda, de realçar que 45% convivem mais com estudantes cabo-verdianos, 35% convivem na maioria das vezes com os colegas do curso e 15% convivem mais com outros estudantes internacionais e apenas 5% convivem também com outras pessoas (gráfico X). Quanto às circunstâncias em que os inquiridos mais convivem, nota-se que 40% afirmaram que convivem mais na turma, 40% convivem mais nos tempos livres, 10% mais nas férias letivas e 10% convive em outras circunstâncias (gráfico XI).

**Gráfico X**– Com quem os inquiridos mais convivem no IPL.

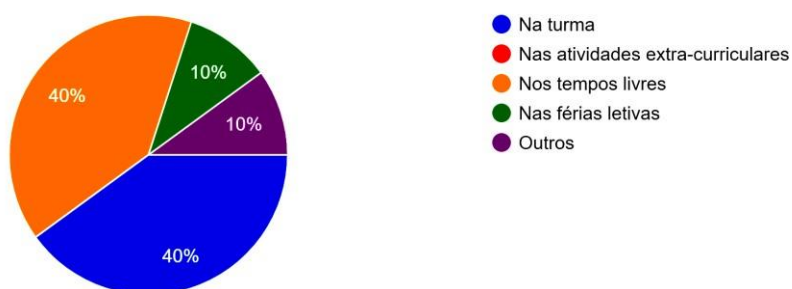
20 respostas



**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

**Gráfico XI** – As circunstâncias em que os inquiridos mais convivem.

20 respostas



**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

A convivência com outras pessoas e coletivos é um elemento importante para a análise do processo de integração dos estudantes cabo-verdianos. Questionados sobre a convivência quotidiana com pessoas da comunidade de Leiria fora do ambiente escolar,

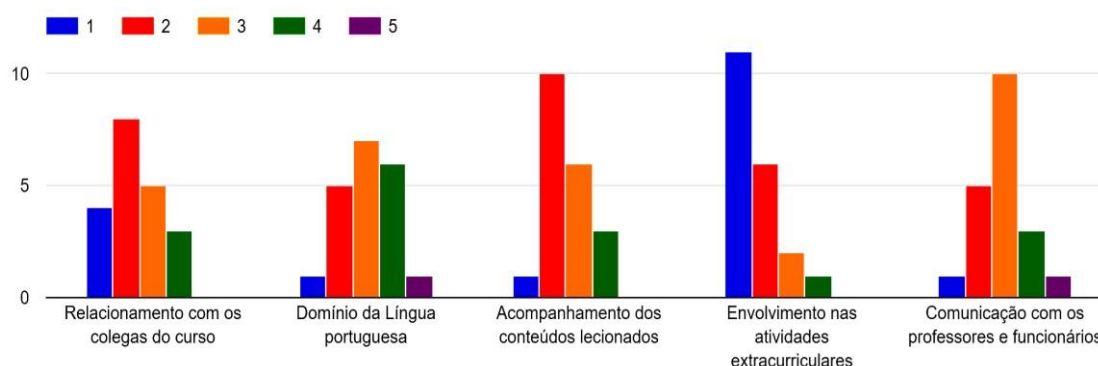
55% dos inquiridos afirmaram conviver com pessoas de Leiria no seu dia-a-dia, enquanto 45% disseram que não o faziam.

Sobre avaliação da integração dos estudantes cabo-verdianos no IPL foram colocadas diferentes questões. Primeiro, no que concerne ao relacionamento com os colegas do curso, apenas 4 inquiridos referiram não estar integrados, 8 afirmaram estar pouco integrado, 5 indicaram estar integrados e 3 muito integrados. Nenhum dos estudantes referiu estar totalmente integrado quanto ao relacionamento com os colegas do curso (gráfico XII).

No que se refere ao domínio de língua portuguesa, 5 inquiridos expuseram estar pouco integrados, 7 estarem integrados, 6 muito integrados, e apenas 1 afirmou estar totalmente integrado. No acompanhamento dos conteúdos lecionados, 10 inquiridos mencionaram estar pouco integrados, enquanto 6 afirmaram estar integrados e 3 muito integrados.

A questão sobre o envolvimento dos inquiridos nas atividades extracurriculares serviu de reforço à compreensão do envolvimento dos estudantes cabo-verdianos no IPL. Neste aspeto 11 dos inquiridos sentem-se nada integrados, 6 pouco integrados, 2 integrados e apenas 1 inquirido muito integrado. No último item desta questão, na comunicação com os professores e funcionários, apenas 1 inquirido diz estar nada integrado, enquanto 5 inquiridos estão pouco integrados, 10 inquiridos estão integrados e 3 encontram muito integrado e apenas 1 inquirido está totalmente integrado.

**Gráfico XII** – Integração dos inquiridos em diferentes aspetos no IPL.



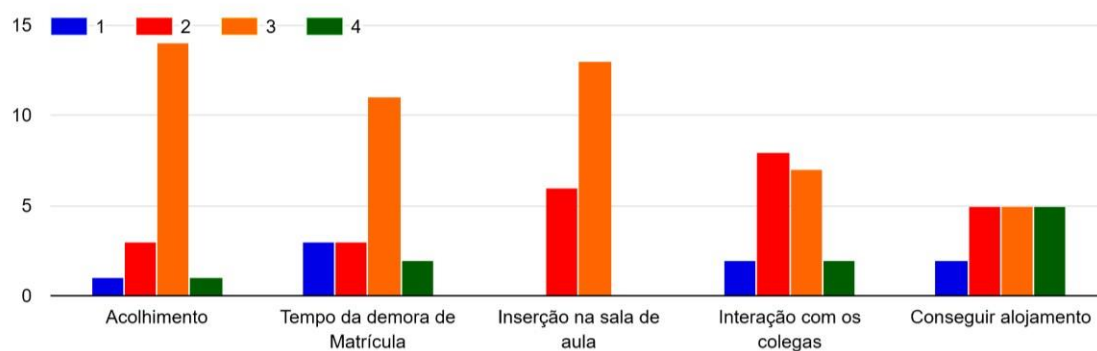
**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

Em relação à integração dos inquiridos, também foi averiguado o seu grau de satisfação em determinados aspetos, representados no gráfico XIII. Em geral, a maioria dos inquiridos encontram-se muito satisfeitos (14 inquiridos), ou mesmo totalmente satisfeitos (1 inquirido) com o acolhimento que tiveram no IPL.

Em relação ao tempo de demora na matrícula, denota-se um elevado grau de insatisfação, tendo 3 inquiridos afirmado estarem insatisfeitos e 3 pouco satisfeitos. 11 declararam estar muito satisfeitos, e apenas 2 disseram estar totalmente satisfeitos. Na mesma sequência, já no aspeto inserção na sala de aula, registam-se apenas dois tipos de respostas, afirmando 6 inquiridos estarem pouco satisfeitos e 13 estarem muito satisfeitos. Isto significa que a inserção na turma foi um processo menos difícil para a maioria dos estudantes inquiridos depois de resolvida a questão da matrícula.

Apesar do processo de inserção na turma ser considerado positivo, verifica-se que a interação com os colegas apresenta um elevado grau de insatisfação, com 2 inquiridos a considerarem estar insatisfeitos e 8 pouco satisfeitos. No extremo positivo, verifica-se a satisfação de 7 inquiridos e a satisfação total de 2. Considerando os atrasos registados no processo de vinda dos estudantes cabo-verdianos, a interação com os colegas implica frequentemente uma maior iniciativa de abertura e uma maior proatividade no sentido de acompanharem o processo de ensino/aprendizagem e de todo o procedimento académico. No que se refere à obtenção de alojamento, 2 inquiridos declararam-se insatisfeitos, 5 pouco satisfeitos, 2 satisfeitos e 5 totalmente satisfeito (gráfico XIII).

**Gráfico XIII** - Grau de satisfação dos inquiridos em diferentes situações referente ao processo de integração no IPL.



**Fonte:** Inquérito aplicado à estudantes cabo-verdianos no IPL, 2021.

Da análise conjunta dos dados recolhidos através do inquérito é possível registar que um dos elementos centrais para compreender o processo de integração dos estudantes cabo-verdianos no IPL, é, sem dúvida, o tempo que medeia entre o pedido e a aquisição do visto. O lapso de tempo que decorre entre estes dois momentos é, com frequência, bastante lato, fazendo que os estudantes cabo-verdianos cheguem ao IPL, com substancial atraso em relação aos estudantes nacionais. Este atraso acaba por influenciar todo o seu processo de integração na comunidade académica, não obstante os mecanismos de acolhimento institucional colocados em ação para ultrapassar os constrangimentos que experimentam nos primeiros tempos de permanência em Portugal. O atraso de estudantes cabo-verdianos em chegar Portugal provoca um efeito muito forte na sua integração, tornando-a mais lento.

Tendo em conta o contexto geral, os estudantes cabo-verdianos no IPL, encontram-se numa situação razoável no seu processo de integração. Para amenizar muitas dificuldades e facilitar a sua integração muitos estudantes têm de refazer ou fazer muitos esforços no seu dia-a-dia, aproveitando as oportunidades do IPL, e de Portugal a bem da sua formação pessoal, social e profissional.

O processo de integração dos estudantes cabo-verdianos no IPL não deixa de ser um desafio. Como cada estudante individual tem a sua forma específica de lidar com esta questão. O fato da maioria chegar atrasada ao início das aulas, afeta diretamente o seu acolhimento por parte do IPL, seu envolvimento com outros estudantes e participação em atividades extracurriculares, e no próprio acompanhamento das aulas, o que levam com que alguns estudantes mudam de curso por não se adaptar, e em alguns casos conduz mesmo à desistência por parte dos estudantes.

## CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho, ficou-se a conhecer melhor a realidade dos estudantes cabo-verdianos em Portugal, especificamente no IPL. O percurso de viagem, o acolhimento, o envolvimento e convivência na turma e na comunidade académica, assim como o decorrer do seu dia-a-dia em Leiria foram os principais assuntos questionados aos estudantes cabo-verdianos. É evidente que para uma melhor integração dos estudantes cabo-verdianos, há necessidade de um esforço individual face aos desafios existentes, mas também, um esforço coletivo entre os elementos integrantes do ensino superior.

A demora dos estudantes cabo-verdianos na chegada a Portugal e a Leiria foi devido a alguns fatores como o atraso nas respostas na obtenção de visto na embaixada de Portugal em Cabo Verde. A maioria dos inquiridos queixaram deste problema que é um dos principais obstáculos no processo de integração, porque afeta nomeadamente todas as outras etapas da vida do estudante. A mesma informação foi confirmada pelo IPL, através dos entrevistados, implicando, por vezes, a perda de contacto com muitos estudantes cabo-verdianos.

No decorrer deste trabalho, houve oportunidade de sentir o pulsar dos estudantes no IPL, no meio académico, mas também na própria comunidade em Leiria, na aproximação com pessoas de origens diferentes. Como é natural nestas circunstâncias nascem cenários que facilitam ou dificultam o processo de integração. Os inquiridos deste trabalho estão otimistas em relação ao processo de integração, inclusive alguns afirmaram que depois de certos constrangimentos estão bem e estão a sentir-se em casa. Também afirmaram estar muito bem principalmente no que concerne ao acompanhamento das aulas, em fazer amizades com outras pessoas, nomeadamente outros estudantes internacionais.

Entre muitas questões aos estudantes cabo-verdianos no IPL, destacam-se as referentes ao pedido de visto, a chegada a Portugal, ao acolhimento, a sua convivência, situações em que mais sentem integrados. Não se deve esquecer a questão referente à motivação da escolha do IPL para fazer sua formação superior. Trata-se de uma questão preponderante já que estudar fora do país de origem requer estar informado e exige a capacidade de realizar um certo investimento no sentido de suportar os seus custos. A qualidade de ensino, bem como a diversidade dos cursos, estão entre as preferências que

nortearam a escolha do IPL para a realização do ensino superior por parte dos estudantes cabo-verdianos, sendo assim, é muito positivo as razões das suas escolhas.

Face as exigências do ensino superior, no sentido de dar respostas às demandas e acompanhar o progresso a nível mundial, haverá sempre desafios no tratamento e no relacionamento interpessoal. Não se descartou a possibilidade de averiguar o acolhimento dos estudantes, uma vez que o mesmo é o elemento fundamental indispensável no ensino superior. A maioria dos estudantes considerou o acolhimento por parte da escola de uma forma positiva, estando as dificuldades experimentadas ligadas a muitos fatores como, a agenda da escola, do estudante.

O estudante internacional, sendo um grupo que necessita sempre de um sítio para estabelecer e começar uma vida académica, é urgente que haja uma mais-valia entre entidades de Cabo Verde e de Portugal, concretamente os de ensino superior no sentido de facilitar o acesso a esse meio essencial para integração na comunidade de acolhimento principalmente aos que chegam mais atrasados. O acolhimento bem-sucedido requer o alojamento em condições.

A necessidade de uma formação de qualidade que habilite para o exercício de uma profissão digna constitui também um desafio da globalização, sendo assim, afeta o estudante estrangeiro no seu quotidiano. As responsabilidades sociais e até políticas devem ser tomadas no sentido de fazer valer a voz e vez de quem precisa, e concretamente dos estudantes universitários, que são temporários, por isso, devem estar na agenda das prioridades uma vez que quando se trata de educação e formação trata-se também de um investimento ao longo dos tempos.

Para concluir, é muito importante frisar que o processo de integração dos estudantes cabo-verdianos no IPL é uma etapa multifacetado, que por vezes para sua análise mais complementada, deve haver uma observação desde pedido de visto em Cabo Verde, a fim de entender melhor os parâmetros em que suportam um estudante para fazer a sua formação superior com menos constrangimentos possíveis. O desafio de integração dos estudantes internacionais numa comunidade de acolhimento como a de Portugal, concretamente em Leiria, aparenta ser mais fácil uma vez que há estudantes de diferentes pontos, nacionais e internacionais. O estudante que não tem nem familiares, nem amigos ou conhecidos no local onde vai fazer o seu ensino superior tem de começar de novo, e na maioria sem qualquer intervenção de outrem, nem das

instituições. Entre os inquiridos, não foi uma tarefa fácil, muitos tinham de permanecer numa outra cidade, nomeadamente em Lisboa, e ficaram dias e até semanas com familiares e pessoas conhecidas, mesmo que as aulas já tivessem começado, até conseguirem regularizar as situações em termos de conclusão do processo de matrícula, ter acesso à plataforma do curso e conseguirem casas para habitar. Os estudantes cabo-verdianos no IPL, têm a sua própria forma de ultrapassar as dificuldades do dia-a-dia, e aproximar da integração desejada, eles já têm essa consciência e a maioria tem contato com os estudantes da mesma origem que já estão há mais tempo em Portugal e em Leiria, o que ajuda no conhecimento da região e facilita na própria interação.

As situações que precisam também de uma melhor cooperação referem-se ao pedido de visto, bem como atribuição de mais bolsas de estudos. O atraso na resposta do pedido de visto dos estudantes na embaixada de Portugal em Cabo Verde constitui um entrave a integração. O aumento de bolsas e subsídios por parte das entidades cabo-verdianas é uma necessidade, uma vez que a maioria dos estudantes suportam os custos dos estudos através de ajudas dos pais e dos outros membros da família, e, ainda, alguns trabalham para conseguir suportar os estudos. Há necessidade de respostas no sentido de colmatar ou mitigar as dificuldades face ao ensino superior que facilita diretamente a integração dos estudantes cabo-verdianos em Portugal, especificamente no IPL.

Os estudantes cabo-verdianos no IPL contactam a escola já com uma necessidade de regularizar a sua situação devido ao atraso na sua chegada. Esse contacto torna uma oportunidade importante de averiguar a mediação intercultural, visto que trata de encontro de pessoas de origens diferentes. Os aspetos positivos da integração dos estudantes cabo-verdianos devem-se ao seu esforço, mas também ao dos familiares ou amigos nas etapas iniciais, e, sobretudo, à ação do IPL em auxiliar nos aspetos como a matrícula, interação com outros estudantes, socialização com ambiente académico, e acesso às residências, o que não deixa de ser uma intervenção mediadora.

A maioria dos inquiridos fizeram a sua inscrição e matrícula a partir da Câmara Municipal do seu município. É de ressaltar o pertinente trabalho de cooperação entre as entidades cabo-verdianas e de Portugal no âmbito da educação e do ensino superior, essa relação serviu como mecanismo de ligação entre os estudantes e o IPL. O trabalho efetivado entre os dois países teve continuidade após chegada do estudante a Portugal, através do gabinete de relações internacionais. Foi indispensável a aproximação dos técnicos e colaboradores no processo de integração dos estudantes através do

acolhimento, da interação e das atividades especificamente dirigidas aos estudantes internacionais. A empatia, o encorajamento dos técnicos bem como as ações desenvolvidas facilitaram a interação dos estudantes com a comunidade académica, abrindo oportunidade a uma integração almejada, pois nesta interação o diálogo surge como meio de aproximação e interligação de pessoas. A disponibilidade entre as partes traz uma oportunidade de diálogo intercultural que faz crescer o auxílio a uma integração com base nos mecanismos da mediação intercultural.

A comunicação como característica fundamental da mediação, serviu como meio alternativo para minimizar as dificuldades advenientes do atraso na chegada ao destino, mas também como estratégia de romper os muros interculturais e fazer caminhos para uma convivência entre pessoas com realidades diferentes. Por outro lado, é de realçar que a maioria dos estudantes cabo-verdianos estão satisfeitos e muito satisfeitos com a forma em que foram acolhidos, mas também com aspeto geral do Instituto Politécnico de Leiria e da sua adaptação. O trabalho desenvolvido pelo IPL teve carácter inclusivo, mas, também, interativo e muitas vezes reabilitador, fazendo a ponte necessária para integração em diferentes setores da vida dos estudantes cabo-verdianos, assim sendo, ocorreu uma transformação adveniente da mediação desde início. Esta constatação é observável através das interrogações feitas aos inquiridos e da análise do seu cotidiano e da sua perspetiva em relação ao seu percurso académico.

A comunicação como suporte da mediação e mediação intercultural fez valer as intervenções do IPL, fazendo com que os estudantes sentissem mais à-vontade. Em termos de atitudes, comportamentos, denota-se que houve uma melhoria substancial devido a aproximação e interação entre a escola e os estudantes. Assim como defendem vários autores sobre o papel interativo da mediação intercultural, a relação entre o IPL e os estudantes cabo-verdianos teve essa característica graças a aproximação e ao diálogo entre as partes.

O presente trabalho não foi fácil, teve suas dificuldades como muitos, mas também diferente e específico como único, visto que neste campo há diversificadas ideias e entendimentos, mas também se diferencia no que tange aos objetivos e metodologias utilizada. A dificuldade neste estudo não apareceu inicialmente, mas com o desenvolvimento dos trabalhos de campo surgiram diversas complexidades que se tornaram novas oportunidades de aprendizagem.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguado, M. (2000). *Educação intercultural e aprendizagem cooperativa*. Porto Editora.
- Alves, E. (2015). Estudantes internacionais no ensino superior português: Motivações, expectativas, acolhimento e desenvolvimento (Dissertação de mestrado não editado). ISCT – Instituto Universitário de Lisboa.
- Alves, S. (2012). Alunos Migrantes na UA: Enquadramento e Integração (Dissertação de mestrado não editado). Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território.
- Anderson, K., Castro, R., Prat, M., García, H., Godón, G., Lahib, A., Freutes, F., Román, G., Miranda, J., Pinillon, E. (2008). *Mediación intercultural, una propuesta para la formación*. Editorial Popular.
- António, João H. C. (2011). "Atitudes face à imigração e aos imigrantes em Portugal", in João H.C. António e Verónica Policarpus (coord.), *Os imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses. Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes* (pp. 39-71). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barata, M. (2019). A Internacionalização do Ensino Superior: Da Mobilidade de Pessoas à Internacionalização do Currículo. Interações: sociedade e as novas modernidades, (37), 217-229. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/1070>
- Boa-ventura, A. (2012). O Impacto da Comissão Europeia nas Dinâmicas de Mudança no Ensino Superior da EU (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra Faculdade da economia. RCAAP. <http://hdl.handle.net/10400.8/698>
- Carita, E e Roselmo. V. (1993). Associativismo Cabo-Verdiano em Portugal: estudo de caso de associação Cabo-Verdiana em Lisboa. *Sociologia-Problema e Práticas*, (nº13), 135-152.
- Casa-nova, M. (2009). A mediação intercultural e a construção de diálogos entre diferentes: notas soltas para reflexão, in Ana Maria Costa silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.). *Actas do Seminário Mediação Socioeducativa: contextos e Actores*, 61-68. Edição em CD ROM.

Costa, L. (2015). Os Gabinetes de Relações Internacionais e o seu contributo para a promoção da Internacionalização do Ensino Superior: o Caso do GRI da ESEC (Dissertação de Mestrado). RCAAP. <http://hdl.handle.net/10400.26/11437>

Costa, P. (2017). A influência das experiências de acolhimento institucional na (re) construção identitária (Dissertação de Mestrado). IC-ONLAINE. <http://hdl.handle.net/10400.8/2697>

Cunha, P e Leitão, S. (2011). Manual de Gestão Construtiva de Conflitos. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Dalcin, V. (2011). A mobilidade dos estudantes universitários: contribuição para o desenvolvimento da interculturalidade. (Dissertação de Mestrado). RCAAP. <http://hdl.handle.net/10451/6069>

Ferreira, A., Borges, L. e Willecke, T. (2019). Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. Avaliação Campinas, 24 (03), 594-614. <https://www.rcaap.pt/results.jsp>

Góis, P (ORG.) (2008). *Comunidade Cabo-Verdiana (s): as múltiplas faces da Imigração Cabo-Verdiana*. ACDI. IP.

Guerreiro, C. (2014). A internacionalização do ensino superior português as razões, as estratégias e os desafios (Dissertação de mestrado). RCAAP. <http://hdl.handle.net/10400.22/8164>

Jarez, X. (2007). *Pedagogia da convivência*, Profedições.

Lemay, M. (2003). *Da educação à Intervenção Social*. Porto Editora.

Lima, I. (2013). Descendentes de Cabo-Verdianos e Angolanos após o 25 de Abril – Identidade Pessoal e Cultural (Dissertação de mestrado). RCAAP. <http://hdl.handle.net/10400.5/6578>

Lino, R. (2018). Migração e Mobilidade Internacional Caso de Estudo do IP Leiria (Dissertação de Mestrado não editado). Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar.

Lopes, A. (2013). As estratégias mobilizadas pelos migrantes cabo-verdianos em

Portugal no atual contexto da crise (Dissertação de mestrado não editado em População, sociedade e território). Universidade de Lisboa. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.

Malheiros, J. (Org.). (2011). Promoção de Interculturalidade e da integração de proximidade - Manual para técnicas/os. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

Marques, M. (2015). A imigração e a língua de acolhimento em Portugal: Questões de identidade e integração (Dissertação de Mestrado). RCAAP.  
<http://hdl.handle.net/10451/18458>

Marques, J. Gois, P. (2007). Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal e dos emigrantes portugueses na Suíça: para além dos conceitos. Centro de estudos sociais, (294), 1- 33. <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/294/294>

Mendonça, S. (2014). O Empreendedorismo entre os Imigrantes em Portugal: Um estudo de caso sobre os cabo-verdianos no Litoral Norte de Portugal (Dissertação de mestrado não editado em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas). Instituto Politécnico de Viana de Castelo.

Mirotshnik, V. (2008). Integração e Escola em populações imigrantes da EX-URSS (Dissertação de mestrado não editado). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Mourão, D. (2013). Outros Atlânticos: reconfigurações identitárias de estudantes caboverdianos em trânsito entre Cabo-Verde, Portugal e Brasil. (Tese de Doutoramento não editado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Oliveira, A. Galego, C. e Godinho, L. (2005). *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. ACIME.

Palma, C. (2010). A gestão estratégica da internacionalização no ensino superior: contributos do gabinete de relações internacionais (Dissertação de mestrado). RCAAP.  
<http://hdl.handle.net/10174/19960>.

- Pontes, R. (1997). *Mediação e Serviço Social: um estudo preliminar sobre a categoria e sua apropriação pelo serviço social*. 2ª Edição revista. Cortez Editora.
- Rebelo, F. (2019). Mediação intercultural no acesso da população imigrante, não lusófona e residente no porto, aos cuidados de saúde primários, (Dissertação de Mestrado não editado em Mediação intercultural e intervenção social), Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- Robertis, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*, Porto Editora.
- Rosário, E. e Santos, T. (2008). *Quanto custa ser imigrante?* ACIDI.
- Santos, A. Polyodoro, S. Scortegagna, S. Linden, M. (2013). Integração ao Ensino Superior e Satisfação Acadêmica em Universitários, *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33 (4), 780-793. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400002>
- Simões, P. (2016). Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural (Dissertação de Mestrado). IC-ONLAINE. <http://hdl.handle.net/10400.8/2398>
- Soares, A., Prette, Z. (2010). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos, *Análise Psicológica*, (2015), 2 (XXXIII), 139-151.
- Teixeira, M. (2014). A integração das mulheres imigrantes cabo-verdianas no mercado de trabalho em Portugal – um estudo na área de Lisboa (Dissertação de mestrado não editado). Universidade de Lisboa.
- Torremorrell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto Editora.
- Varela, E. (2010). Representações de Cabo Verde e dos Cabo-verdianos (1890-1910) (Dissertação de Mestrado). RCAAP. <http://hdl.handle.net/10451/3415>
- Veiga, R. (2011). Internacionalização das Instituições de Ensino Superior em Portugal: proposta de metodologia para construção de indicador do grau de internacionalização (Dissertação de mestrado). IC-ONLAINE. <http://hdl.handle.net/10400.8/544>
- Viegas, J e Dias, E. (2000). *Cidadania, Integração, globalização*. Celta Editora.
- Vieira, A. (2016). *A Educação Social e Mediação Sociocultural*. 2ª Edição. Profedições.

Vieira, A (2020). Para além da Patologização do diferente: incluir é participar e fazer participar, educar e bem-estar, (259), 594 – 600. <http://hdl.handle.net/10400.8/6411>

Vieira, R., Margarido, C., Trindade, J., Silva, T. (2013). Imigrantes brasileiros em Portugal: alguns dados de enquadramento. In Vieira, R., Margarido, C.; e Marques, J. (Ed.), *partir, chegar, voltar ...reconfigurações identitárias de Brasileiros em Portugal* (Ed. 1532., col. 104., pp. 36 – 46). Afrontamento.

Vieira, R. (1999). A construção do homem: identidades e metamorfoses. Educação e comunicação, (nº 2), 26 – 52. <http://hdl.handle.net/10400.8/274>

Vieira, R, Vieira, A. (2015). Identidades, aprendizagem e mediação intercultural: uma análise antropológica. *Linhas Críticas*, 21 (44), 95-115. <http://hdl.handle.net/10400.8/2068>

Vieira, R, Vieira. A (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Revista Online da Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, 5 (1), 44-56. <http://hdl.handle.net/10400.8/2721>

Zarro, S. (2017). *Perspetivas de Integração por parte de Refugiados numa comunidade do Litoral de Portugal* (Dissertação de Mestrado não editado em Mediação Intercultural e Intervenção Social), Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

## ANEXOS:

### Anexo 1 - Questionário à estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria.

No âmbito de conclusão de curso de Mestrado em "Mediação intercultural e intervenção Social", no Instituto Politécnico de Leiria, pretendo desenvolver um estudo sobre integração dos estudantes cabo-verdianos, cujo tema resume-se: "A integração dos estudantes universitários cabo-verdianos em Portugal, o caso do Instituto Politécnico de Leiria. Para a concretização do referido estudo vim por este meio pedir a sua colaboração. Saliento ainda que a informação será utilizada de forma confidencial, pois os sigilos serão salvaguardados e que os dados vão ser utilizados apenas e exclusivamente para o estudo em causa. Muito obrigado.

#### **1. idade \***

(=> 18 a 23

(=> 24 a 29

(=> 30 a 35

(=> 36 a 40

(=> Superior a 40

#### **2. Sexo \***

Feminino

Masculino

#### **3. Nacionalidade \***

Cabo verdiana

Portuguesa

Dupla nacionalidade

- 4. Qual e a sua ilha de origem? Sendo Caba Verde um arquipélago dividido por ilhas, um grupo Barlavento e o outro de Sotavento, a questão pretende mostrar de qual ilha pertence o inquirido.**

Santo

Antão

São Vicente

Sal

Boa

vista

Fogo

Santiago

Outros

- 5. Qual foi a sua motivação na escolha de Instituto Politécnico de Leiria para estudar? indique no máximo duas respostas.**

Qualidade de ensino

Aproximação e cooperação com as instituições cabo-verdianas

Qualidade de acolhimento

Diversidade dos cursos

Localização geográfica

Custa de vida

- 6. Qual foi o meio utilizado para fazer a sua inscrição e matrícula?**

Via Internet (online)

Através de câmara municipal

Os meus familiares

Amigo/

Amiga

Pessoalmente

Outros meios

**7. Quanto tempo demorou para obtenção de visto em Cabo Verde?**

15 a 30 dias

2 a 5 meses

6 a 11 meses

1 ano

Mais de 1 ano

**8. Qual foi o maior obstáculo encontrado em todo o processo do pedido de visto? Assinale no máximo duas respostas.**

Dificuldades para conseguir vagas

Demora na obtenção de respostas de inscrição

Período relativamente curto para entregar os documentos

Custos dos documentos

Custa de vista

Falta de pessoas ou instituições para ajudar nos aspetos burocráticos

Outros.

**9. Há quanto tempo se encontra em Portugal?**

6 a 11 meses

1 a 3 anos

4 a 5 anos

Mais de 5 anos

**10. Como avalia o acolhimento no Instituto Politécnico de Leiria? Em que 1= Muito Mau; 2= Mau; 3= Bom; 4= Muito bom.**

1      2      3      4

Muito Mau                    Muito bom

---

**11. Qual o seu município de residência neste momento em Portugal**

Leiria

Marinha Grande

Pombal

Caldas de Rainha

Alcobaça

Óbidos

Outros

**12. Através de que meios sustenta os custos dos seus estudos?**

Ajudas dos pais

Balsa/subsídio

Ajuda dos outros membros da família

Trabalho

Outros

**13. Como avalia o Instituto Politécnico de Leiria? De 1 a 5, em que 1 = Muito Mau, 2= Mau, 3= bom, 4= Muito bom, 5 = Excelente.**

	1	2	3	4	5
Muito mau	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> excelente

**14. Qual o seu grau de satisfação do aspeto geral no Instituto Politécnico de Leiria? Em que 1= insatisfeito; 2= pouco satisfeito; 3= satisfeito; 4= Muito satisfeito; 5= totalmente satisfeito.**

	1	2	3	4	5
insatisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Totalmente satisfeito

**15. Quais os aspetos do funcionamento do Instituto Politécnico de Leiria de que mais gosta? Assinale no máximo duas respostas.**

- Horário de funcionamento
- Simpatia dos Colaboradores
- Qualidade dos serviços prestados
- As atividades extracurriculares
- Programas e atividades de inclusão
- Capacidade de integração dos estudantes

**Colaboração no programa FASE do Instituto Politécnico de Leiria.** FASE é um programa do Politécnico de Leiria que visa ajudar os estudantes que necessitam de algum apoio para a concretização dos seus estudos em troca de prestação de algum tipo de serviço.

**16. Já foi colaborador do programa FASE?**

Sim. \_

Não. \_

**Conheces o serviço de apoio ao estudante (SAPE) do Instituto Politécnico de Leiria?**

Sim. \_

Não. \_

**17. Quando tem alguns problemas para resolver a quem ou a que tipo de serviços é que mais recorre? Escolhe duas respostas.**

- Serviço de apoio ao estudante (SAPE)
- Serviços académicos
- Gabinete dos estudantes internacionais
- Associação de estudantes
- Provedoria de estudantes

Coordenador de curso

Outros

- 18. Qual o grau de convivência que tens no Instituto Politécnico de Leiria?  
Sendo que 1 =sem qualquer convivência, 2 = pouca convivência, 3 =  
muita convivência, 4= excelente convivência.**

	1	2	3	4
Sem qualquer Convivência		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>			<input type="radio"/>
				Excelente convivência

- 19. Com quem mais convive no Instituto Politécnico de Leiria?**

Estudantes cabo-verdianos

Outros estudantes internacionais

Colegas do curso

portugueses outros

- 20. Em quais das circunstâncias e que mais convive?**

Na turma

Nas atividades extracurriculares

Nos tempos livres

Nas ferias letivas

Outros

- 21. Em quais circunstâncias é que mais ocupa os tempos livres?**

Estudar

Praticar desportos

Visitar familiares

Descansar

Conhecer novos lugares

Outros

### **Integração**

Pretende mostrar a avaliação que os inquiridos fazem da sua integração em vários aspetos no Instituto Politécnico de Leiria em que 1=nada integrado, 2=pouco integrado, 3=integrado, 4= muito integrado, 5=totalmente integrado.

#### **22. Como avalia a sua integração nos seguintes casos?**

	1	
Relacionamento com os colegas do	0	0
		curso
Domínio da Língua Portuguesa	0	
		0
Acompanhamento dos conteúdos	0	0

lecionados

extracurriculares

funcionários

#### **23. Qual o seu grau de satisfação com os seguintes itens referentes a processo de integração no Instituto Politécnico de Leiria? Avalia cada item numa escala de 1 a 4, em que 1 = insatisfeito; 2= pouco satisfeito; 3= Muito satisfeito; 4= totalmente satisfeito.**

	1	2	3	4
Acolhimento	0	0	0	0

---

<b>Tempo da demora de Matrícula</b>	0	0	0	0
<b>inserção na sala de aula</b>	0	0	0	0
<b>interação com os colegas</b>	0	0	0	0
<b>Conseguir alojamento</b>	0	0	0	0

---

**24. Convive com pessoas da comunidade de Leiria no seu dia-a-dia?**

Sim

Não

**25. Na sua integração na comunidade de Leiria quais foram as maiores dificuldades encontradas? indique máximo duas opções.**

Fazer amizades

Encontrar moradia

Conhecer a comunidade

Lidar com as pessoas

Adaptar-se ao clima da região (Leiria)

**26. Qual a sua expectativa em relação ao curso a que frequenta?**

Nenhuma expectativa

Pouca expectativa

Muita expectativa

Excelente expectativa

**27. Com que frequência comunica com os familiares em Cabo Verde?**

Diariamente

2 a 3 vezes por semana,

uma vez por semana, 2 a

3 vezes por mês, uma

vez por mês,

menos que uma vez por mês

Caso esteja disponível para continuar a colaborar com este estudo, agradecemos que nos indique o seu endereço de email.

Anexo 2 - Transcrição da entrevista à responsável pela cooperação internacional da escola superior da educação e ciências sociais (ESECS).

**1-Faça sua apresentação e a função que desempenha no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Sou Margarida Cerejo, responsável pela cooperação internacional do ESECS.

**2-Que procedimentos deve realizar o estudante cabo-verdiano para ter acesso às ofertas formativas do Instituto Politécnico de Leiria? Existe algum gabinete, ou alguma pessoa que fornece apoio neste processo?**

R: Há um processo desde candidatura e seriação e são iguais para todos os estudantes internacionais e claro, para os estudantes cabo-verdianos também.

**3-Como decorre o processo da matrícula dos estudantes cabo-verdianos? O mesmo é possível de ser realizado à distância?**

R: Para o processo de matrícula, deve se entregar um determinado documento que vai ser analisado pela comissão científica e uma equipa do ESECS destinado à seleção dos candidatos. Sim, o mesmo processo pode ser feito à distância, ou seja, todo o processo de candidatura e matrícula também se faz online, encontram todas informações nas páginas do Politécnico. O aluno para poder efetuar a sua matrícula é basta ter acesso a página da escola que se encontra todos os passos de como o fazer.

**4-Como vê o processo de adaptação dos estudantes internacionais, nomeadamente os provenientes de Cabo Verde?**

R: (...) O que concorra à nossa responsabilidade, nós tentamos fazer de tudo para que todos os estudantes internacionais façam uma boa adaptação. Para os cabo-verdiano, alguns nunca foram às aulas. Fazemos muitas tentativas através de contato ao email de estudantes, mas isto tem estado a ter pouca resposta, os alunos cabo-verdianos na sua maioria não respondem, e assim fica mais difícil. Há muitos alunos matriculados na nossa escola, mas poucos aparecem nas aulas, não sei a razão do mesmo acontecimento. Mando mensagem sempre para o email de estudante, mas não respondem.

**5-Os estudantes cabo-verdianos chegam ao Instituto Politécnico de Leiria no período inicial às aulas, ou chegam já após o início das atividades letivas?**

R: Sim, chegam já com algum atraso, eles chegam com algum atraso.

**6-No Instituto Politécnico de Leiria é realizado o acolhimento aos estudantes, nomeadamente aos estudantes internacionais?**

R: Sim, mas as atividades não são obrigatórias, (...) os estudantes vão participar se pretendem, ou se acharem importante. Fazemos atividades de convívio entre os estudantes de diferentes pontos, e fazemos apresentação da escola, dos nossos serviços. Realizamos atividades para os estudantes poderem conhecer uns aos outros, mas também para conhecer os Portugueses.

**7-Em caso afirmativo, como decorre o processo de acolhimento existe alguém responsável por este processo de acolhimento?**

Não há necessidade, o que nós fazemos dão resposta às necessidades dos estudantes internacionais nesta matéria.

**8-Constata diferenças no processo de acolhimento dos estudantes internacionais entre ESECS e outras escolas particularmente a ESTG? Elas partilham as mesmas agendas ou não?**

R: Partilhamos a mesma agenda.

**9-Até que ponto é importante a existência de um técnico exclusivamente responsável pelo acolhimento dos estudantes internacionais e auxiliar o mesmo nos seus primeiros dias?**

R: Não há necessidade de existência de pessoas responsáveis pelo acolhimento aquilo que fazemos responde as necessidades neste sentido. O que existe são casos pontuais e é resolvido conforme a necessidade e conforme a situação.

**10-Considera que o Instituto Politécnico de Leiria desenvolve práticas de mediação no processo de integração dos estudantes internacionais?**

R: Há todo um processo já que dá respostas às necessidades, ou seja, há intervenções já que vem com esta prática e procedimentos que conseguem garantir a mediação no processo de integração dos estudantes

**11-“Considerando que a mediação intercultural assume uma função importante na construção de pontes entre pessoas e realidades socioculturais diferentes”, em que âmbitos é que poderia exercer-se a função de um mediador intercultural no processo de acolhimento e de integração dos estudantes internacionais no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Aquele que existe são suficientes, se houver a cooperação do próprio estudante neste processo. Nesta circunstância há que haver uma vontade dos estudantes (...) em termos de envolvimento dos estudantes não há qualquer vontade, há pouco interesse. Mas as colaborações dos estudantes são fundamentais, ou seja, os estudantes devem se interessar mais para poder ter uma boa integração.

**12-Os estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria têm procurado os serviços disponíveis, nomeadamente os de apoio ao estudante?**

R: Não, não procuram.

**13-O Instituto Politécnico de Leiria desenvolve atividades extracurriculares que influencia a participação e envolvimento dos estudantes internacionais?**

R: Sim, desenvolvemos atividades conforme os programas, mas também às de nível de interação entre os estudantes de vários níveis, mas neste âmbito, a própria SAPE – Serviço de apoio ao estudante faz uma boa intervenção, fazendo com que os alunos aproximam das atividades de encontro com agenda do Politécnico e de acordo também com o tipo de atividades. SAPE tenta levar os estudantes ao encontro das atividades consoante suas necessidades e, e aí sim, eles fazem uma intervenção na tentativa de envolver e engajar cada vez mais os estudantes internacionais.

**15-Qual é o nível de envolvimento e participação dos estudantes cabo-verdianos nas atividades desenvolvidas pelo Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Fraco, é bastante fraco a participação, e lembro de apenas 2 estudantes cabo-verdianos a participar nas atividades que desenvolvemos, quase que não participam.

**16-Considera que os estudantes cabo-verdianos que se encontram a estudar no Instituto Politécnico de Leiria estão integrados?**

R: Sim, os estudantes encontram integrados. Integrados, é claro da sua maneira, acho que essa integração depende de estudante para estudante, uns mais de que outros, outros com mais dificuldades, enfim. Mas, acho que sim, encontram integrados.

**17-Existem algumas iniciativas no Instituto Politécnico de Leiria para facilitar e melhorar a integração dos estudantes cabo-verdianos?**

R: Sim, mas o aluno tem de ver no país de origem qual as cooperações existentes, por exemplo, as questões de bolsas, o aluno tem que se informar desde o seu país de origem. O Politécnico de Leiria tem várias cooperações com entidades no exterior, e com as autoridades de Cabo Verde também, mas, cabe o aluno também estar informado do que existe em que ele possa usufruir da melhor forma.

Anexo 3- Transcrição da entrevista ao chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do Instituto Politécnico de Leiria.

**1-Faça sua apresentação e a função que desempenha no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: O meu nome é Alexandre Soares- e, eu sou chefe da divisão de comunicação e relações internacionais do Politécnico de Leiria, uma divisão que congrega três gabinetes, onde estão, portanto o gabinete de imagem e comunicação; gabinete de mobilidade e cooperação internacional e o gabinete de marketing internacional, que também tem o nome de gabinete de estudante internacional, portanto, no fundo esta divisão congrega a área de comunicação internacional da cooperação internacional, dos intercâmbios, da mobilidade, especificamente também, dos estudantes internacionais.

**Que procedimentos deve realizar o estudante cabo-verdiano para ter acesso às ofertas formativas do Instituto Politécnico de Leiria? Existe algum gabinete, ou alguma pessoa que fornece apoio neste processo?**

R: Sim, portanto isto entra no âmbito do gabinete de marketing internacional/ estudante internacional, existe um gabinete próprio que inicia sua atuação a partir da promoção precisamente, onde fazemos o tal marketing, o objetivo é em contacto seja em direto com os potenciais estudantes, seja com entidades, neste caso falando de Cabo Verde, com entidades que no próprio país nos pode ajudar na promoção, portanto fazendo esta articulação, seja por envio de materiais, seja por nossa deslocação também, que fazemos e temos feito todos os anos à Cabo Verde para fazer também a promoção da nossa oferta formativa.

**3-Como decorre o processo da matrícula dos estudantes cabo-verdianos? O mesmo é possível de ser realizado à distância?**

R: (...) Sim, portanto, o nosso processo, normalmente privilegia quer a candidatura, quer a matrícula através do nosso portal é feito sempre online, por que por efeito, existem informações disponíveis na nossa plataforma, por essa via que o estudante envia suas candidaturas e sendo admitidos, pode efetuar sua matrícula. O estudante tendo feito a sua deslocação para Portugal presencialmente possa obter informações, seja por via deste gabinete do estudante internacional, onde temos pessoas habilitadas a esclarecer os estudantes, quer de matrícula, seja também por via nós, e dos serviços

académicos, quer nos serviços centrais quer nas escolas, onde o estudante possa dirigir para obter informações e apresentar ou submeter algum documento que possa estar em falta; efetivamente privilegiámos sempre o método online através da nossa plataforma e aí que os estudantes devem submeter o seu processo de candidatura e de matrícula.

#### **4-Como vê o processo de adaptação dos estudantes internacionais, nomeadamente os provenientes de Cabo Verde?**

R: Obviamente a adaptação seja dos estudantes cabo-verdianos, mas, seja para quaisquer estudantes internacionais é sempre num primeiro momento, não digo que difícil, mas é sempre complicado, no fundo está a deslocar se do seu país para um país diferente com funcionamento diferente, mas, eu diria que teria uma vantagem acrescida em relação a muitos outros estudantes internacionais. Eu diria que a vantagem do estudante cabo-verdiano é a sua língua que é o português e como tal isso de alguma forma é facilitador da sua adaptação,

#### **Os estudantes cabo-verdianos chegam ao Instituto Politécnico de Leiria no período inicial às aulas, ou chegam já após o início das atividades letivas?**

R: Temos de tudo um pouco, há estudantes que efetivamente conseguem chegar antes das aulas iniciar, essa já tem haver com a forma como ela é instruída, o tempo demora de estudante conseguir sair do seu país e vir para Portugal, e, e, portanto, a verdade é que temos também estudantes que chegam mais tarde, já estando a percorrer o período normal das aulas.

#### **6-No Instituto Politécnico de Leiria é realizado o acolhimento aos estudantes, nomeadamente aos estudantes internacionais?**

R: Normalmente fazemos um evento de acolhimento que se chama ação de sete parte que é sobretudo dirigida a todos os estudantes internacionais que chegam pela primeira vez ao Politécnico de Leiria, é um encontro que fazemos com todos, no fundo criar ali uma empatia quer com a instituição quer com outros colegas de outras nacionalidades, seja internacionais, seja os portugueses, procuramos que todos os estudantes possam estar.

**Em caso afirmativo, como decorre o processo de acolhimento e existe alguém responsável por este processo de acolhimento?**

R: Sim, a chegada de estudantes ao Politécnico de Leiria, nomeadamente os estudantes internacionais pode ser feita, quer aqui nível central com apoio de nosso gabinete internacional efetivamente nós podemos fazer o primeiro contacto com estes estudantes e daí pelo facto de sermos nós a organizar a tal festa de estudantes internacionais como forma de dar as boas vindas aos estudantes, e depois, é fundamental também o papel que os colegas das escolas, dos gabinetes internacionais das escolas tem de também efetuar este acolhimento.

**8-Constata diferenças no processo de acolhimento dos estudantes internacionais entre ESECS e outras escolas particularmente a ESTG? Elas partilham as mesmas agendas ou não?**

R: Cada escola pode ter uma agenda específica, até porque a escola tem algumas especificidades por si só, há escola que como é o caso de Caldas de Rainha e Peniche que estão distantes e que, portanto, acaba em alguns casos por ter agendas própria. Há eventos que são transversais, as de trans 7 partes, seja o convívio de natal, seja também a possibilidade para os estudantes que ficam em Portugal que não pode passar Natal à casa, temos famílias de acolhimento que recebem estudantes que se candidatam a passar o natal com a família portuguesa.

**9-Até que ponto é importante a existência de um técnico exclusivamente responsável pelo acolhimento dos estudantes internacionais e auxiliar o mesmo nos seus primeiros dias?**

R: Eu acho que é extremamente importante, e portanto, como consideramos isso, todas as escolas neste momento possuem pelo menos uma pessoa que tem esta vertente, na verdade importa que em cada uma escola existem pelo menos uma pessoa que está disponível para acompanhar esses estudantes e dar apoio necessários, portanto, caso normalmente os estudantes vem ter connosco normalmente aqui do ponto de vista central, no nosso gabinete, nos normalmente procuramos encaminhar este estudante normalmente para o colega que está na escola, esse gabinete, quer na ESECS, quer na ESTG, quer na ESAU, quer na ESTM, quer na EZTLI e que o estudante deve privilegiar quando tem alguma dificuldade.

**10-Considera que o Instituto Politécnico de Leiria desenvolve práticas de mediação no processo de integração dos estudantes internacionais?**

R: (...) O que procuramos fazer, tem haver precisamente, se tem identificado uma situação em que há uma dificuldade de estudante, seja do ponto de vista de relação com o colega, seja na relação com o professor, com alguma situação que possa ocorrer no âmbito do local onde está instalado, portanto; o que nós fazemos é identificar e depois procurar encaminhar, seja para a coordenação do curso, que podem ai ter um papel fundamental, seja também no serviço de apoio ao estudantes, (...) há todo um processo já que dá respostas às necessidades, ou seja, há intervenções já que vem com esta prática e procedimentos que conseguem garantir a mediação no processo de integração dos estudantes. Todo este processo que possa ser necessário mediação pode ocorrer do colega, que está no gabinete internacional, nas escolas, daí pode decorrer algum apoio, havendo uma identificação de uma situação em concreto, seja através do encaminhamento aos serviços de apoio ao estudante que muitas vezes pelo facto de aí poder ter uma garantia de anonimato, naquela situação nós temos gabinetes de atendimento de fato que procuram proteger os estudantes e dar-lhe o apoio necessário, até fazer articulações com escola, com coordenação de curso, com a direção das escolas, com os professores de acordo com a situação.

**11- Considerando que a mediação intercultural assume uma função importante na construção de pontes entre pessoas e realidades socioculturais diferentes”, em que âmbitos é que poderia exercer-se a função de um mediador intercultural no processo de acolhimento e de integração dos estudantes internacionais no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Quer nos gabinetes de estudantes internacionais, quer no gabinete internacional tem, obviamente um papel importante nesta mediação, portanto esta mediação pode surgir no ponto de vista de integração, portanto que é necessário, sobre tudo naquela fase mais inicial, nos primeiros tempos, em que o estudante sente a barreira cultural, que existe, ou se haver uma questão cultural que é diferente, numa fase de adaptação, caso surja, uma situação de conflito intercultural, que possa surgir com estudante cabo-verdiano, com estudantes portugueses, ou com estudantes de outras nacionalidades, obviamente cabe nós identificar essa situação e procurar resolve-la, aí, todos temos um papel importante, aqui não só os colaboradores, colegas de gabinetes, mas os professores

neste caso também tem um papel fundamental como mediadores, claro que depende de caso para caso. No fundo nós ouvimos e estamos disponíveis, para receber os estudantes, para falar com os estudantes, para ouvir os estudantes e fazer o encaminhamento necessário até resolução.

**12-Os estudantes cabo-verdianos no Instituto Politécnico de Leiria têm procurado os serviços disponíveis, nomeadamente os de apoio ao estudante?**

R: Normalmente quando é necessário eu creio que sim, portanto não consigo dizer precisamente neste momento, neste ano, até porque este serviço é um serviço autónomo, existe no caso de serviço de apoio ao estudante, portanto aquele serviço que referi, está disponível para receber os estudantes do ponto de vista de apoio até psicológico, porque no fundo é um serviço que existe com profissionais devidamente habilitados para dar esse apoio, e que o estudante pode, de forma anónima recorrer e gratuito. Gostaria de responder que relativamente os estudantes recorrem a nós para pedir apoios em vários domínios.

**13-O Instituto Politécnico de Leiria desenvolve atividades extracurriculares que influencia a participação e envolvimento dos estudantes internacionais?**

**14-Qual é o nível de envolvimento e participação dos estudantes cabo-verdianos nas atividades desenvolvidas pelo Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Sim, eu acho que participam em algumas, não participam em todas, porque são muitos, o Politécnico de Leiria oferece um vasto leque de atividades que vai para atividades mais lúdicas de animação, diria até de convívio dirigidas, com especial destaque para estudantes internacionais, sim que provavelmente participam porque de facto, a oferta de atividades que vão para além de normais assistências às aulas.

**15-Considera que os estudantes cabo-verdianos que se encontram a estudar no Instituto Politécnico de Leiria estão integrados?**

R: Eu acho que sim, eu não acredito que sim, logicamente, não só os cabo-verdianos, como todos os outros portanto é verdade é que se assim não fosse, o Politécnico de Leiria não teria um crescimento tão elevado que tem tido ao longo dos últimos anos de estudantes, e nomeadamente os estudantes cabo-verdianos, Cabo Verde, é um dos países que enviam mais estudantes, em que recebemos efetivamente mais estudantes,

portanto eu diria que está no nosso top cinco das nacionalidades de estudantes que mais recebemos, tem havido um aumento efetivo de estudantes de Cabo Verde, portanto isto também é demonstrativo da capacidade que Politécnico tem de receber, acolher e entregar os estudantes, também uma das maiores de promover quer a qualidade do nosso ensino, quer do ponto de vista de integração de estudantes é o passa palavra, portanto é a informação que os estudantes encontram cá vão passar aos futuros estudantes e portanto acreditamos que isso também tem uma influência na vinda de mais estudantes para nossa instituições.

**16-Existem algumas iniciativas no Instituto Politécnico de Leiria para facilitar e melhorar a integração dos estudantes cabo-verdianos?**

R: Sim, o Politécnico possui acordos de cooperação diversos, nomeadamente com as instituições cabo-verdianas, essas instituições passam pelos próprios municípios, temos algumas cooperações com alguns municípios de Cabo Verde, temos cooperações com universidades cabo-verdianas também, e, e temos estudantes que vem algumas vezes até para fazer programas de curta duração ou que, é pela própria universidade que tem conhecimento e sempre há estudantes que vem desenvolver programas de mestrados, que fazem a licenciatura no seu país de origem e depois vem cá realizar uma pós graduação, ou um mestrado.

## Anexo 4 – Transcrição da entrevista do estudante 1

Boa tarde, mais uma vez, como já tínhamos falado, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso; esteja à vontade em responder as questões e acrescentar suas considerações se pretender.

**Pode fazer uma pequena apresentação se faz favor, incluindo (Nome, idade, nacionalidade, curso a que frequenta, ano que entrou em Portugal)?**

R: Meu nome é Júnior, natural de Calheta, São Miguel, em Cabo Verde, tenho 18 anos, frequento o curso de Relações Humanas e Comunicação organizacional em ESECS, cheguei Portugal em novembro do ano passado.

**Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Confesso que nem conhecia Leiria, nunca tinha ouvido falar de Leiria, mas a vereadora que trabalha na Câmara Municipal, “a Celisa”, e alguns colegas que já tinha vindo antes me aconselharam, disseram que era bom, que tinha bom ensino, e fui ver de todos os cursos já que nas instalações da Câmara Municipal, estavam a oferecer mais cursos técnicos, de todas as áreas de licenciatura, é que mais me atraiu.

**3-Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Sim, foi a minha primeira viagem para fora de Cabo Verde.

**Que expetativas tinhas sobre a partida para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Tinha pessoas da minha família que já tinha estudado fora, e não me iludiu tanto, me deu a noção da realidade e praticamente essa realidade que eu encontrei aqui, tipo não vim com tanta ilusão de que europa é tudo mais isso, mais aquilo, mais fácil, vim praticamente com noção do que ia encontrar, com obstáculos, já que estudo num país que não é meu.

**5-Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)?**

R: Há muita burocracia na embaixada, muita burocracia mesmo, ficam inventando papéis que nem estava no quadro que eles tinham indicado, ficam inventando papel e

demora muito e, com certeza 95% dos estudantes que vão pedir visto vão chegar atrasado aqui.

**6-Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera? Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R. Ao Princípio era pessoas, era, algumas pessoas da minha zona, “o César e Samir que é, são os meus amigos desde infância chegaram aqui, já praticamente não tinha esse problema de procura de lugar para residir já que os rapazes tinha alugado um lugar, quando cheguei aqui é muito diferente, mas, é calmo e considero um bom lugar para estudar.

**Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Não, Eu, tipo, comecei eu e meu amigo “Arnaldo” que é natural da Ilha de Fogo, chegamos aqui praticamente, eu cheguei aqui um mês depois que eu consegui assistir as aulas, cheguei atrasado, fiquei ainda mais atrasado, tivemos aulas, praticamente nós dois resolvemos estes processos por nossas pernas mesmo já que os colegas que já tinha assistidos as aulas estavam ocupados, não estavam a conseguir nos ajudar, mas dos restos nos deram as costas, foram mesmos os colegas das nossas turmas.

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: Sim, por acaso ouve um bocadinho, cheguei atrasado, eu tinha que colocar as propinas em dia, também a cena do curso, já que o regime do curso que tinha escolhido era presencial e o que chegou aqui na carta de “viradero” da inscrição, chegou ensino à distância, e não queria isso, isso acabou por alongar (...) e ouve muitas etapas. Comecei a assistir aulas no dia 25 de novembro e praticamente só conclui a minha matrícula no dia 13 a 14 de dezembro.

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: A receção está mais para mais ou menos, tipo, o tratamento está num nível normal, em termos de tratamento não há muito que queixar da escola, a forma de receção que

está mais ou menos, quem vem no princípio para fazer matrícula é que é um pouco mais complicado já que a burocracia na nossa embaixada não nos facilita.

**No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: A princípio teria que ser uma pessoa que já tinha uma experiência aqui, já conhece realidade que já estudou e que sabe como tudo isso funciona, facilitaria muito e haveria pouco abandono, já que a princípio muitos colegas não conseguiram se adaptar, até mais... só que eu tive o mestre que já esteve aqui à 17 anos e ajudou me mais com os papéis exteriores, para tirar os documentos para SEF, isso me facilitou muito.

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: Na turma foi um processo fácil. Os colegas da turma foram simpáticos, logo de cara nos apresentaram lugares, nos falaram acerca do curso como que era, começamos a interagir e fizemos alguns amigos, acerca do curso, houve uma etapa que nos dava para entender já que era muito semelhante a o que tinha estudado em Cabo verde, só a língua que é muito mais aplicado e isso que foi o ponto negativo do curso mais ou menos já que a língua é um dos focos, e a nossa base principalmente na disciplina de inglês quando chegamos aqui parece não ser nada.

**Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: Sim, tenho muitos amigos, tenho muitos amigos que, de outras nacionalidades, todas, praticamente, tenho amigos brasileiros, portugueses, internacionais da África: angolanos, equatorianos. Tenho, tenho aqui praticamente tenho muitos amigos.

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: Sim, eu convivo, como eu te disse tenho amigos, tipo, combinamos sair, para ver algumas “cenas” e participar nas atividades, mais, tipo, desta parte consegui isso; fui simpático com os meus amigos, através do meu amigo, começou a apresentar seus amigos e assim começou a interação.

**Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: Há, (...), tenho saudades da vida que eu levava por lá, até que no início o que até hoje faço é ficar comparando, (...), comparar com Cabo Verde, em todos os aspetos, até quando venho jogar a bola, até quando vou para escola não é igual, em princípio tudo é comparação. Mas de Cabo Verde o que eu sinto mais falta é dos meus familiares.

**20- Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: A minha meta a princípio não é trabalhar aqui, quero voltar e dar contributo para o meu país, porque gosto de entrar na política no meu país, ou num trabalho semelhante.

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes em casa?**

R: Sinto me integrado, mas em casa não, (...) sinto já integrado.

## Anexo 5 – Transcrição da entrevista do estudante 2

Boa tarde, mais uma vez, como já tínhamos falado, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso; esteja à vontade em responder as questões e acrescentar suas considerações se pretender.

**Pode fazer uma pequena apresentação se faz favor, incluindo (Nome, idade, nacionalidade, curso a que frequenta, ano que entrou em Portugal)?**

R: Sou Erica Furtado, cabo-verdiana de São Miguel, ilha de Santiago, curso de contabilidade e finanças, cheguei aqui em 2018.

**Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Em princípio eu não estava para vir cá para Politécnico de Leiria, era para Bragança, porque é o único que eu ouvia tudo mundo a dizer Bragança, Bragança, então de repente uma senhora que trabalhava na Câmara Municipal de São Miguel, me disse que eu tinha mérito para estudar aqui, e que aqui talvez era melhor de acordo com os critérios, que eu tinha média e que é uma escola mais boa.

**Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Sim, é minha primeira vez a sair de Cabo Verde.

**Que expetativas tinhas sobre partida para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: No início pensava que para mim era mais-valia, e que sair fora de Cabo Verde, eu ia ter mais experiências, sempre eu ouvi dizer que a escola é mais abrangente, isso, tipo que era mais-valia.

**Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)?**

R: Para mim, não teve problema em questão de pedido de visto, problema foi em receber as respostas demoradas. questão de visto. Visto foi muito atrasado, demorei para receber o visto, isso me atrasou muito, por isso demorei por ir cá para escola; quando cheguei em Portugal, a, de acordo com os que nos disseram lá nós tínhamos

direitos à vaga na residência de Politécnico de Leiria, só que quando chegamos cá nós não tínhamos, por isso eu ainda tive de ter duas a três semanas em Lisboa para poder ir para escola, até conseguir a vaga.

**Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera? Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R: Foi recebida pelo Eduardo, o senhor do gabinete a receber os estudantes internacionais e também a Sónia, mas, eles tipo, começaram a tentar incluir, tipo isso, não era suficiente, eu também precisava da ajuda, talvez da coordenadora, dos professores para me orientar; mas todos me diziam: vai ao módulo estuda e vai conseguir, só isso.

**Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Por parte, de alguns funcionários, não são todos, da Sónia e o Eduardo foram bem.

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: Por acaso não, porque a minha matrícula foi feita pelos; pela, pela Sandrinha, uma Senhora que trabalha na Escola, ... não teve problemas.... Só que teve problemas, eu demorei para ter acesso ao modulo porque eu fiz o plano de pagamento, por isso, eu demorei para ter acesso ao modulo, chegando aqui atrasada e demorei ainda mais para ter acesso a modulo, praticamente só ...

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia de aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: Não

**No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: Tem o Eduardo e a Sónia, os dois são bons...por acaso eu acho que os dois são bons.

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: O acolhimento por parte da turma foi péssimo, ninguém me acolheu, na turma e, pior, a minha coordenadora, eu perguntei em que turma assistir, ela disse, tanto faz, ela não me deu nenhuma indicação, os alunos da minha turma, são os alunos (...) que se acha mais de que as pessoas, mas eu acho que isso é uma coisa deles por natureza talvez.

**Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: Sim, tipo, simpatizamos no trabalho, ou nos trabalhos tipo, brasileiras, equatorianas, é assim surgem amigos porque trabalhamos juntos.

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: (...) Tenho lidado com aquelas que estão a residir nas residências, somente as pessoas que trabalhamos juntos, há pessoas que simpatizamos nas ruas, mas, não é aquela amizade assim, quando olhamos conversamos.

**Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: A família em primeiro lugar, a amizade dos meus amigos, os colegas da escola, do tempo em que as pessoas não eram egoístas em que podemos partilhar conhecimentos.

**Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: Depende, se eu sei que vou conseguir um trabalho lá no meu país, mesmo que estou a ganhar o dobro aqui, prefiro ficar juntamente com os meus pais com minha família.

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes em casa?**

R: (...) Por acaso agora eu sinto, eu gosto de Leiria, eu acho que é uma cidade que combina comigo.

## Anexo 6 – Transcrição da entrevista do estudante 3

Boa tarde, mais uma vez, como já tínhamos falado, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso. Esteja à vontade em responder às questões e acrescentar suas considerações se pretender.

**Pode fazer uma pequena apresentação se faz favor, incluindo (Nome, idade, nacionalidade, curso a que frequenta, ano que entrou em Portugal)?**

R: Meu nome é Edmar Correia, sou cabo-verdiano de Ilha de Santiago, eu vim estudar em Leiria em 2020, curso comunicação e média.

**Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Eu estava a terminar o 12º com aquela ideia de vir estudar fora. Eu sempre tinha aquela paixão de fazer vídeo clipe em Cabo Verde, depois eu vi os colegas, com aquela oportunidade de estudar fora do País, eu comecei a pesquisar, e descobri este curso, escrevi em 3 escolas: era em Leiria, outro era Viana do Castelo, com mais dois e consegui neste, eu fiquei muito contente.

**Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Sim, foi primeira oportunidade que eu encontrei.

**Que expetativas tinhas sobre viagem para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: É procura melhores condições de vida, para ajudar a família, sair fora é esse o meu objetivo, saída de Cabo Verde, basicamente é este o objetivo.

**Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)?**

R: Pedido de visto foi um bocadinho complicado, fiz muitas coisas na Câmara, levei todos os papeis (documento), depois para ser selecionado, depois que o nome foi selecionado tornou um bocadinho mais complicado, fui levar para embaixada, eu fiz todos os papeis (documentos), levei, demorei a esperar para ser chamado. Quando fui chamado, foi comunicado que já estava concedido o visto, e ainda tinha de levar mais

papeis (documentos) para entrega do passaporte, para mim, foi um bocadinho complicado, eles demoram para dar respostas.

**Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera? Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R: No início, vou ser sincero, foi um bocadinho difícil, quando cheguei, primeiro fiquei em Lisboa, depois eu vim para Leiria, eu tive contacto com familiares, que vim descobrir que existe pessoas em Leiria, que foi ao meu encontro, quando cheguei aqui, é um bocadinho difícil. Tive de acostumar com um novo sistema de ensino.

**Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Sim, é Margarida que me ajudou em todos os assuntos, meu amigo me levou aí, ela me indicou tudo como a escola funciona, todos os sistemas de escolas como funcionam, assim, foi ela que me ajudou.

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: No início (...) eu não sabia assuntos de matrícula, eu vim e foi explicado aqui, eu já tinha matrícula atrasado, porque, também eu cheguei atrasado, já eu tive aquele constrangimento, mas família que me ajudou neste aspeto.

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: Sim, foi a margarida, e o meu amigo também, que me ajudou.

**No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: (...) É preciso ser um bom comunicador, a fim de informar a todos, assim eu acho, bom comunicador para informar de toda situação como funciona.

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: Sim, no início, como eu cheguei um bocadinho tímido, eu queria ficar afastado, mas, os colegas, o representante de turma começou a aproximar de mim, conversavam, tentou me informar, perguntou sobre minha cultura, assim eles começaram a colocar nos seus grupos, (...) eles começaram a dizer tudo como funciona, já comecei a adaptar.

**Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: (...) Eu comecei a fazer amizade quando começou atribuição de trabalhos de grupo, como no meu curso e não só é dado muitos trabalhos de grupo, lá que eu comecei a conhecer os colegas, e assim começamos a criar aquela amizade, foi assim mesmo.

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: Sim, agora já consegui (...) já convivo com pessoas que nem são estudantes, como gosto de praticar desporto também, já consegui fazer amigos que não são da escola.

**Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: Em primeiro lugar, a família, depois alguns tipos de alimentos, sinto aquela tanta saudade, por que aqui não existe, e se existir não é igual, de Cabo Verde já é outra coisa.

**Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: (...) Depende, vou pensar duas vezes, porque também não vou querer ficar longe de família, se temos bom trabalho, viver perto de família já é outra coisa.

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes em casa?**

R: Agora sinto em casa, sim, eu sinto-me em casa, já gostei do ensino, por isso que vou dizer que estou em casa agora.

## Anexo 7 – Transcrição da entrevista do estudante 4

Boa tarde, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso; esteja à vontade em responder as questões e acrescentar suas considerações se pretender.

**Boa tarde, mais uma vez, pode fazer uma pequena apresentação se faz favor, incluindo (Nome, idade, nacionalidade, curso a que frequenta, ano que entrou em Portugal)?**

R: Sou Nilson, tenho 20 anos natural da ilha de Santiago Praia São Filipe, cheguei aqui em Portugal no final de 2020 para ingressar no curso de Engenharia de energia e ambiente.

**Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Não, inicialmente, normalmente não era o curso que eu queria fazer, normalmente, como sabe, Cabo Verde a vida é bem difícil, ficar em Cabo Verde terminar de estudar e ficar sem trabalho, daí decidi vir cá, para Leiria, porque, dizem que aqui saem bons alunos e também já terminaram vários alunos cabo-verdianos que terminaram e ingressaram no trabalho, e, no mercado de trabalho. Eu vi isso como uma boa oportunidade também para mim.

**Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Sim (...) em princípio é minha primeira viagem.

**Que expetativas tinhas sobre partida para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Normalmente, (...) eu tinha mais medo, porque, as condições da família normalmente ... no início pensei que ia passar várias dificuldades... estou a passar dificuldades, eu pensava que eu ia passar várias dificuldades e chegar a sofrer, mais por enquanto está a correr tudo bem, tem dificuldade, porque estamos num país novo e as coisas são diferente tem de adaptar.

**Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)? (...)**

**Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera?**

**Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R: Em Politécnico normalmente cheguei, não conhecia ninguém, não conhecia mais ninguém mesmo, porque eu tentava entrar em contato não conseguia mesmo, ah, tive que sair de Lisboa e vir por cá, não conhecia nada mesmo, depois, assim, por isso também tive alguns fracassos por causa disso, num local que não conheço ninguém, quase ninguém tem o mesmo curso, quando é assim fica bem difícil. Tive vários constrangimentos à respeito disso e como as aulas eram online, tive muitas dificuldades.

**Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Na escola por acaso cheguei ali encontrei no serviço académico eles me encaminharam e aí começou ... fiquei um bocadinho mais feliz, não fiquei triste, porque já tinha matriculado e os professores eram simpático e, assim tentaram encaminhar estavam sempre dispostos para tirar as dúvidas, por acaso fui bem encaminhado.

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: Não, matrícula só, eu estava em Lisboa, cheguei fiquei ainda porque estava-se em casa não tinha encontrado casa fiquei uma semana em Lisboa, depois voltei para Leiria para matricular, matriculei e voltei, não tive ninguém assim para me dizer olha tens que fazer isso, eu fui atrás a perguntar.

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: Sim, quando cheguei em Lisboa disse a minha coordenadora do curso, ela entrou em contato comigo tentou me encaminhar, e tentar me encaminhar e fazer com que os colegas me ajudem também, mas, alguns colegas aqui no início não ajudam, mas, não sei se é a minha impressão ou o que é, mas no início assim, ficam afastados, tens que tentar entrar em contacto.

**No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: Sim, isso é uma questão que, até perguntei, para os colegas se não tinha nenhuma pessoa, mesmo que não fosse uma pessoas portuguesa, mesmo que seja do mesmo país, assim fica mais fácil de comunicar, uma pessoa que já conhece aqui bem, já sabem como as coisas funcionam, uma pessoa também que não faz diferença nenhuma, e tem como objetivo ajudar os estudantes, que chegam cá e ficam um pouquinho desorientado porque estão num país que não conhece praticamente nada, uma pessoa com essas qualidades ajudaria muito sim, ajudaria muito.

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: (...) isso foi também um pouquinho engraçado porque, enquanto cheguei aqui, no primeiro dia de aula cheguei na sala de aula assim, tínhamos uma aula prática cheguei na sala de aula e estavam grupos com falta de aluno e o professor disse, que sou africano, que já cheguei, se alguns alunos querem que eu entre no grupo, ninguém disse nada (...), depois fiquei assim um pouquinho desorientado.

**Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: Sim, sim, por acaso no início não estava a conseguir fazer amizade com outros estrangeiros, mas como eu disse, (...), vi uma boa oportunidade, depois agora estou, como os colegas afora estão sempre, andam a me perguntar alguma coisa, e estou a fazer algumas amizades, mesmo tenho alguns amigos, mesmos, ah, a, equatorianos, brasileiros, assim, as vezes me convidam para sair na escola, no sábado.

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: (...) Não, dificilmente convivo com pessoas, mas eu estou em contatos com os estudantes, (...).

**Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: Já tenho um ano aqui mais, ainda não sei, ainda, não senti saudade ainda, para dizer que eu tenho saudade de casa isso aí não, eu sei o que eu vim fazer aqui, estou focado.

**Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: (...) Sim, é bom, comparando para voltar para Cabo Verde (...), eu preferia ficar aqui em Portugal, se for um bom emprego assim para mim, que me ajuda, acho que dá para ficar aqui (...).

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes em casa?**

R: Sim, por acaso, aqui em casa somos dois cabo-verdianos aqui está a estudar também, somos dois cabo-verdianos, dois guineenses também, posso dizer que aqui em casa tratamos bem.

## Anexo 8 – Transcrição da entrevista do estudante 5

E: Boa tarde, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso; esteja à vontade em responder as questões e acrescentar suas considerações.

**Pode fazer uma pequena apresentação se faz favor, incluindo (Nome, idade, nacionalidade, curso a que frequenta, ano que entrou em Portugal)?**

R: Meu nome é Maira Xavier, tenho 19 anos, cheguei aqui em Portugal no ano passado (2021), estou a estudar no Politécnico de Leiria, estou a fazer curso de Engenharia de energia e ambiente, estou no primeiro ano.

**Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Estudar em Portugal, sempre foi daquela opção de base para todos cabo-verdianos porque, foi hábito de familiares, aqui custo de vida é normal assim, aqui é um local como segunda casa, tem muitos cabo-verdianos, aqui viemos para férias, trabalhos, então é um país que fica mais familiarizado.

**Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Não foi a minha primeira viagem para fora de país, já viajei para outro país.

**Que expetativas tinhas sobre partida para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Não tinha nenhuma expetativa, em Leiria, não conhecia nenhuma informação de Leiria, não conhecia ninguém. Fiquei com vontade de conhecer, por acaso soube que tinha muitos cabo-verdiano, eu tinha mais curiosidade em relação a escola.

**Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)?**

R: De começo, passou alguns constrangimentos, porque a embaixada levou 3 meses para me dar visto, levou algum tempo também, não me lembro bem era o que é, mas, demorou, não deram informação se faltava algo desde inscrição, eles não publicaram nada acerca de documentos que deveria levar, qual era o tempo para entrega dos

documentos, tínhamos que esperar pela disponibilidade para entrega dos documentos através do ministério, eles não dizem nada a respeito de alguns documento em falta e era para esperar para a marcação da entrega dos documentos, mas eles não informaram exatamente como deve ser aquele processo para dar entrada na embaixada, eles não disseram nada e fui la saber do processo. Demoraram para atribuir visto e a falta de informação.

**Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera? Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R: A expectativa em relação a cidade, porque eu cheguei através das publicidades, não considerei nenhuma cidade igual a essa (Leiria), porque estudava na Bulgária, cultura, casas eram diferentes, ali está a ser normal, cheguei de Lisboa, uma cabo-verdiana que me tratou bem, me informou, me mostrou Leiria, falou acerca da cidade, eles me mostraram locais em leiria que eu deveria ir e conhecer, ajudaram muito com informação.

**Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Foi cabo-verdianas, em relação a escola, foi uma professora que me ajudou, porque ela estava a me dar aula online desde quando estava em Cabo Verde, só que ela me ajudou muito porque, naquela disciplina eu já estava adiantado, então cheguei atrasado, tinha disciplina para fazer porque ouve aquele atraso, mas ela me informou bem como devo fazer, qual as prioridades entre as disciplinas, até que agora já estou a controlar bem.

**Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: (...) Tive constrangimento, era pela mensagem que eles mandavam código de acesso as aulas, eu não vi a mensagem que eles mandaram, mas depois eles me mandaram de novo, depois eu fiz tudo aqueles passos para acesso a turma, em relação a matrícula não tive problemas (...).

**Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: (...) Foi meus colegas, eles me deram orientação, ajudaram-me a ver horários, ver blocos, salas, entre outros.

**No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: Podia ser uma pessoa que baseava em explicar as metodologias da escola e dos professores como funciona as aulas, assim facilitava os estudantes em acompanhar a matéria que os professores explicam, deve ser a pessoa que tem a habilidade para ajudar, tipo que lhe facilita a adaptação, pessoa criativo, mesmo para informar detalhes do funcionamento do dia-a-dia, tipo, como ter acesso a meio de transportes como conseguir ter acesso, também como tirar alguns documentos, tipo tirar documentos e ter acesso ao banco.

**Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: Em relação a turma, não tive muito ajuda assim, só uma menina brasileira nós encontramos e não sabíamos de nada, foi mesmo com aquela brasileira, tenho alguns amigos cabo-verdianos que me ajudaram.

**Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: Acho que não, acho que foi somente na escola mesmo, tipo, com brasileira, demos bem.

**Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: (...) Com pessoas de Leiria é raramente (...), porque me encontro mais em escola-casa, casa - escola, convivo mais é com cabo-verdianos assim que moram por aqui.

**Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: Aquele clima, aquela praia de mar, de familiares, de comida, de casa, baile, aquela ação da família, os pais que esforçam em fazer tudo para nós.

**Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: (...) Eu ia aceitar porque trabalho e tanto estágio há diferença entre aqui e Cabo Verde. Acho que aqui é remunerado melhor.

**E- Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já se encontra integrado, sentes em casa?**

R: Em casa! não posso dizer que estou a sentir, posso adaptar, mas, nunca é a mesma coisa assim, nós adaptamos, mas adaptar não é mesma coisa. Já estou a adaptar, sim agora posso dizer que me encontro mais integrado.

## Anexo 9 – Transcrição da entrevista do estudante 6

Boa tarde, mais uma vez, como já tínhamos falado, sou Bernardino Cardoso Furtado, cabo-verdiano, estudante no Instituto Politécnico de Leiria, no curso de mestrado em mediação intercultural e intervenção social, estou aqui para realização de uma pequena entrevista no âmbito do trabalho de conclusão do curso; esteja à vontade em responder as questões e acrescentar suas considerações se pretender.

### **1-Pode começar por fazer uma pequena apresentação se faz favor (Nome, idade, curso, momento em que entrou em Portugal)?**

R: Sou Denise Mendes, tenho 20 anos e estou no curso de Engenharia de Energia e Ambiente, cheguei a pouco tempo, posso dizer, no começo de fevereiro, eu cheguei um pouco atrasado, por isso está a ser um pouco difícil, mas não é impossível.

### **2- Como surgiu a ideia de estudar em Portugal e, em Particular no Instituto Politécnico de Leiria? Teve informação de alguém?**

R: Não tive nenhuma informação dessa universidade, teve um concurso e, para ser claro não tinha ideia em vir, como apareceu concurso, eu fui concorrer, depois eles ligaram e me informaram que fui aceite, mas não tinha nenhuma informação antes sobre estudar aqui.

### **3- Trata-se da sua primeira viagem para fora do país de origem?**

R: Sim, foi primeiro.

### **4-Que expetativas tinhas sobre partida para Portugal e sobre estudar no Instituto Politécnico de Leiria?**

R: Pela informação que ficaram a dar, minhas amigas, colegas ficaram a dizer que é um pouco difícil. Tenho que adaptar em novo tipo de escolas, foi um pouco difícil, porque eu ainda vim chegar aqui atrasado.

### **5- Como decorreu o processo de obtenção do visto (tempo, dificuldades, etc.)?**

R: Depois que fui aceite na Universidade, eu fui para embaixada em outubro e regressei, e tive visto só em janeiro, foi um pouco demorado.

### **6- Quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria, tiveste alguém à tua espera? Qual foi a primeira impressão com que ficaste quando chegaste?**

R: Eles foram me buscar, porque antes eu vim para Lisboa, para casa da minha tia, depois que as pessoas da escola foram me procurar. Amanheceu 2ª feira e, e estava pessoas, e um grupo de estudantes cabo-verdiano, de ESECS (...) eu tinha uma ideia na cabeça, eu esperava fazê-la de uma outra forma.

**7- Foste acolhido por alguém quando chegaste ao Instituto Politécnico de Leiria? Se sim, quem? Como decorreu este acolhimento?**

R: Foi um aluno, Bramiam, ele está na associação de estudantes internacionais.

**8- Durante o processo de matrícula tiveste apoio? Houve dificuldades durante a matrícula?**

R: Não teve dificuldade.

**9- Houve algum acolhimento específico no primeiro dia das aulas? Recebeste informação sobre o funcionamento das aulas e do curso?**

R: Infelizmente não (...) eu acho que é por causa de atraso também, tipo, eu vim chegar no tempo de ferias.

**10- No caso de não ter havido, consideras importante que houvesse alguém que realizasse o acolhimento e que te ajudasse nos primeiros tempos? Quem é que deveria ser essa pessoa? Que competências deveria ter?**

R: É que podia receber os estudantes da melhor forma, para sentir mais à-vontade aqui, para sentir mais motivação em estudar, se tiver algum apoio, no início dá mais motivo para fazer aquilo que vens fazer, porque há muitas pessoas que desistem por falta de apoio, falta de aconselhamento.

**11- Como foi o teu acolhimento por parte da turma e como foi a tua adaptação ao curso?**

R: (...) De turma não, aqueles primeiros dias não foi fácil, porque eu também não tenho muita interação com pessoas.

**15- Já estabeleceste amizade com outros alunos estrangeiros?**

R: Sim, (...) não sei porquê, mas, está a correr normal.

**16- Tens contato com as pessoas de Leiria? Convives com algumas pessoas de Leiria no teu dia-a-dia? Quanto é que convives com essas pessoas?**

R: (...) Não tenho (...), eu convivo só com os estudantes aqui mesmo de residência, alguns colegas de quarto.

**17- Como estás a encarar a distância ao teu país de origem? Quais os aspetos de que sentes mais falta?**

R: Não tenho muito tempo aqui, mas, minhas famílias, eles são a minha base, distancia está a causar uma falta deles, e porque eu nunca afastei da minha família, já tenho vinte anos nunca eu fiquei longe muito tempo assim da minha família, e situação está a ser um pouco difícil, mas, é preciso, nós temos que afastar para ter mais maturidade.

**20- Qual seria a decisão se no final do curso aparecesse uma oferta de trabalho a que deseja aqui em Portugal?**

R: Vou ficar, vou ficar.

**Agora, mesmo no Instituto Politécnico de Leiria, consideras que já estás integrado, sentes em casa?**

R: Isso agora não sei responder.